

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ELISA DE SANTA CECÍLIA MASSA

*Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso
suicida – as horas que separam duas mortes.*

Belo Horizonte

2012

ELISA DE SANTA CECÍLIA MASSA

**Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso suicida –
as horas que separam duas mortes.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos psicanalíticos

Orientadora: Cassandra Pereira França

Belo Horizonte

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A Dissertação “Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso suicida - as horas que separam duas mortes.”

elaborada por **Elisa de Santa Cecília Massa**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 06 de junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cassandra Pereira França
(Orientadora)



Profa. Dra. Lúcia Castello Branco



Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski

Dedicatória

Antes, à minha mãe, Teresa.

À Ana, minha irmã.

Ao Francisco, com amor.

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio e pela aposta. À minha mãe, Teresa e ao meu pai, Haroldo. Ao Bruno e à Ana, *surtout*, pelo incentivo e pelo exemplo.

Ao Francisco, pela parceria e por tudo.

Às queridas amigas de sempre, Livia Santiago e Mariana Camilo, pelos caminhos de vida e amizade construídos até aqui, e pelos encontros sempre possíveis. Pelas trocas e pela sintonia sempre permeadas pelo estudo da psicanálise, por apreço e por ofício. Ao Rafael Prosdocimi, à Jula Dorigo e à Marilaine Lopes. Agradeço ainda a Ana Carolina Loss, Rebecca Fagundes e Carla Larica, pela cumplicidade e pelo carinho.

À Prof.^a Ana Cecília Carvalho, por me ensinar o gosto pela psicanálise e por ter me introduzido à pesquisa acadêmica. Ao grupo de pesquisa sobre sublimação, de onde se originam as inquietações que provocaram essa pesquisa, e outras.

Aos colegas de mestrado, companheiros das agruras e das conquistas: Cristiana Mazzini, Larissa Bacelete, Diego Rodrigues, Izabela Roman.

Às Professoras Lucia Castello Branco e Daniela Centenaro Levandowski, pela gentileza de terem aceitado o convite para participar da banca examinadora, possibilitando o enriquecimento do meu trabalho e o arejamento das ideias.

Especialmente, agradeço à minha orientadora, Prof.^a Cassandra Pereira França, pela generosidade com que me auxiliou a lavrar os caminhos da escrita.

Nada, nada podrá ser más amargo
Que el mar que llevo dentro, solo y ciego.
El mar antiguo Edipo que me recorre a tientas
desde todos los siglos,
cuando mi sangre aún no era mi sangre,
cuando mi piel crecía en la piel de otro cuerpo,
cuando alguien respiraba por mí que aún no nacía.

Xavier Villaurrutia

Hoy todos me han traicionado. El diálogo delirante con mi madre. Es un peso gravísimo, terrible, terrible, que me hará perder la vida del modo más cruel. Ella sabe, ahora, del fracaso de toda su vida. ¿Cómo compensarla? ¿Cómo ayudarla? [...] Ésta es mi madre, la que hizo de mi infancia un laberinto de tristezas sin nombre. Y ella y yo estamos tan vencidas que desapareció la culpable así como la víctima. La quiero mucho, pero sobrellevar su vida (en mis hombros que tanto me duelen) implica inmolarme. Y claro que me inmolo. Por supuesto que me doy en holocausto. ¿Y qué?

Alejandra Pizarnik

RESUMO

Massa, E.S.C. (2012). *Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso suicida – as horas que separam duas mortes*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

O presente trabalho investiga as contribuições psicanalíticas acerca do tema *suicídio*, haja vista sua possível vinculação a um acontecimento bastante precoce na vida psíquica do sujeito; trata-se de uma falha ocorrida nos primeiros momentos do encontro com o objeto materno. Tal episódio foi abordado em associação com determinada posição subjetiva, decorrente dos percalços na relação com esse primeiro objeto de amor. Seguindo a indicação de Freud, a abordagem do suicídio se deu a partir da melancolia e de uma relação entre esses dois termos. É abordado, ademais, o contexto teórico que acarreta o surgimento do conceito de *pulsão de morte* na teoria freudiana e sua relevância na práxis psicanalítica e na compreensão do autoextermínio. Além disso, foram trabalhados os textos freudianos que investigam as determinações inconscientes do suicídio e da autoagressividade. A questão do objeto materno como primeiro objeto de amor mostrou ter grande relevância na construção de toda relação objetual futura. Desse modo, ao se considerar que o suicídio, do ponto de vista psicanalítico, é um ataque anteriormente destinado ao outro, fez-se necessário considerar em que termos se deu esse primeiro encontro com a alteridade. Nesse sentido, foram reunidas algumas contribuições de autores pós-freudianos que trabalharam nessa perspectiva para compreender o autoextermínio. A análise da melancolia proposta por Marie-Claude Lambotte, em *O discurso melancólico – da fenomenologia à metapsicologia* (1997), foi uma referência importante da pesquisa, pela riqueza das contribuições no que concerne à compreensão da relação entre o objeto primário e o desejo de morte. Tal obra reúne contribuições fundamentais para este enfoque: *o estádio do espelho*, *o suicídio do objeto* e *a sublimação da imago materna*, da teoria lacaniana, além de alguns desdobramentos a respeito da problemática especular. Lambotte define a centralidade do narcisismo para a compreensão da problemática melancólica, através de uma abordagem acerca da “nova ação psíquica”. Tal conceito, proposto por Freud para designar a mudança da dispersão autoerótica para a unificação promovida pelo narcisismo, permite que a autora localize, nesse ponto, a precocidade da falha melancólica, o que não apenas explica a fragilidade das relações objetuais posteriores, como também põe em relevo a influência de um período pré-especular. Tendo-se em vista a compreensão da relação entre o suicídio e essa falha quanto ao vínculo com o objeto materno, empreendeu-se uma análise do filme *As horas*, do diretor Stephen Daldry (2002), em face dos possíveis diálogos entre o enredo e a teoria até então trabalhada. Foi levada em consideração, principalmente, uma relação específica entre duas personagens do filme (Laura Brown e seu filho Richard), embora a investigação sobre o filme tenha suscitado outras questões que puderam ser vislumbradas pelo viés da teoria psicanalítica, como a questão das representações do feminino e da morte e suas aproximações.

Palavras-chave: suicídio; objeto materno; pulsão de morte; melancolia.

ABSTRACT

Massa, E.S.C. (2012). Reflections of the maternal object: from the melancholic affection to suicide – the hours separating two deaths. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

The present work investigates the psychoanalytic contributions on the theme *suicide*, given their possible attachment to a very early event in the psychic life of the subject; it is a failure occurred in the first moments of the encounter with the maternal object. This episode was discussed in association with certain subjective position, resulting from mishaps in relation to this first love object. According to Freud's indication, the approach to suicide took place from the melancholy and a relationship between these two terms. It is addressed, in addition, the theoretical context that implies the emergence of the concept of *death drive* in Freudian theory and its relevance in psychoanalytic practice and understanding of suicide. Moreover, the texts were worked investigating the Freudian unconscious determinations of suicide and self-destruction. The issue of maternal object as the first object of love shown to have great relevance in the construction of all future object relations. Thus, when considering suicide, the psychoanalytic point of view, is an attack earlier for the other, it was necessary to consider under what conditions did this first encounter with otherness. In this sense, some contributions were collected for post-Freudian authors who have worked in this perspective to understand the suicide. The analysis of melancholy proposed by Marie-Claude Lambotte in *O discurso melancólico – da fenomenologia à metapsicologia* (1997), was an important reference for research, the richness of the contributions with regard to understanding the relationship between the primary object of desire and death. This work brings together key contributions to this approach: the *mirror stage*, the *suicide of the object* and the *sublimation of the maternal imago*, of Lacanian theory, and some developments regarding the issue of the *mirror stage*. Lambotte defines the centrality of narcissism to understand the melancholic issue, through an approach about the "new psychic action." Such a concept introduced by Freud to describe the change of the dispersion autoerotic for the unification promoted by narcissism, allows the author locate at this point, premature failure of melancholy, which not only explains the weakness of later object relations, but also carries emphasize the influence of a "pre-mirror" stage. Having in view to understanding the relationship between suicide and the failure on the bond with the maternal object, undertook an analysis of the film *The Hours* (2002), directed by Stephen Daldry, in face of possible dialogues between the story of the movie and the theory so far worked. Was taken into account, especially a specific relationship between two characters in the film (Laura Brown and his son Richard), although research on the movie has raised other issues that could be glimpsed through the bias of psychoanalytic theory, as the issue of representations of Women and death and their approaches.

Keywords: suicide; maternal object; death drive; melancholy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I- Bases freudianas para estudo acerca do suicídio: algumas considerações sobre a morte	14
1.1-O sentido da autodestrutividade.....	14
1.2-O debate sobre o suicídio nas “sessões de quarta-feira”.....	15
1.3- Os impasses da teoria e o surgimento da pulsão de morte.....	25
1.4- O impulso suicida no caso da jovem homossexual	31
CAPÍTULO II- As marcas das primeiras relações objetais no inconsciente.....	35
2.1- A função do objeto materno.....	35
2.2-O objeto perdido e a sombra abandônica	37
2.3- A questão da identificação.....	40
2.3.1-As primeiras identificações e a formação do supereu.....	42
2.4-A atuação da pulsão de morte.....	44
2.4.1- Neurose obsessiva, melancolia e pulsão de morte.....	46
2.5- O reencontro com a imago materna.....	48
2.6- A problemática especular.....	50
2.6.1-A fase pré-especular.....	55
2.6.2- A nova ação psíquica- a centralidade da questão narcísica.....	56
2.7- O risco de suicídio.....	63
2.8- O negativismo como defesa.....	68
2.9- A mãe e seu desejo de morte.....	71
CAPÍTULO III - O afogamento na angústia no filme “As horas”.....	76
3.1- Entre a análise da obra e o desejo do crítico.....	76
3.2- Apontamentos biográficos sobre Virginia Woolf.....	79
3.3- A trama das Horas.....	81
3.4- O espelho vazio da janela.....	86
3.5-Virginia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan: três faces do mortífero.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

Belo Horizonte, 21 de maio de 2015.

Eu, Elisa de Santa Cecília Massa, RG 15.860.744, declaro não estar de posse da carteirinha da Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, referente ao período de curso do Mestrado, que teve início em 2010/1 e foi concluído em 2012/1.

Número de matrícula: 2010037846

Elisa de Santa Cecília Massa

Introdução

A presente pesquisa se propõe a investigar as contribuições da psicanálise acerca de um tema que muitas vezes se apresenta como tabu, regido por regras veladas que determinam que não se pense ou se fale sobre ele: o suicídio. Quando esta é a causa da morte, a família se cala, a imprensa evita se pronunciar, e a religião ocidental desaprova a discussão, pois se trata, supostamente, de um pecado que condena eternamente a alma. Entre os desdobramentos que o tema do suicídio permite vislumbrar, encontramos diversos aspectos que influenciam sua ocorrência: as questões sociais, morais, culturais e religiosas, cada uma delas trazendo uma enorme quantidade de variáveis. Da mesma forma, são várias as teorias que se propõem a abordar o tema. Mesmo sob o prisma da psicanálise, as diferentes abordagens teóricas terão ainda considerações diversas sobre o assunto. Desse modo, escolher um caminho para adentrar em um tema tão nebuloso também se apresentou como parte do problema de pesquisa.

Essa “saída de cena”, que por vezes se insinua como tentadora, é, para o escritor Albert Camus (1989), a única questão verdadeiramente filosófica e parece não estar distante do repertório fantasístico de qualquer neurótico. Para a psicanálise, o risco do suicídio é uma sombra que paira sobre casos difíceis. Mas quais são as teorias e conceitos que poderiam ajudar o analista a compreender as determinações inconscientes do ato de autoextermínio? Como veremos, a abordagem do tema que propomos se dá por duas vertentes: a pulsão de morte e o aparecimento das relações de objeto, tendo como parâmetro as formulações encontradas na teoria freudiana, para que, munidos desse material, possamos por fim nos debruçar sobre um produto da cultura, que tangencia pontos importantes da discussão.

A motivação desta pesquisa teve origem a partir dos questionamentos suscitados por um Projeto de Iniciação Científica, do qual participei durante a Graduação em Psicologia, na UFMG, desenvolvido entre 2004 e 2007. O tema pesquisado, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cecília Carvalho e do Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha, era a interface entre sublimação e arte, especificamente a literatura e os aspectos destrutivos subjacentes à sublimação. Investigamos a abrangência do conceito de sublimação na psicanálise e a relação entre a vida e a obra de algumas autoras que, embora estivessem em período de plena produtividade artística, tragicamente cometeram suicídio. Durante a pesquisa, detivemo-nos especialmente em duas escritoras: a americana Anne Sexton e a brasileira Ana Cristina

César¹, investigando a relação entre a vida e a obra delas. A escrita, apesar de ser frequentemente considerada como elemento apaziguador das angústias, dotada de uma característica muitas vezes denominada “função terapêutica”, parece ter tido uma função ambígua na história dessas escritoras, pois, ao compararmos a produção artística com diários de anotações e dados biográficos, percebemos que a escrita proporcionava algum apaziguamento, mas era também suscitadora de angústias e afetos disruptivos.

Ao nos determos às teorizações freudianas da segunda tópica, pudemos concluir que o mecanismo da sublimação está diretamente vinculado à pulsão de morte, visto que acarreta a desfunção pulsional, condição para que a pulsão sexual possa ser sublimada. Contudo, esse processo deixa livre a pulsão de morte, que, por estar desligada, trabalha sem impedimentos em direção à destrutividade. A pulsão de morte é, então, indispensável para o entendimento da sublimação, processo decorrente de uma dessexualização, que retira a libido do objeto através de um desligamento. Essa retirada deixa o eu à mercê do polo desorganizado da pulsão, o mortífero. Freud nos alerta para esse desdobramento decorrente da sublimação da pulsão em *O ego e o id* (Freud, 1923): “o trabalho de sublimação do ego resulta numa desfunção dos instintos e numa liberação dos instintos agressivos no superego, sua luta contra a libido expõe-no aos perigos de maus tratos e morte.” (p.73). Ou seja, o desintrincamento entre as pulsões, inerente à sublimação, faz com que a pulsão de morte ganhe território, pois a libido à qual estava anteriormente vinculada foi destinada ao processo sublimatório. A partir dessa compreensão, o estudo da sublimação nos convidou a entender mais de perto os elementos destrutivos que se engendram nos processos psíquicos e as maneiras pelas quais podemos aferir sua atuação no psiquismo.

Além da relação com o processo sublimatório inerente ao processo criativo (que analisamos naquele momento da pesquisa), outros determinantes certamente atuam para que o ato suicida seja levado a cabo, sobretudo ao considerarmos a sobredeterminação psíquica. Ainda assim, chama a atenção o fato de que a mais conhecida formulação de Freud sobre o suicídio seja encontrada no texto em que o psicanalista desvenda o funcionamento melancólico, *Luto e melancolia* (Freud, 1917[1915]). O autor argumenta que a agressividade que o eu levanta sobre si se explica pelo fato de que há um objeto introjetado nesse eu, a quem tal ato se destinaria originalmente.

¹Para maior aprofundamento no tema, conferir em http://conpdl.com.br/conpdl_anais.pdf, o artigo “Psicanálise e literatura: os caminhos da sublimação no espaço literário”. (Massa, E.S.C., Moreira, L.S., Oliveira, M.C. & Drummond, P.R. (2009) In *I Congresso Nacional de psicanálise, Direito e Literatura*. (pp.485-501).

Como veremos, essa conclusão de Freud é fruto de um raciocínio presente já em 1910, quando o autor localiza na melancolia o ponto central para a discussão psicanalítica sobre o ato suicida. Assim, revela-se essencial pesquisar a influência que as relações de objeto exercem nos casos de suicídio. Tal inferência nos conduziu a um ponto bastante precoce, precisamente o momento em que se constituem as relações objetais, que coincide com a formação do sujeito propriamente dito, já que apenas quando é possível reconhecer a presença de uma subjetividade se pode supor a percepção do outro.

Assim, optamos por pesquisar um aspecto que, ainda que não encerre uma generalização a respeito do suicídio, oferece um interessante campo investigativo apontado por diversos autores: a relação entre o suicídio e uma falha na relação com o objeto materno, ocorrida muito precocemente. Não pretendemos esgotar as questões que se apresentam diante do tema do autoextermínio, mas investigar as inferências que encontramos na teoria que podem auxiliar na compreensão do tema. A morte é tema recorrente na psicanálise, seja a partir de seu vínculo com a destrutividade e a agressividade, seja por sua impossibilidade de representação psíquica. Desse modo, procuramos reunir elementos para formalizar algumas hipóteses que deverão ser balizadas no exercício da práxis psicanalítica, seguindo as indicações que a própria teoria apresenta.

Começaremos nosso trabalho analisando os primeiros passos da psicanálise em direção à compreensão do suicídio. Embora Freud nunca tenha escrito sistematicamente a respeito desse tema, encontramos, em vários textos, além de algumas menções mais diretas ao assunto, elementos que auxiliam na concepção psicanalítica a respeito do autoextermínio.

Embora nosso imaginário seja povoado por fantasias sobre a própria morte, esta só pode ser vivenciada através da morte do outro, já que não é possível fazer coexistir a experiência e a própria morte. Essa ideia revela, para além de sua obviedade, uma questão fundamental que Freud já antevê ao escrever sobre suicídio e melancolia: a preponderância do outro no autoextermínio e a forma como este ato é endereçado ao objeto. Além disso, podemos antever o componente narcísico presente nessas ideias.

Se inicialmente Freud acreditou ser possível balizar a conduta humana na busca do prazer, da autoconservação e da manutenção da espécie, desafios clínicos que envolviam movimentos de autodestrutividade convocaram sua arguta observação, levando-o a rever todo o modelo pulsional psicanalítico vigente para abarcar o que sua teoria ainda não tinha, até então, podido vislumbrar: a força da pulsão de morte. Assim, no capítulo I nos deteremos sobre as elaborações freudianas a respeito do suicídio, retomando os momentos da obra em que o tema foi desenvolvido. Veremos que, em 1901, em *A psicopatologia da vida cotidiana*,

Freud já lançava mão de uma interpretação na qual atos acidentais podiam ser vinculados a impulsos inconscientes de autopunição. As discussões contidas em *Les premiers psychanalystes* (1910), transcrição das minutas das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena entre 1908 e 1910, nos mostram que o suicídio aparece como tema central de duas dessas sessões, sendo que muitas ideias que seriam desenvolvidas posteriormente tiveram ali sua primeira fagulha. Em seguida, passaremos aos textos clássicos em que Freud fez teorizações importantes para a compreensão do tema do suicídio em toda sua abrangência para a psicanálise, tendo em vista, especificamente, trechos concernentes à questão do autoextermínio e da atuação da pulsão de morte, assim como sua relação com as instâncias psíquicas.

Desde sua criação, em 1920 (embora haja elementos afins a este conceito muito mais precocemente na obra freudiana), a pulsão de morte foi bastante criticada dentro da psicanálise e não alcançou consenso nem mesmo entre as correntes teóricas que a integraram à sua teoria. Diversas polêmicas surgiram, assim como interpretações que reescrevem ou rechaçam a ideia de uma pulsão que se sustente nos moldes propostos por Freud. Tal contexto nos levou, neste capítulo inicial, a analisar a importância clínica da pulsão de morte e o contexto de sua criação.

No segundo capítulo, o foco se concentra sobre as relações objetais e as contribuições teóricas que indicam a importância do primeiro objeto de amor para a construção da vontade de viver.

A partir das leituras sobre o assunto, passamos a suspeitar que as vivências da infância seriam determinantes para a compreensão do ato suicida, demarcando ainda mais a direção de investigação para esta pesquisa: essa primeira relação objetal interfere no processo de esvaziamento da pulsão de vida? Freud descreveu o impacto das primeiras experiências de satisfação vividas pelo bebê e a relevância da relação entre o objeto materno (primeiro objeto de amor) na libidinização, que confere contornos narcísicos à criança. No entanto, seus estudos sobre a melancolia indicam as implicações de uma precariedade nessa primeira relação, mostrando que o suicídio pode surgir como risco real nesses casos. Seguindo o pensamento freudiano, questionaremos como o elemento trágico pode emergir, quando esta primeira relação falha no propósito de investir um pequeno sujeito, para que ele possua reserva libidinal e se anime a enfrentar os percalços da vida.

Considerando ainda uma abordagem das questões até então trabalhadas a partir da análise de uma produção cultural, no terceiro capítulo nos deteremos sobre o filme *As horas*, do diretor Stephen Daldry. A referência a esse filme se justifica pelas várias maneiras como a

autodestrutividade se apresenta no enredo e por uma intrigante relação entre mãe e filho, descrita ao longo de duas gerações. Sabemos, desde Freud, que a análise de obras culturais se apresenta como uma rica possibilidade de examinar as construções teóricas psicanalíticas. Desse modo, apresentaremos o panorama traçado pela ficção, do qual esperamos nos servir para auxiliar no manejo das questões suscitadas por esta pesquisa, qual seja, a relação entre o suicídio e as falhas precoces na interação com o objeto materno. Contudo, tal tarefa não se pretende totalizante, pois é sempre crucial atentarmos nossa escuta para a individualidade de caso a caso. Acreditamos que esse cuidado se reafirma ao tratarmos de um tema delicado como o suicídio, que, conforme Camus, “se prepara no silêncio do coração, da mesma forma que uma grande obra.” (Camus, 1989, p. 24)

Capítulo I — Bases freudianas para estudo acerca do suicídio: algumas considerações sobre a morte

Ao longo da obra freudiana, encontramos algumas formulações que marcam seu posicionamento teórico acerca da compreensão psicanalítica sobre o autoextermínio. Embora seja possível verificar pontos de vista distintos ao longo da obra, parece haver um ponto que se mantém: a busca por compreender como elementos inconscientes operam em um sujeito que atua contra sua própria existência. Neste capítulo, reuniremos as principais contribuições do pai da psicanálise no sentido de compreender o tema do suicídio, que servirão de base para que possamos, em seguida, compreender de que maneira se erige a relação entre este e a primeira relação objetal.

Como sabemos, a obra de Freud seguiu sempre as diretrizes indicadas pela experiência clínica, e o autor não hesitou em dirigir seu pensamento investigativo a partir dos desafios apontados pela prática. Assim, interessa-nos tracejar os caminhos que esse pesquisador pôde assinalar no decorrer de sua obra.

1.1 — O sentido da autodestrutividade

Em 1901, encontramos formulações de Freud acerca do sentido latente de ferimentos aparentemente acidentais, dos quais se pode, contudo, inferir uma intenção inconsciente. Para o autor, tais fatos se baseiam em um impulso de causar mal a si mesmo, assim como nos casos de suicídio. Em *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud descreve alguns exemplos que indicariam a relação entre ferimentos acidentais infligidos a si mesmo e uma tendência autodestrutiva inconsciente. O autor explica que o impulso autopunitivo estaria sempre à espreita, aguardando uma oportunidade para se manifestar. Essas ocorrências, consideradas bastante comuns, podem ter sua intenção latente confirmada, por exemplo, pelo comedimento e tranquilidade com que os pacientes aceitam e relatam o acidente ocorrido. O autor acena para a possibilidade de que, para além do ato suicida, intencional, tenhamos que considerar a ocorrência de atos autodestrutivos inconscientes, que utilizariam de uma oportunidade contingencial para se manifestar.

Freud descreve um curioso diálogo entre ele e seu filho, que, à ocasião, contava onze anos. O filho, inconformado por ter que permanecer acamado em razão de uma doença, ameaçou ao pai se matar. À noite, a criança mostra um pequeno ferimento no peito, proveniente de uma pancada acidental na fechadura da porta. O psicanalista não se contentou

com a motivação acidental do fato e recebeu de seu filho uma resposta não menos perspicaz sobre o episódio.

“Diante de minha pergunta irônica — por que ele havia feito isto e o que ele pretendia com isto — a criança de onze anos respondeu repentinamente esclarecida: ‘Isso foi minha tentativa de suicídio, que ameacei fazer hoje de manhã.’ De resto, não creio que naquela época meus filhos tenham tido acesso aos meus pontos de vista sobre autoferimentos.” (Freud, 1901, pp. 221-222)

Neste caso, temos dois dados importantes. Primeiramente, a declaração do menino, que localiza, no acidente, a intenção inconsciente de ferir a si mesmo. Ao mesmo tempo, podemos localizar também o endereçamento deste ato ao seu pai, que o havia contrariado com a ordem de que permanecesse na cama. Este aspecto, embora seja não explicitado nesse momento pelo autor, será crucial para a teoria psicanalítica. Posteriormente, como veremos, Freud irá afirmar que todo ato agressivo cometido contra si mesmo seria originalmente destinado ao outro.

A compreensão da determinação inconsciente de atos aparentemente ocasionais se estende também à investigação do ato suicida. Mesmo nesses casos, Freud afirma que a propensão ao ato esteve operando bastante tempo antes, ainda que fosse uma tendência “suprimida”.

“Certamente uma intenção *consciente* de cometer suicídio escolhe a época, o meio e a oportunidade; é inteiramente de acordo com isso que uma intenção *inconsciente* aguarda uma ocasião precipitante, que possa assumir uma parte da causação e, requisitando as forças defensivas do sujeito, libertar a intenção da pressão delas.” (p. 222)

Freud já assinala, então, a determinação inconsciente que deverá ser investigada tanto nos pequenos acidentes cotidianos quanto no ato extremo do suicídio. Contudo, há um enfoque no desejo inconsciente de punição, sem que a origem desta tendência seja questionada mais profundamente, o que só poderá ocorrer ao lançarmos mão do sentimento inconsciente de culpa.

1.2 — O debate sobre o suicídio nas “sessões de quarta-feira”

Em 1910, durante as conhecidas sessões das quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud e seus discípulos vieram a discutir um tema delicado: o suicídio de crianças. A obra escolhida para o debate, *Le suicide dans l'enfance*, escrita por Baer em 1901, traça um panorama do suicídio infantil a partir das notícias e estatísticas apresentadas pela imprensa da época. O grupo dedica duas sessões (20 e 27 de abril de 1910) para apresentação de um relatório sobre a obra, realizado por um dos membros da Sociedade, o humanista Ernst

Oppenheim (e registrado por Otto Rank), e, em seguida, uma discussão sobre o suicídio em geral.² Naquela ocasião, houve diversos casos de suicídio de estudantes em Viena, e a imprensa acusava a escola como responsável direta desses atos, aspecto também mencionado na discussão.

Ao longo da apresentação, encontramos várias críticas à obra de Baer, definida como uma compilação de dados estatísticos e, portanto, inadequada para obtenção de dados a respeito dos motivos de um suicídio. Oppenheim afirma, ainda, que se trata de mais um trabalho jornalístico que psicológico e que Baer encerra sua discussão onde começa o problema do psicólogo.

Este ponto de vista nos interessa, já que não pretendemos analisar dados estatísticos a respeito do suicídio, mas compreender suas possíveis causas a partir das contribuições da psicanálise, respeitando a singularidade que cada caso apresenta. As minutas da discussão não apresentam consenso ou conclusão definitiva sobre o tema, mas levantam pontos fundamentais: a relação entre suicídio, e sexualidade e a vivência edípica, a importância dos estados depressivos e da história pessoal — particularmente relevante no que se refere aos primeiros anos de vida.

Já nas primeiras páginas da apresentação, um importante ponto é destacado por Oppenheim. A descoberta feita por Freud de que os primeiros anos de vida são de importância fundamental para o desenvolvimento posterior — principalmente quando o desenvolvimento ocorre de maneira disfuncional — pode ter suas consequências na investigação sobre o suicídio: “podemos nos perguntar se não são precisamente os raros casos de suicídio cometidos à mais tenra idade que são os mais informativos”³ (*Les premiers psychanalystes*, 1910a, p. 470). Parece-nos bastante apropriada esta colocação de Oppenheim, que considera o autoextermínio infantil ainda mais significativo que o suicídio de adultos. Essa hipótese leva em conta que os primeiros anos de vida, sob a luz da psicanálise, guardam uma importância capital para toda a trajetória posterior de um sujeito.

Poderíamos pensar, assim, que essa consequência se estende não apenas aos atos cometidos na infância, mas que terão uma abrangência mais ampla. Supomos, portanto, as vivências da infância como determinantes para a compreensão de todo ato suicida. Tendo em

² Estavam também presentes nos debates os seguintes membros da Sociedade Psicanalítica: Adler, Federn, Freud, Friedjung, Furtmüller, Heller, Hitschmann, Reitler, Sadger, Steiner, Stekel, Tausk e Wittels.

³ “on peut se demander si ce ne sont pas précisément les rares cas de suicide commis à l’âge le plus tendre qui sont les plus instructifs” (*Les premiers psychanalystes*, 1910, p. 470)
(Todos os trechos citados são de minha tradução).

conta a atemporalidade do inconsciente, os primeiros anos de vida terão um grande peso também nos acontecimentos futuros, principalmente se envolvem a escolha pela morte.

Embora a questão da psicopatologia seja levantada ao longo do texto, ela não é colocada em destaque, considerando-se que em muitos casos a tênue distinção entre normalidade e patologia não é bem definida. Oppenheim ressalta que, mesmo em crianças normais, um motivo trivial como o medo de uma punição pode levar ao suicídio. Isso se deveria a uma capacidade de diferenciação falha e uma insuficiência das associações da criança, podendo levá-la a superestimar a relevância e o porte de uma determinada situação. Entre os vários exemplos citados pelos participantes da discussão, uma consideração importante: a questão da melancolia, que será posteriormente abordada pelo próprio Freud.

“o suicídio não se produz sempre em uma ocasião determinada, de maneira repentina e explosiva; ele aparece frequentemente também como resultado de uma depressão melancólica crônica, no curso da qual as ideias de suicídio assediam constantemente a pessoa.”⁴ (p. 472)

Uma primeira pista já é então fornecida neste momento: a estreita relação entre os quadros melancólicos e o risco de suicídio. Tendo em vista as particularidades de cada caso, Oppenheim se pergunta que outros elementos inconscientes podem estar presentes em determinada circunstância, como nos casos em que a criança apresenta um medo exacerbado da punição dos pais. Como uma criança pode chegar a ter um medo tão excessivo da punição, a ponto de fugir em direção à morte?

O orador sugere, nos casos descritos, uma vinculação entre a fantasia incestuosa e o masoquismo da criança, indicando uma possibilidade interpretativa talvez insuspeitada à primeira vista. Esta teria sido a causa atribuída a um caso de uma criança que se defendia fortemente contra os castigos dos pais. O ato suicida do menino foi interpretado a partir da consideração de que se tratava de um garoto com fortes tendências masoquistas, de modo que o castigo teria uma equivalência com a união sexual. Assim, a ideia de receber uma palmada da mãe tinha sobre ele o efeito de uma sedução. Embora o breve exemplo não forneça mais explicações sobre o caso, a relação entre suicídio, incesto e masoquismo é bastante inquietante. Vemos aqui considerações que serão posteriormente trabalhadas em “Uma criança é espancada” (1919), onde Freud analisa fantasias de pacientes sobre uma cena recorrente na clínica, na qual uma criança apanha de um adulto, desvelando sua relação com o desejo incestuoso e com a masturbação. Os psicanalistas consideram, nesta discussão, que, em

⁴ “le suicide ne se produit pas toujours à une occasion déterminée, avec une soudaineté explosive; Il apparaît souvent comme le résultat d’une dépression mélancolique chronique, au cours de laquelle des idées de suicide assaillent constamment la personne.” (p. 472)

alguns casos, o suicídio funcionaria como uma tentativa extrema de escapar do insuportável inerente à realização da fantasia incestuosa. Voltaremos a esse ponto.

Embora Baer, autor da obra discutida pelos psicanalistas de Viena, considere a importância das grandes perdas vividas pela criança nesses casos de suicídio, o grupo acrescenta um elemento fundamental para a compreensão do papel dessas perdas. Em dois casos apresentados por Baer, o suicídio infantil ocorreu logo após a morte de um dos pais. Oppenheim sustenta que tais casos contenham um elemento fundamental a ser considerado. “Um defensor da psicologia freudiana suspeita da existência de um conflito erótico nesse amor suicida da menina pelo pai e do menino pela mãe”.⁵ (p. 474) Aqui, a cena edipiana também se configura como um dos importantes pontos de investigação na compreensão do autoextermínio.

Uma das conhecidas características do suicídio, seu aspecto de contágio, também será considerado, de maneira que parece que sobre as crianças o seu efeito seria ainda mais poderoso. Como a vida mental da criança careceria de independência, toda impressão mais forte que a atinja vinda do exterior teria sobre ela um efeito intenso. A notícia do suicídio de um parente ou de um colega de mesma idade poderia suscitar na criança o desejo de imitar esse ato. A possibilidade de um estado depressivo desconhecido pela família também deverá ser considerado, bem como a negligência⁶ nos cuidados em relação a um dos filhos.

Oppenheim anuncia outra questão importante, que será retomada por Freud anos mais tarde: o suicídio como a deflexão de uma agressividade anteriormente destinada a um terceiro⁷. “No suicídio de crianças, a vingança exercida contra os pais desempenha frequentemente um papel; trata-se de lhes fazer mal.”⁸ (p. 479) Para o humanista, poucos casos ocorreriam devido a um motivo duradouro; na maior parte do tempo, tratar-se-ia de uma decisão impulsiva que seria anulada prontamente, se fosse possível. Contudo, a relevância da sexualidade não deixa de ocupar um lugar central nessa discussão:

⁵ “Un tenant de la psychologie freudienne suspectera l’existence d’un conflit érotique dans cet amour suicidaire de la fillette pour son père et du garçon pour sa mère” (p. 474)

⁶ No texto original, os autores utilizam a expressão “*enfant d’un autre lit*” para caracterizar uma possível causa dessa negligência. Literalmente, “filho de outra cama”; filho nascido de outra relação.

⁷ Freud retoma amplamente esta discussão em *Luto e melancolia* (1917[1915]), que analisaremos posteriormente. Nesse desejo de vingança em relação aos pais certamente subjaz a mesma agressividade mencionada.

⁸ “Dans le suicide d’ enfants, la vengeance exercée sur les parents joue souvent un rôle; il s’agit de leur faire du mal.” (p. 479)

“A causa mais importante, tanto para as crianças como para os adultos, é a sexualidade. Quem não abandonou a esperança no amor não renuncia à vida. Não podemos negar o fator da hereditariedade, mas o fato que aciona [o suicídio] é, em cada caso, a falta de amor.”⁹ (p. 479)

Embora houvesse grande aposta no fator biológico nesse esforço de compreensão do autoextermínio, uma perspicaz hipótese já estava lançada: “No que concerne à mania de suicídio que se produz em certas famílias, pode ser que a hereditariedade desempenhe um papel, mas o fator essencial é a identificação aos outros membros da família.”¹⁰ (p. 480) Ainda que a hereditariedade seja considerada, há outro fator fundamental e é sobre ele que o psicanalista atua. A maneira como a história individual se desenvolve e os significados diversos que um sujeito constrói a partir de sua forma de ler o mundo, sempre influenciado pelos laços e desenlaces vividos por cada um — este é o material sobre o qual se lança a escuta psicanalítica.

Sobre o amor e sua relevância na compreensão do suicídio, Oppenheim sublinha uma particularidade da adolescência no que diz respeito à relação com os pais, e conseqüentemente na relação transferencial que se estabelece com os professores. Seria necessário entender que o suicídio de estudantes ocorreria, segundo o humanista, na puberdade, que é caracterizada por um aumento na necessidade de amor concomitante a um distanciamento em relação aos pais. A necessidade de amor homossexual (pelo pai) também aumentaria, criando um contexto propício para que essa necessidade amorosa se transferisse do pai para a figura do mestre.

Essas considerações buscam compreender qual o “grão de verdade” contido nas afirmações contra os professores enunciadas pela imprensa à época, na medida em que, se seria leviano acusá-los pelo ato dos estudantes, é fundamental compreender a importância do professor como figura de referência na vida de um jovem. Para compreendermos a pertinência dessas afirmações, será preciso considerar o contexto da época, a relação de autoridade e hierarquia vividas na vida escolar e a prevalência de professores homens, no caso do exemplo citado.¹¹

⁹ “La cause la plus importante, chez les enfants aussi bien que chez les adultes, est la sexualité. Qui n’a pas abandonné l’espoir de l’amour ne renonce pas à la vie. On ne peut certainement pas nier le facteur de l’hérité, mais le facteur qui déclenche [le suicide] est, dans chaque case, le manque d’amour.” (p. 479)

¹⁰ “En ce qui concerne la manie du suicide qui se produit dans certaines familles, Il se peut que l’hérité y joue un role; mais le facteur essentiel est l’identification aux autres membres de la famille.” (p. 480)

¹¹ Durante a pesquisa de mestrado, causou-nos espanto a notícia de um aluno de 10 anos que, em setembro de 2011, atirou contra a professora em sala de aula e em seguida se matou. Não foram verificados problemas relacionais entre o aluno e a professora, e o mesmo era considerado tranquilo e tímido. No dia anterior, ele teria

Com base nessas considerações, Oppenheim afirma que, quanto melhor os professores puderem acolher a demanda de amor de seus alunos, procurando estabelecer uma relação de autoridade e afeto, mais seguros estarão esses alunos. Para isso, é necessário que o professor possa suportar bem ser o alvo dessa demanda (o que dependeria de sua habilidade em lidar com as correntes homossexuais desse afeto) e que possa lidar com esses conteúdos sem hostilidade ou repressão.

Esta articulação sugere uma ideia importante a ser desenvolvida: a ligação entre o amor parental, a maneira como esta criança foi recebida no seio familiar e suas futuras relações de objeto. No início da socialização, parece coerente supor que as primeiras relações fora da família ocorrem na escola e que os professores certamente assumem, a partir da transferência, um papel importante e correlativo àquele que os pais ocuparam primeiramente: referências de conduta, autoridade e modelos nos quais se busca afeto e aprovação. É nesse sentido que o orador nos fala da necessidade de estar atento aos termos nos quais essa relação aluno/professor ocorre.

Outro exemplo contido nas minutas aponta para a fantasia incestuosa. Trata-se de um colegial que tentou se suicidar queimando-se com fogo, ficando gravemente ferido. O rapaz, mentalmente sã e muito inteligente, não pôde responder à questão sobre o motivo de seu ato: ele disse que não sabia. Quando, mais tarde, contou sua história familiar, soube-se que sua irmã, que era casada e estava grávida, havia feito uma visita aos seus pais e que ele havia tentado se suicidar imediatamente após sua partida.

Assim, ele havia tentado se suicidar por não ter podido suportar ver sua irmã grávida, mas não compreendia o motivo. Posteriormente, os psicanalistas de Viena consideram que a pertinência dessa conclusão teria sido curiosamente confirmada. O jovem — que começou a se interessar por psicanálise — teria adquirido uma habilidade particular: ao interpretar obras poéticas, descobria, nas passagens mais inesperadas, diversas fantasias relativas ao ventre materno. A inferência constituída a partir desse fato confirmaria que havia uma questão relativa à feminilidade e à maternidade que eram centrais para o jovem, e que sua impossibilidade de lidar com esta culminara na tentativa de autoextermínio. Para além da interpretação a respeito da origem do ímpeto suicida, essa afirmação encontraria, em uma certa “habilidade” de interpretação psicanalítica de obras literárias, a confirmação da

perguntado ao irmão se sentiria sua falta se ele morresse. Embora tenha ocorrido em um contexto diferente, é de se pensar que relações poderíamos encontrar entre a análise destes psicanalistas e o trágico ocorrido. (link: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/aluno-de-10-anos-atira-em-professora-em-escola-de-sao-paulo/n1597223769645.html>. Consultado em 22/09/2011).

dificuldade deste jovem de lidar com suas fantasias incestuosas, para em seguida criar um “bom uso” dessa particularidade.

Apesar de considerar que a psicanálise dava seus primeiros passos rumo à compreensão do suicídio na ocasião, Oppenheim lança uma hipótese a respeito da visão psicanalítica sobre o tema: no suicídio, “a pulsão de vida seria vencida pela libido”. Essa afirmação, a princípio contraditória, se basearia na concepção de que a neurose seria “um conflito entre as pulsões egoicas e as pulsões sexuais”.¹² (p. 481) Deste trecho, podemos inferir que, naquele momento, se postulava uma dessemelhança entre o investimento egoico e a pulsão sexual, da qual a libido seria o representante fundamental. Porém, a partir do conceito de narcisismo, dos rearranjos propostos em *Além do princípio do prazer* (1920) e consolidados pela formulação da segunda tópica em *O ego e o id* (1923), Freud afirma que também o eu é objeto da pulsão sexual e que, portanto, não seria correto separar as pulsões que investem o eu das pulsões sexuais. Assim, o conflito presente no suicídio também deverá ser descrito em outros termos.¹³

Contudo, na citação a seguir, já se nota que, naquele momento, o conflito apresentado acarreta uma contradição: a presença da libido já é tida como evidência da atuação da pulsão de vida. Dessa maneira, seria incorreto opor “libido” a “preservação da vida”.

“À fórmula segundo a qual o suicídio é uma vitória da libido sobre a pulsão de autoconservação, deve-se acrescentar que encontramos também a libido do lado da pulsão de vida; quanto mais libido livre, maior a alegria de viver. Um indivíduo que foi desiludido [décu] em sua libido não terá o esforço de encontrar uma sublimação substitutiva.”¹⁴ (*Les premiers psychanalystes*, 1910, pp. 486-487)

A importância da sexualidade, todavia, é amplamente explorada nesse esforço de teorização sobre a autodestruição. É necessário desvendar a sexualidade inerente às manifestações de desejo de morte. O orador enumera três pontos centrais nessa discussão. Primeiramente, a afirmação de que o desespero no campo amoroso leva ao suicídio e que muitos se suicidam por não conseguirem exercer plenamente sua sexualidade. O segundo

¹² “un conflit entre la pulsion du moi et les pulsions sexuelles.”(p. 481)

¹³ Embora se cogite em alguns momentos da discussão uma “impulsão à autodestruição”, a noção de “pulsão de morte” ainda não havia sido formulada por Freud. Talvez a insuficiência conceitual seja a responsável pelas diversas hipóteses lançadas na tentativa de abranger a aridez do tema. Contudo, vemos que há algo de inapreensível que o texto parece rondar, mas não consegue capturar, e parece-nos que essa lacuna se deve exatamente à falta deste conceito.

¹⁴ “A la formule selon laquelle le suicide est une victoire de la libido sur la pulsion d’ autoconservation, il faut ajouter qu’ on trouve aussi la libido du côté de la pulsion de vie; plus il y a de libido libre, plus la joie de vivre est grande. Un individu qui a été déçu dans sa libido n’ aura pas de peine à trouver une sublimation substitutive.” (pp. 486- 487)

ponto seria aquele destacado por Freud, ao dizer que o problema do incesto estaria em primeiro plano. O terceiro fator indica a conexão inconsciente entre suicídio e masturbação.

“Um terceiro fator se manifesta pelo fato de que, em todos os suicidas, as ideias e tentativas de suicídio se produzem porque eles renunciaram à masturbação. O suicídio nada mais é que o ato masturbatório final (“*Hand an sich legen*”¹⁵). Freud deteve sua atenção sobre o fato que a masturbação só adquire sua significação através da fantasia. No entanto, essas fantasias são, na maioria dos casos, fantasias de incesto recalçadas.”¹⁶ (p. 488)

O termo utilizado na língua alemã lança luz sobre um aspecto já entrevisto no que se refere ao suicídio: sua relação com sexualidade e com a masturbação. Ao considerarmos esses dois aspectos, um terceiro se impõe: a fantasia incestuosa. Freud diversas vezes salientou a relação entre a masturbação e as fantasias incestuosas típicas da vivência infantil do Complexo de Édipo. Além do enlace linguístico entre as expressões, o resumo apresenta pequenos relatos nos quais o suicídio estava, de alguma maneira, vinculado ao tabu da masturbação.

Podemos pensar na pertinência dessa relação tanto sob o viés de tabu que cada um dos assuntos comporta, quanto pelas fantasias incestuosas que subjazem em ambos os casos: a mãe como objeto incestuoso fundamental da fantasia masturbatória infantil, e o sentido de retorno ao estado fusional da relação primária com a mãe muitas vezes presentes no suicídio, como veremos. Retomaremos posteriormente este ponto fundamental, mas a importância dessa articulação deve ser desde já destacada.

Ao fim das sessões destinadas à discussão sobre o suicídio, os psicanalistas de Viena concluem que não seria simples chegar a uma solução final, e que muitas perguntas surgiram ao longo da discussão, muitas das quais não respondidas à ocasião. Oppenheim questiona: “o suicídio deve ser interpretado, em *cada caso*, como uma reação do eu ao poder superior da libido ou é preciso admitir, paralelamente, a existência de um suicídio que provém *exclusivamente* do eu?”¹⁷ (p. 491) [itálicos no original]

¹⁵ “*Porter la main sur soi*”. Em português; “trazer a mão sobre si”, ou “levantar a mão contra si”. A ambiguidade se mantém nas diferentes línguas: alemão, francês e português. A expressão, que originalmente no alemão é utilizada para designar o ato suicida, também remete, em sua tradução literal, ao ato masturbatório.

¹⁶ “Un troisième facteur se manifeste dans le fait que, chez tous les suicidés, les idées et les tentatives de suicide se produisent parce qu’ils ont renoncé à la masturbation. Le suicide n’est rien que l’acte masturbatoire final. (<<*Hand an sich legen*>>). Freud a attiré l’attention sur le fait que la masturbation n’acquiert sa signification que par le fantasme. Cependant, ces fantasmes sont, dans la plupart des cas, des fantasmes d’incestes refoulés.” (p. 488)

¹⁷ “le suicide doit-il dans *chaque cas* être interprété comme une réaction du moi au pouvoir supérieur de la libido ou fait-il admettre à côté de cela l’existence d’un suicide qui provient *exclusivement* du moi?” (p. 491)

Como vimos, há um hiato nessa investigação que só poderá ser preenchido por uma nova formulação teórica. Contudo, para o orador, algumas pistas foram alcançadas: “O acesso ao complexo do suicídio a partir de um estudo das patologias reside na *melancolia*, da qual a natureza nos é, por enquanto, desconhecida; seu mecanismo, em particular, não foi ainda examinado completamente.”¹⁸ (p. 491) Na penúltima página da apresentação, Freud anuncia o caminho que trilhará alguns anos mais tarde. “O sentimento de culpa também está presente em outras neuroses, em todo caso; trata-se de elucidar o mecanismo específico da melancolia.”¹⁹ (p. 492)

É curioso notar que, durante a discussão, diversos aspectos psíquicos foram considerados na tentativa de abarcar a problemática do autoextermínio. A questão da fantasia incestuosa, por exemplo, apresenta um desdobramento interessante ao longo da obra. Primeiramente, os psicanalistas consideram que o suicídio abrigaria um sentido de escape à realização de uma fantasia incestuosa que o castigo poderia simbolizar para uma criança. Em seguida, considera-se justamente a conexão entre a masturbação e o ato suicida. Com este segundo aspecto, podemos inferir outro desdobramento para o primeiro caso. Ao termos em conta a fantasia incestuosa recalcada que subjaz ao ato masturbatório, talvez não se trate exatamente de um escape a esta fantasia, mas de uma satisfação ainda mais radical da mesma. Veremos também a vinculação entre suicídio e certa desesperança no amor, o que a metapsicologia melancólica virá confirmar de um ponto de vista constitucional.

Durante a sessão de 4 de maio de 1910, o comitê especial da Sociedade Psicanalítica de Viena demanda que Freud redija uma introdução à discussão sobre o suicídio de estudantes, pequeno texto que será posteriormente publicado entre os *Breves escritos*, de 1910, com o nome de “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio.” O tema da melancolia agora é expresso de maneira mais específica e claramente relacionado ao estudo que Freud apresenta posteriormente em *Luto e melancolia* (1917[1915]):

“Podemos, eu acredito, apenas tomar como nosso ponto de partida a condição de melancolia, que nos é tão familiar clinicamente, e uma comparação entre ela e o afeto do luto. Os processos afetivos na melancolia, entretanto, e as vicissitudes experimentadas pela libido nessa condição nos são totalmente desconhecidos. Nem chegamos a uma compreensão psicanalítica do afeto crônico do luto. Deixemos em suspenso nosso julgamento até que a experiência tenha solucionado este problema.” (Freud, 1910b, p. 218)

¹⁸ “L'accès au complexe du suicide à partir d'une étude des malades reside dans la *mélancolie*, dont la nature nous est pour l'instant inconnue; son mécanisme, en particulier, n'a pas encore été examiné du tout.” (p. 491)

¹⁹ “Le sentiment de culpabilité est aussi présent dans les autres névroses, dans tous les cas; il s'agit d'élucider le mécanisme spécifique de la *mélancolie*.” (p. 492)

Acompanharemos, portanto, o desenvolvimento do pensamento freudiano, buscando as ideias desenvolvidas por ele a partir dessas inquietações. Foi também nesse mesmo texto que Freud se deteve mais especificamente sobre o tema do suicídio, buscando compreender os mecanismos psíquicos inerentes ao ato. A respeito da importância que a melancolia viria a ter na construção teórica sobre o suicídio, uma nota de rodapé possivelmente adicionada pelos editores nas minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena chama a atenção: “É interessante notar quão prudente é Freud, ainda que ele pareça ter uma ideia da solução. Ele resolve, de fato, este problema baseando-se na melancolia.”²⁰ (Les premiers psychanalystes, 1910, p. 491) De fato, é a partir da melancolia que Freud se detém sobre o problema do suicídio em *Luto e melancolia* (1917[1915]), e é neste texto que algumas perguntas fundamentais sobre o tema foram respondidas, como veremos no capítulo II.

Contudo, antes de adentrar na teorização metapsicológica a respeito da melancolia proposta em 1915 — cujo enfoque são as relações de objeto —, ainda é necessário nos determos sobre a questão da pulsão de morte, intimamente vinculada ao suicídio. Assim, não seguiremos a cronologia ditada pelos textos, pois entendemos que é importante expor primeiramente a abordagem freudiana sobre a ideia de morte, essencialmente constituída a partir do conceito de pulsão de morte, antes de nos determos sobre as questões inerentes às possíveis falhas nas relações objetais.

Traçaremos o percurso trilhado por Freud na introdução do conceito de pulsão de morte, que provocou uma série de rearranjos na teoria psicanalítica. Os impasses surgidos na clínica tornaram necessário voltar à teoria para compreender, dentro do modelo conceitual da psicanálise, as questões com as quais se deparou. Ao adentrarmos no texto freudiano, percebemos que, embora o conceito de pulsão de morte só venha a ser forjado em 1920, as centelhas do que mais tarde culminariam nessa importante formulação teórica já vinham se desenvolvendo desde muito antes. Em diferentes momentos de sua obra, é possível detectar argumentos e questionamentos que posteriormente serão recuperados pelo autor para a construção definitiva do novo modelo pulsional.

Faremos, portanto, uma retomada da teoria visando recuperar os passos que levaram à necessidade do conceito de pulsão de morte na psicanálise. Apresentaremos as ideias elaboradas em *Além do princípio do prazer*, de 1920, onde o termo “pulsão de morte” foi

²⁰ “Il est intéressant de noter combien Freud est prudent, bien qu’il semble avoir une idée de la solution. Il résout en effet ce problème, du moins en partie, en se basant sur la mélancolie.” (p. 491)

utilizado pela primeira vez. Passo a passo, Freud apresenta ideias inovadoras que conduzem o leitor ao novo raciocínio que será introduzido por este texto.

1.3 — Os impasses da teoria e o surgimento da pulsão de morte

Neste momento, Freud define e estabelece a relação entre o princípio do prazer e o princípio de constância. Ele defende que as mesmas evidências que justificam a prevalência do princípio de prazer também fundamentam o princípio de constância. Essas ideias, contudo, serão reformuladas em “O problema econômico do masoquismo” (1924), onde Freud define melhor as especificidades características dos princípios de realidade, de prazer, e de constância. Por ora, vejamos como o autor descreve estes dois últimos. Para o autor, o princípio de constância seria apenas uma forma de descrever o princípio de prazer, pois

“se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável. O princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer”. (Freud, 1920a, p. 19).

Contudo, ele acrescenta que a dominância do princípio de prazer nos processos mentais não se sustenta na prática, de modo que só poderíamos considerar uma forte tendência nesse sentido, embora essa tendência seja frequentemente sobrepujada, contrariando a hipótese de sua prevalência no psiquismo.

Essa ideia se fortalece no momento em que Freud se propõe a compreender os mecanismos da neurose traumática e das neuroses de guerra, mais especificamente. A seu ver, duas características dessas neuroses devem ser esclarecidas: a primeira é a importância do susto e da surpresa na sua causação, que decorrem da incapacidade do organismo de se preparar para o incidente do trauma, e o segundo é o fato de que um ferimento ou dano no corpo trabalham contra o desenvolvimento de tal neurose. No que se refere aos sonhos traumáticos desses neuróticos, será necessário explicar como essa repetição do trauma poderia se conciliar com a hipótese tão cara à psicanálise do sonho como realização de desejo. Para tanto, neste momento Freud apresenta duas possibilidades: ou essa capacidade do sonhador estaria prejudicada pelo trauma, ou teremos que investigar, nessa repetição, uma tendência masoquista do eu.

Seguindo o percurso da investigação sobre a dominância do princípio de prazer, temos a descrição da brincadeira inventada pelo menino de um ano e meio que leva Freud a pensar no caráter econômico do brincar das crianças. Ele descreve a brincadeira, inventada pela

própria criança, de jogar para longe seus objetos, emitindo um som inferido pela mãe como “*fort*”, (“ir embora”). Ao brincar com um carretel, mais uma etapa se incluía na brincadeira: puxar o objeto de volta, que reaparecia ao som de um “*da*” (ali). O jogo de sumir e reaparecer é interpretado por Freud da seguinte maneira:

“Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia de satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam ao seu alcance.” (p. 27)

Neste ponto, Freud retoma a questão do princípio do prazer: “A criança não pode ter sentido a partida da mãe como agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio do prazer?” (p. 27). A resposta será encontrada na posição daquele que brinca: de uma situação desprazerosa de passividade, para uma posição ativa, na qual é possível exercer certo domínio sobre a cena. O autor acrescenta: “outra interpretação ainda pode ser tentada. Jogar longe o objeto, de maneira a que fosse ‘embora’, poderia satisfazer um impulso da criança, suprimido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela”. (pp. 27-28) Voltaremos posteriormente às possíveis interpretações desse jogo do *fort/da*, mas já podemos vislumbrar sua importância na medida em que ele explicita a tendência de repetição de uma experiência — apesar de, ou, talvez — exatamente devido a seu aspecto de desprazer.

No que se refere à clínica, Freud traz considerações importantes a partir da transferência. Baseado na experiência com seus pacientes, ele observa a impossibilidade de recordarem acontecimentos fundamentais para o processo de análise. Eles, no entanto, revivem a experiência; repetem aquilo que não foi possível lembrar. Os conteúdos repetidos, que muitas vezes consistem justamente no mais essencial, se referem invariavelmente à sexualidade infantil e à vivência edípica do paciente. Sobre o desprazer causado pela repetição, considera que a experiência não seria contrária ao princípio de prazer, já que constituiria desprazer para um dos sistemas e satisfação para outro. Contudo, a repetição impõe mais uma nuance que demanda uma teorização:

“chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos”. (p.34)

A partir dessas constatações, será possível vislumbrar o funcionamento da compulsão à repetição: ela prevalece em relação ao princípio do prazer e lança luz não somente sobre a clínica, mas também explica os sonhos dos neuróticos de guerra, neuroses e o sentido do

brincar infantil. Mas Freud anuncia que há ainda um ponto a ser abordado: “Resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio de prazer que ela domina”. (p. 37)

As considerações expostas no início da Seção IV a respeito dos processos mentais remontam aos conteúdos trabalhados por Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895), e são retomadas por Freud vinte e cinco anos depois com um novo propósito. A consciência, as características dos estímulos externos e internos, as questões quantitativa e qualitativa voltam a ser objetos de especulação teórica, mas dessa vez o objetivo é abordar os mecanismos presentes no trauma para compreender as neuroses traumáticas.

O trauma será considerado, neste momento, como uma ruptura no “escudo protetor” do psiquismo, como se a invasão de uma excitação excessiva — para a qual o psiquismo não haveria se preparado — ocasionasse uma falha na barreira do organismo, mobilizando todo tipo de defesa e a tentativa do organismo de “dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las, no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar.” (Freud, 1920a, p. 45)

A hipercatexia teria a função de preparar o sistema receptivo para esse estímulo, livrando o sistema da reação desencadeada pelo susto. Assim, o trauma teria sua intensidade abrandada. Freud salienta que, nesse processo, o princípio do prazer estaria temporariamente posto fora de ação, já que o sistema tem seu investimento concentrado na tentativa de minimizar os efeitos traumáticos dessa invasão. Assim, é necessária outra ação anterior e mais urgente que o retorno à dominância do princípio do prazer, e é por essa trilha que poderemos elucidar os sonhos dos pacientes traumáticos: “Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática.” (p.48)

Portanto, a repetição da experiência traumática se explica pela tentativa do psiquismo de reviver o momento de outra maneira, já “preparado” pela ansiedade que amenizaria a intensidade do impacto sofrido anteriormente. Contudo, essa tentativa segue fracassada, e apenas a angústia e o desprazer surgem dessa repetição constante.

Podemos ainda compreender por que uma lesão física tem a capacidade de anular um trauma psíquico, devido ao investimento no órgão atingido, que canalizaria para si o excesso excitatório que, de outra maneira, não teria inscrição possível:

“por um lado, a violência mecânica do trauma liberaria uma quantidade de excitação sexual que, devido à falta de preparação para a ansiedade, teria um efeito traumático, mas, por

outro lado, o dano físico simultâneo, exigindo uma hipercatexia narcisista do órgão prejudicado, sujeitaria o excesso de excitação. É também bem conhecido, embora a teoria da libido ainda não tenha feito uso suficiente do fato, que distúrbios graves na distribuição da libido, tal como a melancolia, são temporariamente interrompidos por uma moléstia orgânica intercorrente” (pp. 49-50)

É bastante curioso pensarmos que um dano físico, ao contrário do que se poderia supor num primeiro momento, pode ter uma função apaziguadora para o psiquismo, por ser capaz de “canalizar” um excesso excitatório. O que se observou com as neuroses de guerra é que aqueles combatentes que voltaram feridos ou marcados fisicamente pela guerra tiveram mais possibilidade de elaborar o trauma da experiência, enquanto os que nada sofreram “no corpo” padeceram mais gravemente de sintomas psíquicos. Enquanto as excitações que atingem diretamente os processos inconscientes (os processos primários) não forem submetidas — tarefa dos “estratos mais elevados do aparelho mental” —, o princípio do prazer estará suspenso, já que “a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio do prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o”. (p. 52)

Freud investiga ainda a relação entre a compulsão à repetição e esse abandono do princípio do prazer. No caso das brincadeiras das crianças, há uma tentativa de domínio da experiência, de passagem para a posição ativa, que é preponderante em relação ao desprazer vivido; a autonomia buscada pelas crianças está mais consolidada a cada vez que ela repete, na brincadeira, a experiência. Além disso, as crianças também repetem vivências prazerosas: seja em histórias ouvidas ou jogos aprendidos, cada detalhe deve permanecer idêntico para que a fruição seja completa. Esse traço de caráter, todavia, não se mantém na idade adulta.

Porém, Freud ressalta que, no tratamento psicanalítico, a repetição dos acontecimentos infantis vividos a partir da transferência ignora por completo o princípio do prazer. É interessante notar que é a repetição dos conteúdos recalçados que demonstra que esses traços de memória não são passíveis de serem submetidos ao processo secundário. Esta impossibilidade, por sua vez, é justamente o que permite que esses conteúdos sejam capazes de formar “fantasias de desejo” que retornam e se apresentam sob a forma onírica.

Entretanto, resta compreender qual a relação entre o pulsional e a compulsão à repetição. O autor formula a hipótese de um atributo universal das pulsões, que, embora não tivesse sido totalmente identificado, expõe a potência de sua atuação.

“Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou,

para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” (pp. 53-54)[itálico no original].

É a partir dessa elaboração que Freud pretende compreender como se dá, na clínica, esta “expressão da natureza *conservadora* da substância viva” (p. 54), que leva o autor a pesquisar diferentes campos de conhecimento na busca por abranger a importância clínica deste fenômeno. Já se nota aqui uma importante novidade para a teoria psicanalítica: a importância das pulsões de autoconservação será relativizada, já que sua atuação estará agora submetida a outra corrente, mais fundamental e que se guia visando à morte como objetivo final. Estas seriam pulsões parciais, que têm a função de garantir que o organismo alcançará a morte por seus próprios meios,

“e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo. Não temos mais de levar em conta a enigmática determinação do organismo (tão difícil de encaixar em qualquer contexto) de manter sua própria existência frente a qualquer obstáculo. O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiães da vida eram também os lacaios da morte.” (p. 57)

A tentativa de embasar seu raciocínio na observação científica norteia a elaboração freudiana, indicando que a morte como fim de tudo o que é vivo se sustenta como uma verdade inequívoca na natureza:

“Será realmente o caso que, *à parte os instintos sexuais*, não existem instintos que não procuram restaurar um estado anterior de coisas? Que não haja nenhum que vise a um estado de coisas que nunca foi alcançado? Não conheço exemplo certo do mundo orgânico que contradiga a caracterização que assim propus.” (p. 59) [itálico no original].

Freud também se posiciona contrariamente à manutenção de uma visão idealizada do humano, que consideraria a existência de uma pulsão que nos conduzisse à perfeição. A evolução ética e intelectual alcançada pela humanidade seria resultado de sublimações e recalcamientos, de maneira que sua origem seriam os mesmos conteúdos pulsionais causadores de sintomas e psicopatologias, diferentes apenas no destino conferido aos mesmos.

Ainda assim, ele acrescenta:

“O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é *exigida* e a que é realmente *conseguida*, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, nas palavras do poeta, *‘ungebändig immer vorwärts dringt’*.” (“Pressiona sempre à frente, indomado.” Mefistófoles, em Fausto, Parte I [Cena 4].)” (p. 60)

Na Seção VI, o termo “pulsão de morte”²¹ aparece publicada pela primeira vez, assim como o novo dualismo pulsional:

“lidando não com a substância viva, mas com as forças que nela operam, fomos levados a distinguir duas espécies de instintos: aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte, e os outros, os instintos sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida” (p. 65)

Não apenas na biologia verificamos a influência do pensamento freudiano, mas também em outras fontes talvez igualmente importantes para que Freud pudesse sustentar seu argumento a respeito da pulsão de morte. A partir de sua elaboração a respeito dos processos construtivos e destrutivos atuantes na substância viva, o autor evoca outra referência que confirma seu raciocínio: “Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o ‘verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida’, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver.” (p. 69)

A tendência psíquica de manter mínimo o grau de tensões internas se apresenta como um forte argumento para justificar a atuação da pulsão de morte.

“A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.” (p. 76)

Na última parte do texto, Freud alerta para a atuação silenciosa da pulsão de morte, que torna sua apreensão mais difícil e delicada na clínica. Contudo, é preciso reconhecer que a pulsão de morte tem uma função psíquica importante. Seu funcionamento permite o desligamento libidinal dos objetos, fundamental para que novos objetos possam vir a atrair o investimento do sujeito — assim como permite que se possa, ao fim de cada dia, desligar-se da realidade para entrar no mundo onírico.

Mas ainda que se considerem esses aspectos, as manifestações da pulsão de morte trazem aspectos bastante perigosos. A externalização da pulsão de morte é percebida através de agressividade e da violência que a caracterizam, sendo mais evidenciada, de maneira geral. Contudo, a pulsão de morte que atua sobre o eu pode agir mais sorrateiramente, muitas vezes despercebida justamente por esse funcionamento silencioso.

“os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao

²¹ Lembramos aqui que a Edição *Standard* Brasileira das obras freudianas traduz *Trieb* pelo termo “instinto,” em vez de “pulsão”. Nos trechos onde o termo aparece, reproduzimos conforme o original, embora consideremos o segundo mais adequado.

passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tornariam mais difícil a tarefa de viver.” (pp. 84-85)

Apresentaremos a análise que Freud constrói a partir de um caso clínico, para perceber os aspectos que são elencados pelo autor nesta compreensão. Embora escrito no mesmo ano que *Além do princípio de prazer*, esse texto não segue a direção da via pulsional mortífera, mas percebemos o enfoque no romance familiar e nas questões edípicas que a paciente apresenta.

1.4 — O impulso suicida no caso da jovem homossexual

Em “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (Freud, 1920), o autor descreve o contexto da tentativa de suicídio de uma jovem. Desencantada pela impossibilidade de viver seu amor por uma mulher mais velha, a jovem se lança para dentro do vão por onde passam os trens da cidade, ficando bastante ferida. Após sua recuperação, o pai procura o auxílio de Freud, que passa a atender a moça.

Não por acaso, a cena ocorre justamente após o pai tê-la visto em companhia da dama por quem estava apaixonada. Ele lança um olhar furioso à filha, que se sente impelida em dizer à dama que se tratava de seu pai, e que este reprovava a proximidade entre as duas. A dama a recrimina energeticamente, e diz que a relação entre as duas deve terminar. Ao ouvir tal ultimato a jovem se atira, numa atitude que Freud considera como verdadeiramente intencionada em dar fim à vida. Baseado na escuta analítica, Freud desvenda uma interpretação mais profunda que a oferecida pela jovem, confirmada ainda pela interpretação de seus sonhos.

“A tentativa de suicídio, como se podia esperar, foi determinada por dois outros motivos, além do que ela forneceu: a realização de uma punição (autopunição) e a realização de um desejo. Esse último significava a consecução do próprio desejo que, quando frustrado, a impelira ao homossexualismo: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela “caíra” por culpa do pai.” (Freud, 1920b, p.201)

Essa interpretação se fundamenta nos mesmos pressupostos já discutidos pelos membros da Sociedade Psicanalítica de Viena dez anos antes: a conexão entre o suicídio e as relações edípicas. Da mesma maneira, o termo utilizado para designar o ato suicida oferece desdobramentos interpretativos, como se observa na seguinte nota de rodapé:

“[No texto, há um jogo de palavras com o verbo *niederkommen*, que significa tanto “cair” quanto “dar à luz”. Também em inglês existe o emprego coloquial do verbo “cair”

significando gravidez ou parto.] — Há muito que todos os analistas conhecem que os diversos métodos de suicídio podem representar realizações de desejos sexuais. (Envenenar-se = ficar grávida; afogar-se = ter um filho; arrojarse de uma elevação = parir um filho.)” (p. 201)

Ficamos instigados pelas equiparações indicadas por Freud entre o método utilizado pelo suicida e um suposto sentido intrínseco equivalente, embora o autor não esclareça melhor as bases teóricas que sustentam essas afirmações. Ainda assim, seguindo o raciocínio proposto por Freud, podemos pensar que esse ato extremo é sobredeterminado, já que encontramos, na mesma ação, diversas motivações subjacentes. Vejamos algumas dessas motivações.

Mais superficialmente, há um desejo de vingança em relação ao pai, que não consentiu com o amor homossexual da jovem pela “*demi-mondaine*”. Em segundo lugar, a dor de ter ouvido da amada a mesma reprimenda dita anteriormente por seu pai, sobre a necessidade de pôr fim à relação entre as duas, trazendo à baila, ao mesmo tempo, a rejeição da senhora e a desaprovação do pai. Finalmente, a inferência produzida a partir da análise dos sonhos da paciente. Durante a análise, constatou-se que a sua escolha de objeto homossexual ligava-se à desilusão sentida pela filha quando do nascimento de um novo irmão. Na ocasião, a menina já contava dezesseis anos e revivia seu amor edípico pelo pai, desejando ter um filho deste. Contrariando esta fantasia, a mãe engravida, despertando a raiva da menina e o desejo de vingar-se do pai. É nesse desejo de vingança que se apoia a maneira deliberada como a menina mentia e enganava o pai, ao mesmo tempo em que não se privava de encontrar sua amiga em locais onde seria possível ser flagrada pelo pai, como de fato ocorreu.

Ao mesmo tempo, ela abandona a escolha de objeto masculina e passa a dirigir sua libido para objetos femininos. Freud ainda acrescenta que essa mudança também se reafirma pela sua relação com a mãe, que sempre a tratou com hostilidade e com fortes sentimentos de rivalidade. É como se a jovem tivesse aberto mão dos objetos masculinos para deixá-los disponíveis para a mãe vaidosa. Além disso, ela buscaria em mulheres mais velhas a figura feminina afetuosa e acolhedora que não conhecera na figura da mãe. O próprio comportamento dos pais diante da filha reafirmava a trama inconsciente que se afigurava naquela família. A mãe era tolerante com a escolha da filha, como se aprovasse o fato de que a filha tivesse se retirado da disputa pela atenção masculina em seu benefício, e o pai se enfurecia, como se percebesse no comportamento da jovem a sua vingança em relação a ele.

A tentativa de suicídio, nesse caso, encontra-se imersa nessa profusão de significações relativas ao romance familiar, que, como sabemos, serão repetidas nas relações amorosas posteriores. Para Freud, a atitude da jovem indica que ela possuía desejos de morte contra

seus pais. Contra o pai, por ele a haver proibido de se relacionar com sua amada, e contra a mãe, por ter engravidado no momento em que a filha desejava inconscientemente um filho do pai. É a partir desse desejo de morte contra os pais que Freud compreende a sua autoagressão:

“é provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido a outrem. Tampouco a descoberta regular desses desejos de morte inconscientes naqueles que tentaram suicídio precisa surpreender-nos (não mais do que deveria para fazer-nos refletir que isso afirma nossas deduções), de vez que o inconsciente de todos os seres humanos se acha bem repleto de tais desejos de morte, até contra aqueles a quem amam.” (p.202)

Essa interpretação a respeito das motivações inconscientes do suicídio foi abordada tanto pelas discussões dos psicanalistas da Sociedade de Viena, como em *Luto e melancolia* (1917[1915]). Podemos compreender que esse desejo de morte continha tanto uma agressividade em relação à mãe quanto em relação ao pai, assim como sua afeição também se dirigia a ambos, na ambivalência característica que rege as relações parentais. Entretanto, nos dois casos o seu amor parece ter sido mal recebido, o que pode ter contribuído para esse retorno da agressividade sobre si mesma. De um lado, a mãe competidora e invejosa; de outro, o pai repressor e autoritário.

A questão transferencial que perpassa a relação entre alunos e professores — ponto importante da discussão do grupo das quartas-feiras, ao considerar o papel da escola no suicídio de jovens — volta a ser mencionada nesse texto. Freud recupera um momento significativo da vida escolar da jovem durante sua análise: “Quando estudante, estivera longo tempo enamorada de uma professora rígida e inaproximável, evidentemente uma mãe substituta”. (p. 208) A partir dessa investigação clínica, verificamos mais objetivamente que os conflitos edípicos se reeditam tanto nas vivências amorosas quanto nas atitudes autoagressivas.

Contudo, faz-se necessário compreender as particularidades presentes nas diferentes interpretações freudianas sobre o ato suicida. Neste texto, encontramos a questão da agressividade inicialmente destinada ao outro, que se volta contra si mesmo, à semelhança da metapsicologia melancólica. Encontramos também a descrição do romance familiar vivido pela jovem em sua conturbada relação com seus pais. Mas há um ponto a ser destacado: qual a relevância do papel exercido pela mãe no contexto da infância?

Nesse momento, Freud concentra as explicações acerca das relações objetais da jovem num momento específico, mas julgamos ser necessário ampliar tal ponto de vista; como a teoria psicanalítica orienta, será preciso investigar a influência da primeira infância na questão

do suicídio. O relato do caso não nos oferece mais elementos para abordar esta questão, embora possamos compreender a demanda de amor destinada à professora como um possível indício de algo que não era ofertado pela mãe. Não é possível fazer inferências mais completas a esse respeito, já que o relato não abarca clinicamente elementos referentes aos aspectos iniciais da relação com a mãe.

No que se refere ao tempo do Édipo, encontramos elementos descritos no caso que nos esclarecem sua relação com o objeto materno nesse momento, mas resta saber que entraves descobriríamos nas vivências pré-edípicas destrinchadas pelo processo analítico. Nossa aposta é que haveria questões fundamentais a serem pesquisadas. Conforme pretendemos demonstrar a partir de referências que problematizem esse ponto, estender a questão da relação com o objeto materno para antes da triangulação edípiana pode ser capital na compreensão da problemática do suicídio.

Capítulo II – As marcas das primeiras relações objetais no inconsciente

Neste capítulo, investigaremos os possíveis efeitos de uma falha ocorrida na primeira relação objetal. Para tanto, apresentaremos algumas construções teóricas sobre o aparecimento das relações de objeto em um sujeito – e os desdobramentos que podem surgir desse encontro. Em seguida, investigaremos a possibilidade de uma falha nesse processo, reunindo autores que apresentam hipóteses importantes, ao indicarem caminhos para a compreensão do autoextermínio a partir da relação precária com o primeiro objeto de amor.

Vejamos, assim, as considerações que Freud expõe a respeito da importância da figura materna na construção da percepção da alteridade pelo bebê, bem como a maneira como esse seu ingresso acontece a partir de um despertar da sexualidade infantil.

2.1 – A função do objeto materno

Em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud descreve o processo pelo qual a mãe se estabelece como primeiro objeto de satisfação infantil. A figura materna, que se compromete com os cuidados à criança, faz mais que garantir os cuidados corporais; ela é a responsável por erotizar e despertar a libido naquele bebê.²² Esse estímulo erotizante se dará primordialmente, nesse momento, por via da amamentação. Pela boca, a criança obtém a saciedade do alimento e o convite à descoberta do prazer oral.

A pulsão sexual terá, então, um objeto externo ao próprio corpo; o seio da mãe. O prazer oral é despertado a partir da função de nutrição, que vem apaziguar a fome, e é sobrepujada pelo prazer experimentado em tal ato. Nesse momento, o bebê ainda está imerso no autoerotismo e não é capaz de distinguir seu corpo do objeto que o satisfaz. Mais tarde, dois processos coincidem: a unificação de suas pulsões autoeróticas, inaugurando um eu narcísico, e a percepção de que esse objeto não é parte de si, movendo-se à sua revelia. A criança perde o objeto exatamente na época em que começa a ser capaz de apreender a figura da mãe de maneira totalizada, e o advento do narcisismo reúne as pulsões autoeróticas em um eu unificado. Para Freud, a perda do objeto coincide com a transformação do objeto parcial

²² Para nomear este adulto responsável pelos primeiros cuidados de um bebê, utilizaremos os termos: “mãe”, “objeto materno”, “figura materna”. Isto não quer dizer que tal função só possa ser exercida pela mãe biológica, tampouco por alguém do sexo feminino. Mesmo no caso da amamentação, primordial na teoria freudiana, podemos considerar modificações que não impedem que o cuidador seja o responsável pelo despertar do prazer oral advindo da nutrição. Contudo, a opção por esses termos considera a predominância em nossa cultura da vinculação entre a mãe biológica e este papel de primeiro cuidador. O que está em questão, insistimos, é a posição ocupada por esta figura nos cuidados e na construção de uma relação libidinal, que começa a se desenvolver logo que o bebê chega ao mundo.

em objeto total — quando o seio que nutre e estimula é integrado à totalidade da figura materna.

Sabemos que Freud postula o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e o investimento objetal. No movimento que culmina no narcisismo, o eu se configura como tal, ao mesmo tempo em que começa a apreender a alteridade de que se constitui seu objeto, a mãe, que começa a ser percebida como objeto total. Assim, o prazer que se busca na investida em relação ao objeto é um primeiro prazer mais arcaico, oriundo da fusão autoerótica vivida entre o bebê e a mãe, em um tempo em que a mesma não era distinta como alteridade pelo bebê, que ainda não havia se constituído como sujeito.

Esse momento ditará os moldes nos quais o objeto será buscado pelo sujeito. Como vemos, trata-se de um objeto perdido por definição, já que a indiferenciação fusional característica daquele tempo se perde no momento em que o sujeito unificado pelo narcisismo se constitui. Ainda assim, esse objeto que se (con)funde àquele que o busca será almejado em cada escolha objetal da vida futura, na expectativa de reviver esse tempo de indiferenciação. “Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é, na verdade, um reencontro dele.” (Freud, 1905, p. 229)

Como vimos, em 1910 os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena já debatiam as vinculações possíveis entre o suicídio e os primeiros anos de vida. Freud e seus discípulos se perguntavam se os suicídios de crianças, exatamente por serem terrificantes, não poderiam ser ainda mais reveladores da trama psíquica que subjaz a esse ato, independentemente da idade em que seja cometido. Tal raciocínio, que se justifica ao levarmos em conta a atemporalidade do inconsciente, permite vislumbrar o impacto das primeiras experiências sobre o seu funcionamento.

Nesse sentido, lembramos a elaboração de Sándor Ferenczi em um pequeno texto intitulado “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, em que o autor considera os percalços na vida infantil ocasionados pela percepção da criança de que não é amada. Para o autor, “crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam um dos meios orgânicos para desaparecer rapidamente ou, se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida.” (Ferenczi, 1929, p. 49)

O autor acrescenta, ainda, que os pais devem levar a criança a se sentir acolhida e cuidada; caso contrário, suas pulsões de destruição seriam fortemente acionadas, determinando definitivamente seu modo de ser na vida. Para Ferenczi, as crianças percebem prontamente a hostilidade familiar, o que pode acarretar uma quebra na vontade de viver e na

capacidade de lidar com a adversidade, tornando-se adultos com fortes tendências pessimistas e autodestrutivas.

Será necessário, nesta compreensão, investigar a ocorrência de uma falha do objeto que não se dá durante o atravessamento do complexo de Édipo, e sim muito mais precocemente. Para compreender esse processo, será necessário desvendar o modo de funcionamento do psiquismo em seus primórdios, quando a identificação e o modo de apreensão do objeto fundada nos ditames da fixação na fase oral darão a tônica de tal quadro. A metapsicologia da melancolia será fundamental para esclarecer esse modo particular de funcionamento psíquico, no qual o objeto perdido passa a fazer parte do eu, e esta sombra abandonica é alvo tanto dos insultos do sujeito como do sadismo implacável do supereu.

2.2 — O objeto perdido e a sombra abandonica

A seguir, acompanharemos minuciosamente as elaborações freudianas contidas em *Luto e melancolia* (Freud, 1917[1915]), devido à sua importância metapsicológica nesse contexto, que justifica sua retomada neste momento da discussão. Freud escreve que, para além das semelhanças perceptíveis clinicamente, como o abatimento, a inibição e a suspensão dos investimentos objetais externos, a melancolia guarda a singularidade fundamental que a diferencia do luto e afirma sua particularidade: a perturbação da autoestima. No luto, o teste da realidade prova que o objeto de amor não está mais lá, e essa falta será vivenciada em toda sua carga de dor. Porém, como tais etapas do processo são conhecidas e temporárias, o processo não é considerado patológico. No caso da melancolia, embora esta possa decorrer também de uma perda objetal, parece haver uma perda “de natureza mais ideal.” A inferência pode ser feita ao levarmos em conta uma importante característica daquele que sofre: “o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu.” Isto é, ainda que haja uma perda de fato, a melancolia não se resume à sua elaboração; algo mais foi perdido, algo sobre o que o paciente não sabe dizer. Isto indica que “a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda.” (Freud, 1915, pp. 277-278)

Assim, percebemos que a perda do melancólico é de outra ordem. A dor não se resume ao vazio pela falta do objeto perdido, há um processo mais delicado em marcha no psiquismo, que já indica a centralidade da questão narcísica na melancolia. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego.” (p. 278) Contudo, não é possível, de início, perceber qual o afeto que o mobiliza tão intensamente.

Freud descreve os efeitos dessa perda no eu observada em seus pacientes, que dirigem a si mesmo sua agressividade e seus sentimentos de menosprezo. Degradam-se e tratam-se como a mais desprezível das pessoas, merecedor de punições e castigos, e se distanciam do sentimento de apego à vida. O autor assinala que, se os pacientes se consideram nesses termos, alguma razão deve haver nessa maneira de dizer de si. É a escuta analítica que permite a Freud questionar o que há de verdade nessa fala que avilta e condena a si mesmo. Com essa questão na proa de suas reflexões, Freud encontra a resposta que buscava como chave desse quadro clínico: “percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente.” (p. 280) Essas críticas revelam conteúdos de uma injúria que, de fato, se destinaria ao objeto abandonado. Freud descreve esse processo que se manifesta a partir de uma escolha objetal malsucedida, que se desfaz pelo abandono da pessoa amada. Em vez de a libido ser retirada (pelo processo de luto) para aos poucos poder ser investida em um novo objeto, algo diferente ocorreu:

“A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação.” (pp. 281-282)

Vale notar que a escolha de objeto de tipo narcísica permite que a libido encontre alguma equivalência entre o eu e o objeto, retrocedendo ao primeiro com base na identificação. Deste modo, é como se a relação com o objeto fosse preservada, já que a identificação narcisista se tornaria um substituto do investimento erótico. Esse movimento identificatório em relação ao objeto perdido será compreendido em sua totalidade ao considerarmos o modelo no qual ocorreu a primeira perda objetal sofrida pela criança: a separação da mãe. A melancolia irrompida quando de uma perda objetal remeterá a um momento mais fundamental, no qual as condições de separação do objeto materno marcaram definitivamente a maneira pela qual o sujeito se relaciona com seus objetos de amor substitutos deste primeiro. Voltaremos a este ponto.

Nessa substituição, o eu encontra uma maneira de continuar investindo naquele objeto, que passa a fazer parte de si. É nesse sentido que Freud descreve a identificação, essencial para que esse deslocamento ocorra, como uma etapa importante na escolha objetal. “O ego

deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o.” (p.282). Essa forma canibalesca de introjeção do objeto, típica de uma fixação na fase oral do desenvolvimento, também tem suas implicações na maneira como esta relação se dá. Embora a identificação não seja exclusividade da melancolia, há que se considerar que, nela, qualquer outro investimento objetual está suspenso. Além disso, a melancolia constitui terreno propício para que a ambivalência em relação ao objeto apareça como reação à perda sofrida, de modo que o sadismo encontra um terreno propício para suas manifestações:

“Se o amor pelo objeto — um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo” (p. 284)

A autotortura impregnada de elementos sádicos provenientes da “instância crítica” abrange uma parte do investimento erótico do melancólico, enquanto a outra se destina à identificação com objeto, nessa “dupla vicissitude” que caracteriza a melancolia. Neste ponto, elucidam-se os elementos teóricos necessários para compreender como a melancolia tão frequentemente traz consigo a ameaça e o risco de suicídio.

Nas sessões da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1910 e na análise do caso da jovem homossexual, Freud já suspeitava do retorno da agressividade contra um terceiro como possível causa de uma agressão destinada ao eu. Naquele contexto, a deflexão da agressividade surgia como hipótese para explicar o suicídio a partir da agressividade vivida em relação aos pais. Agora, o mecanismo patológico da melancolia confirma tal hipótese.

“De há muito, é verdade, sabemos que nenhum neurótico abriga pensamentos de suicídio que não consistam em impulsos assassinos contra outros, que ele volta contra si mesmo, mas jamais fomos capazes de explicar que forças interagem para levar a cabo esse propósito. A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetual, puder tratar a si mesmo como um objeto — se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo. Assim, na regressão desde a escolha objetual narcisista, é verdade que nos livramos do objeto; ele, não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego.” (p. 285)

Até então, o narcisismo e a autoconservação tornavam controversa a constatação de que o eu consentiria com o próprio aniquilamento. Neste momento, Freud pôde descobrir que

o eu desfere contra si mesmo as agressões que seriam destinadas ao objeto. Porém, como agora está identificado a este, é sobre si mesmo que suas agressões serão lançadas. A identificação permite que o eu trate a si mesmo como se fosse o objeto perdido, identificado a ele em seu aspecto maligno. Por isso, este eu se acusa e se maltrata. Nessa sequência, o suicídio se torna um perigo constante e real. Vingança contra este objeto que se tornou parte do eu, tentativa de estancar a ferida característica do sofrimento melancólico ou consequência da perda capacidade do eu de se investir libidinalmente? Talvez não seja possível decidir entre uma dessas hipóteses, mas tentar compreender como elas se arranjam a partir de cada caso.

A melancolia atua como “ferida aberta”, que ao mesmo tempo atrai para si os investimentos do eu e o esvazia através desse buraco psíquico deixado pelo rompimento com o objeto. O eu, em consequência, se empobrece, tornando-se incapaz tanto de investir em novos objetos quanto de reter a libido necessária para se sustentar narcisicamente. Freud caracteriza a relação com o objeto na melancolia a partir da ambivalência que a constitui. O objeto é amado e odiado; ele é interno e externo. Foi perdido e tornou-se para sempre parte do eu. Nessa relação ambígua é que vemos o risco do esvanecimento do sujeito, junto à pulsão de vida que escapa pelo buraco deixado pela dor da perda do objeto.

Para Freud, é ambivalência em relação ao objeto que torna a melancolia tão complexa, e esta ambivalência pode ser resultado justamente “daquelas experiências que envolveram a ameaça da perda do objeto.” (p.289) Podemos ainda inferir que a inconsistência do investimento por parte do objeto tem um papel preponderante na dificuldade do sujeito em constituir relações objetais amorosas no futuro.

Para aprofundarmos essa discussão, é fundamental recorrermos a formulações tais como as que encontramos em *O ego e o id* (Freud, 1923), em que a divisão do psiquismo em três instâncias e o conceito de narcisismo estão em evidência, principalmente no que se refere à distinção entre eu ideal e ideal do eu e no processo de substituição do narcisismo da primeira infância pela submissão a um ideal do eu internalizado. Vamos nos deter especialmente sobre aspectos deste texto que auxiliem a compreensão do tema do suicídio, como: a introjeção, a identificação ao objeto e a formação da instância superegoica em sua relação com a melancolia.

2.3 — A questão da identificação

Ao abordar a problemática da identificação, Freud retoma a explicação teórica do funcionamento melancólico para defini-la como essencial na substituição do investimento

objetal pelo narcísico. Nesse processo, compreende-se que “um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação.” (Freud, 1923, p.42). Mais adiante, veremos que essa articulação será fundamental na compreensão não apenas da melancolia, mas da importância dos primeiros objetos na formação do psiquismo.

“viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’. A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra.” (p. 43)

A amplitude que o conceito de identificação adquire demarca outro aspecto: o tipo de apreensão do objeto, característico dos primórdios do sujeito. Na fase oral, a primeira fase do desenvolvimento da organização sexual, tanto a relação entre sujeito e objeto quanto os limites entre investimento objetal e identificação ainda não se distinguem, e será necessário investigarmos em que termos ocorre cada um desses processos e as maneiras como eles se articulam nos momentos iniciais do psiquismo.

A forma como o objeto será introjetado será guiada pela fase vigente do desenvolvimento sexual. Logo, essa apreensão será feita a partir de um psiquismo regido pela oralidade: é devorando o objeto que ele passa a fazer parte do eu. Em nota, Freud faz uma conexão interessante entre a substituição da escolha objetal pela identificação e as crenças primitivas de que os atributos dos alimentos são adquiridos por aqueles que os comem: “essa crença constitui uma das raízes do canibalismo e os seus efeitos continuaram, através de uma série de costumes da refeição totêmica, até a Sagrada Comunhão.” (p. 43). Notadamente, esse modo de relação com o objeto carrega um forte componente sádico.

No caso da melancolia, os percalços da primeira relação com o objeto são revividos transferencialmente, indicando algum tipo de falha que teria ocorrido no momento de separação do objeto primário. Ao mesmo tempo, a regressão da libido faz com que o mesmo padrão volte a incidir numa repetição bastante arriscada. A perda ocasional de um objeto de amor atualiza a perda mais fundamental, a separação do objeto materno, vivida no momento em que este é percebido como alteridade. Contudo, Freud destaca que de todo abandono de um objeto sexual decorre essa alteração no eu, a instalação do objeto internamente. Desse modo, vemos que este não é um processo presente apenas na melancolia. Como hipótese para justificar tal processo, o autor presume que, através dessa introjeção, conduzida pela regressão ao mecanismo da fase oral, o eu possibilite que o objeto seja abandonado.

A introjeção do objeto, que passa a fazer parte do eu, se mostra, portanto, muito mais geral, de maneira que poderíamos considerar que nenhum objeto investido seja totalmente abandonado do ponto de vista psíquico, já que o eu lança mão da introjeção de características do objeto para guardar consigo uma parte daquele que se foi. Esta seria uma condição necessária para que o isso consinta no abandono do objeto, além de ser decisiva na formação do caráter, que se define como um precipitado de investimentos objetais abandonados. A introjeção teria a função de uma espécie de “acordo” com o isso: o eu desinveste o objeto, mas se oferece nessa troca, que é aceita uma vez que o eu apresenta, agora, os mesmos atributos do objeto perdido. “Quando o ego assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’.” (p.44). Desse modo, o eu é composto do conjunto dessas reminiscências, marcado e constituído por traços dos objetos perdidos.

Cabe lembrar, ainda, que o processo sublimatório também está em questão. Freud considera que a sublimação só poderá ocorrer após a libido ter sido primeiramente recolhida ao eu, para que, em seguida, possa ser destinada a novos objetos. Esse movimento requer uma dessexualização da libido, descrita como o abandono de objetivos sexuais. Esse raciocínio traz uma consequência importante: Freud suspeita que, na verdade, essa transformação da libido objetal em libido narcísica seja uma etapa necessária a toda sublimação, e acrescenta que talvez outros destinos sejam decorrentes dessa etapa. Contudo, ele antevê uma consequência do processo: “teremos de considerar se outras vicissitudes instintuais não podem resultar também dessa transformação; se, por exemplo, ela não pode ocasionar uma defusão dos diversos instintos que se acham fundidos.” (pp. 44-45)

Para que a sublimação ocorra, é necessário que a libido se desvincule do objeto externo e retorne ao eu, investindo-o narcisicamente. Porém, será necessário considerar os desdobramentos que decorrem desse retorno da libido, já que o mesmo requer uma defusão entre pulsão de vida e pulsão de morte. A questão da defusão pulsional será novamente abordada posteriormente. Como veremos, neste ponto reside um grande risco para o eu.

2.3.1 — As primeiras identificações e a formação do supereu

Freud destaca um momento determinante na vida psíquica no que se refere à introjeção de um objeto. As primeiras identificações, ocorridas na mais tenra infância, teriam um papel preponderante sobre todas as outras identificações ocorridas na vida futura, e seus

efeitos seriam mais duradouros e significativos na construção do caráter, visto que, mais tarde, uma capacidade de barrar a influência dos objetos abandonados já teria sido erigida.

Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), Freud já faz referência à hipótese de que a primeira identificação da criança seria com o pai, e não com a mãe, um momento que prepararia o terreno para o complexo de Édipo, que ocorre, porém, bem mais precocemente. Na experiência edípica, o menino perceberia que o pai se coloca como um obstáculo em relação à mãe, e passa a rivalizar com este. Os sentimentos hostis são aflorados e intensificados, embora a ambivalência esteja presente desde o início. Na evolução dessa relação com o pai, perceberíamos a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. “No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo, o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego.” (Freud, 1921, p.134) Assim, a ligação que ocorre nos moldes identificatórios já seria possível muito antes de qualquer ligação de objeto.

Em *O ego e o id* (Freud, 1923), o autor retoma essa concepção e volta a considerar a relevância da identificação com o pai. A origem do ideal do eu teria como fundamento “a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal.” (p.45) Em nota, Freud pondera sobre o uso restritivo do termo ‘pai’: “Talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe.” (p. 45). Essa primeira identificação, no entanto, não seria resultado de um investimento que teve de ser abandonado, mas sim de uma identificação direta, anterior a qualquer investimento de objeto.

Esse ponto da teoria merece maior atenção. A primeira relação de objeto será com a figura materna, aquela que nutre e cuida, e será mediada pela fase oral, despertada pelo contato do bebê com o seio materno e com o leite. Primeiramente, não há a distinção entre mãe e bebê, ainda bastante fusionados do ponto de vista psíquico, o que não permite a distinção entre investimento objetal e identificação. Entendemos essa primeira relação como fundamental, a partir da qual o bebê terá suas primeiras experiências de prazer e viverá sua primeira experiência de perda, no momento de diferenciação, em que mãe e bebê já não são percebidos por ele como pertencentes à mesma unidade. A reação a essa separação será vivida nos termos já descritos da introjeção, da apreensão oral do objeto e da identificação, como formas de lidar com esse vazio deixado pela constatação precoce de que o objeto que cuida não obedece apenas às necessidades e desejos deste eu ainda precário.

Contudo, Freud propõe uma identificação com o pai que precede a percepção deste “terceiro” da relação, que definiria o pai da vivência edípica. É necessário, neste contexto, diferenciar o pai anterior aos investimentos objetivos do pai do Complexo de Édipo, o terceiro que impede o acesso à mãe. A psicanalista Maria Rita Kehl esclarece a questão escrevendo que o pai que promove essa primeira identificação — que inscreveria o traço unário — não é o mesmo pai com o qual a criança vai rivalizar quando da vivência edípica. “Do ponto de vista da psicanálise, o pai é introduzido no complexo de Édipo por meio do discurso da mãe.” (Kehl, 2009, p. 246)

Ao considerarmos a ressalva feita pelo próprio Freud ao relativizar a necessidade em se falar de “identificação com o pai”, quando ele sugere o plural para designar o caráter contingencial que caracteriza essa primeira identificação, talvez possamos pensar que se trata, de fato, de uma identificação “com os pais”, certamente diferente da posição ocupada pelo pai no complexo de Édipo. Posteriormente, discutiremos ainda a possibilidade acenada por uma discussão que considera essa primeira identificação como referente ao reconhecimento da figura humana, ainda aquém de qualquer distinção a respeito das características do objeto.

2.4 — A atuação da pulsão de morte

É ainda preciso compreender o ponto de vista pulsional, pois há desenvolvimentos essenciais concernentes às descobertas teóricas apoiadas na concepção da pulsão de morte, cuja função é definida por levar a vida orgânica de volta à sua origem, o estado inanimado. Eros, representante da pulsão de vida, teria uma tarefa ambígua: preservar a vida e ao mesmo tempo dificultá-la com seus aspectos complicadores. Assim, as duas pulsões poderiam ser consideradas conservadoras, pois ambas estariam, no limite, caminhando em direção ao restabelecimento de um estado de coisas anterior, e a vida seria a causa do esforço em direção à morte.

Ainda é preciso explicar como ocorre a fusão e a des fusão entre pulsão de vida e pulsão de morte, no intuito de compreender a regressão da libido e seus desdobramentos. A relação entre a des fusão pulsional e a sublimação, como vimos, se baseia na dessexualização decorrente da ruptura entre as duas correntes pulsionais. Já descrevemos esse processo, presente no retorno à fase oral, ensejado pela melancolia (p.39). A regressão da libido dependeria de uma des fusão entre as pulsões, enquanto o investimento em um objeto unificado e já sob a égide da genitalidade dependeria da junção de componentes libidinais no processo.

“poderíamos conjecturar que a essência de uma regressão da libido (da fase genital para a anal-sádica, por exemplo) reside numa desfunção de instintos, tal como, inversamente, o avanço de uma fase anterior para a genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos.” (p. 57)

Uma importante conclusão é inferida desse processo: o recolhimento narcísico decorrente do retorno da libido requer o desinvestimento de objetos eróticos, que Freud denomina dessexualização. Em decorrência desse movimento, as duas pulsões se desenlaçam, a pulsão sexual é desinvestida, e o eu se encontra mais vulnerável à atuação da pulsão de morte.

Para compreender as implicações da constituição do supereu, Freud se vale de situações clínicas que contribuem nessa teorização. Ele descreve, então, o fenômeno da reação terapêutica negativa, em que o analista percebe os movimentos contrários à cura esboçados pelo próprio paciente. Comentários positivos não são suportados, e indícios de melhora provocam um acirramento dos sintomas. O que se estabelece, assim, é uma gama de atuações contrárias ao que seria um bom andamento da análise, que indicam que há uma força que trabalha contra o restabelecimento, que chega a ser temido e sobrepujado pela necessidade da doença.

Essa reação traz grande dificuldade para a clínica, já que é motivada por fatores inconscientes que ganham força a partir da atuação da pulsão de morte. Além disso, as causas mais profundas dessa reação remetem às primeiras identificações com o objeto, formuladas nos termos da introjeção, e à enorme resistência em abrir mão desses investimentos, que se tornaram, desde muito cedo, parte do eu. A chave para a compreensão da reação se encontra no que Freud denomina “fator moral”, no qual a doença é sustentada pelo sentimento de culpa. Este, por sua vez, impede que o sofrimento, vivido como uma punição merecida, seja abandonado pelo paciente. A grande dificuldade em transpor essa barreira de resistência, que recusa a possibilidade da cura, se sustenta num ponto crucial: o sentimento de culpa, causa da resistência, exerce papel fundamental naquele psiquismo. Trata-se do traço remanescente do objeto perdido. Assim, abandonar tal traço significaria também abandonar o que restou desse objeto primário. A culpa que se instala no paciente

“é produto de uma identificação com alguma outra pessoa que foi outrora objeto de uma catexia erótica. *Um sentimento de culpa que foi dessa maneira adotado, frequentemente constitui o único traço remanescente da relação amorosa abandonada e de modo algum é fácil reconhecer como tal.* (A semelhança entre esse processo e o que acontece na melancolia é inequívoca.)”. (p.66) [itálico nosso]

Como vimos a partir da melancolia, a introjeção de elementos oriundos do objeto abandonado é não apenas a maneira pela qual o eu pode se constituir, mas também sua chance de conseguir sobreviver apesar da perda do objeto. Sem esse traço, o que resta? É nesses termos que se configura o impasse do analista que se depara com a atuação da pulsão de morte.

2.4.1 — Neurose obsessiva, melancolia e pulsão de morte

Embora considere semelhanças no que se refere à severidade do supereu, o autor demarca limites importantes entre a melancolia e a neurose obsessiva. Na melancolia, a crítica superegoica se apoia na consciência, a qual o eu acata prontamente, admitindo a culpa e se submetendo às punições e, devido à identificação, o objeto contra o qual a ira do supereu se volta é parte do eu. A partir do mecanismo melancólico, Freud esclarece os riscos presentes na atuação do supereu. Na melancolia, o supereu conta com um apoio na consciência e direciona ao eu sua ira, lançando mão de todo o seu sadismo contra esse objeto, que agora se encontra dentro da unidade egoica.

“Seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego. O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte” (pp. 69-70)

O risco à integridade do eu aparece como um dos elementos mais alarmantes do quadro melancólico. A concentração de sadismo no supereu acarreta que a sua relação com o eu se torne perigosa, pela regência desta “cultura pura de pulsão de morte”.

Embora considere que as censuras da consciência sejam de fato atormentadoras na neurose obsessiva, Freud a distingue claramente em relação aos seus riscos para o sujeito. Ele chega a afirmar, embora seja prudente guardar ressalvas quanto à generalidade dessas proposições, que não haveria risco de suicídio no caso da neurose obsessiva. Essa observação é sustentada pela diferença entre esta e a melancolia. Na neurose obsessiva, o alvo da atuação superegoica seriam impulsos exteriores ao eu.

O objeto teria sido retido no isso, o que permite conter, nesta instância, a agressividade destinada ao objeto. Esse processo se dá com a regressão da libido a um estágio pré-genital e através das formações reativas, que conseguem restringir no isso a atuação da destrutividade. Já na melancolia, destinar a agressividade do supereu ao objeto acarreta atacar o próprio eu. A partir da moralidade e da identificação com a figura paterna, Freud pôde compreender como se dá a reunião das pulsões de morte no supereu. Ele considera que o caráter supermoral do

supereu pode se aproximar, devido à sua crueldade, da atuação desenfreada do isso. A contenção da agressividade faz com que ela seja remetida ao próprio eu, que se torna um tirano de si mesmo.

Freud ressalta, ainda, outro elemento fundamental para explicar a impulsividade destrutiva que se represa no supereu: a des fusão pulsional decorrente da identificação com o modelo paterno. A sublimação que ocorre nesse processo traz em si mesmo a dessexualização, de modo que, neste momento, há também uma des fusão entre as pulsões. É essa des fusão que libera a pulsão de morte, que até então se encontrava fusionada à libido e que, agora, atua livremente no supereu.

“Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa des fusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal — o seu ditatorial ‘farás’.” (p.71)

Na neurose obsessiva, a des fusão pulsional é consequência da regressão libidinal que ocorreu no isso, à qual nos referimos anteriormente. Contudo, esse processo não se limitou apenas ao isso, tendo também abrangido o supereu, que passa a atacar o eu. Essa agressividade se justifica pelo fato de que o eu, por ganhar domínio sobre a libido por meio da identificação, é punido pelo supereu, fazendo uso da agressividade, que até então estava fusionada com a pulsão de vida.

Embora a sublimação e a identificação permitam que o eu auxilie o isso na tarefa de controlar a libido, esse processo acarreta um risco considerável, pois o eu pode sucumbir à pulsão de morte e fenecer, tendo se tornado seu objeto. A reserva libidinal egoica tem a função de protegê-lo e conduzi-lo em direção a Eros, embora nem sempre o eu obtenha êxito nessa função.

“já que o trabalho de sublimação do ego resulta numa des fusão dos instintos e numa liberação dos instintos agressivos no superego, sua luta contra a libido expõe-no ao perigo de maus tratos e morte. Sofrendo sob os ataques do superego e talvez até mesmo a eles sucumbindo, o ego se defronta com uma sorte semelhante à dos protistas que são destruídos pelos produtos da decomposição que eles próprios criaram. Do ponto de vista econômico, a moralidade que funciona no superego parece ser um produto de decomposição semelhante.” (pp. 73-74)

Para o eu, o amor do supereu é fundamental para a manutenção da vida, já que esta instância, lembremos mais uma vez, é o traço reminescente da função de cuidado e proteção exercida pelos pais. O eu, portanto, está completamente subjugado à demanda de amor e proteção dirigida a esse objeto substituto, o supereu. Assim, “quando o ego se encontra num

perigo real excessivo, que se acredita incapaz de superar por suas próprias forças, vê-se obrigado a tirar a mesma conclusão. Ele se vê desertado por todas as forças protetoras e se deixa morrer”. (p. 75)

Freud relaciona ainda esse desamparo ao “primeiro grande estado de ansiedade do nascimento e a ansiedade infantil do desejo — a ansiedade devida à separação da mãe protetora.” (p.75). Como vemos, embora Freud anuncie a questão da identificação primária com os pais, ele persiste na função do objeto materno e sua função inaugural diante de um psiquismo ainda rudimentar.

2.5 — O reencontro com a imago materna

Lacan traz um interessante ponto de vista acerca da separação do objeto materno, no que se refere tanto à necessidade dessa separação, quanto às possíveis consequências das dificuldades em implantá-la psicologicamente. Em *Os complexos familiares*, de 1938, o autor escreve algumas reflexões sobre a particularidade do laço entre mãe e bebê e da relevância da sublimação da imago materna para o psiquismo infantil.

Nessa obra, originalmente uma contribuição para o volume VIII da *Encyclopédie française*, vemos a importância atribuída à interação entre mãe e bebê durante a amamentação e o desmame, bem como à função materna, que, por vezes, determina o “traumatismo causal” envolvido nos percalços desse contato. Como as experiências dessa etapa da vida são anteriores ao advento da forma do objeto, Lacan destaca que, possivelmente, não são registradas pela consciência. Entretanto, elas inserem suas marcas nas estruturas mentais que modelam as experiências psíquicas posteriores, o que acarreta uma influência ainda maior sobre o psiquismo do que as experiências passíveis de inscrição. Na vida adulta, será possível reconhecer vestígios dessa relação, fortemente marcada pela oralidade e pela ambivalência:

“As sensações proprioceptivas da sucção e preensão constituem, evidentemente, a base dessa ambivalência da vivência, que decorre da própria situação: o ser que absorve é inteiramente absorvido e o complexo arcaico lhe corresponde no abraço materno... ‘Canibalismo’, mas canibalismo fusional, inefável, simultaneamente ativo e passivo, sempre sobrevivente nos jogos e palavras simbólicas que, no mais evoluído amor, recordam o desejo da larva — reconheceremos nesses termos a relação com a realidade sobre a qual repousa a imago materna.” (Lacan, 1938, p.26)

Para que a aderência às marcas deixadas pela relação com o objeto materno não adentre os limites do patológico, Lacan ressalta a necessidade da sublimação da imago da mãe, para que novas relações, advindas do grupo social, possam ser integradas ao psiquismo.

“Na medida em que resiste a essas exigências novas que são as do progresso da personalidade, a imago, salutar na origem, torna-se fator de morte.” (p.28)

O autor localiza, no processo analítico, a evidência de que a tendência à morte possa ser vivida como “objeto de um apetite”, e tal evidência, irredutível, seria explicada não pela correspondência entre o complexo do desmame e as funções vitais e a biologia, mas justamente pela “insuficiência congênita dessas funções.” Tal argumentação contradiz incisivamente a crítica de que a pulsão de morte teria sua coerência metapsicológica refutada pelos argumentos biológicos, a partir dos quais Freud ilustra seu funcionamento. Em vez disso, Lacan afirma que é exatamente a precariedade fisiológica humana que permite a emergência dessa destrutividade.

Sobre as consequências do rompimento abrupto entre a mãe e a criança, Lacan indica a fragilidade do narcisismo advinda de um abandono psíquico, no tempo crucial da formação do eu. O desmame ocupa um lugar fundamental na história de um sujeito, pois representaria a forma primordial da imago materna, o que mais uma vez coloca em relevo o processo de separação entre mãe e bebê. Lacan ressalta que a imago da mãe se atém às profundezas do psiquismo, de maneira que sua sublimação seja particularmente difícil. Entretanto, o processo sublimatório é fundamental para que novos investimentos possam ocorrer, sob pena de aniquilamento do indivíduo:

“Essa tendência psíquica à morte, sob a forma original que lhe dá o desmame, revela-se em suicídios muito especiais que se caracterizam como “não-violentos”, ao mesmo tempo em que aí aparece a forma oral do complexo: greve de fome da anorexia mental, envenenamento lento de certas toxicomanias pela boca, regime de fome das neuroses gástricas. A análise desses casos mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe.” (p. 29)

A força simbólica dessa associação entre a morte e a mãe seria perceptível nas práticas de sepultamento, que, em seus rituais, revelam o sentido latente de retorno ao ventre materno e a pregnância desta imago no psiquismo de forma geral, e não apenas àqueles que não puderam sublimar satisfatoriamente essa imago. Tal associação será mais desenvolvida no terceiro capítulo.

Na obra da psicanalista francesa Marie-Claude Lambotte, referência na pesquisa sobre a melancolia, encontramos o exemplo em que se ilustra fielmente essa formulação. Em *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia* (1997), a autora verifica, em algumas pacientes melancólicas, a maneira como a experiência do desmame adquiriu uma tonalidade de morte. É o que observamos nesse fragmento clínico, em que a paciente “Senhora B.” descreve suas reminiscências sobre o acontecimento, no qual se reúnem

oralidade (envenenamento oral por uma mãe maligna e doente), introjeção mortífera do objeto e ambivalência materna:

“Eu chorava o tempo todo; ora, depois que mandaram examinar o leite de minha mãe, verificou-se que ele não era suficientemente nutritivo. Isto por causa da doença de minha mãe. E veja, continua a Senhora B., já aí ela envenenava a minha existência, ela não queria que eu vivesse.” (Lambotte, 1997, p. 198)

Esse exemplo ilustra, de fato, uma estagnação regressiva nas relações psíquicas formadas pelo complexo de desmame, cujas marcas não cessam de operar. No contexto do declínio do desmame, Lacan forja uma teoria fundamental a respeito da identificação, cuja origem se designa pelo já conhecido estágio do espelho, sobre o qual nos deteremos a seguir.

2.6 — A problemática especular

Em artigo oriundo de comunicação proferida em 1949, Lacan descreve minuciosamente a cena fundamental no que concerne à formação do psiquismo infantil: o estágio do espelho. O autor propõe esse momento como uma identificação, uma “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem — cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.” (Lacan, 1998, p.97) [itálico no original]. Essa “transformação” descrita assume um caráter fundante no que se refere à identificação que decorre da cena. Por tal razão, a qualidade da presença do cuidador é decisiva, e sua disfuncionalidade deixará marcas graves nos casos em que o *infans* assume uma imagem que o reporta ao vazio.

Consideramos que as teorias apresentadas por Lacan em momentos distintos de sua obra não se contradizem ou se suplantam, mas se suplementam. Ao nos debruçarmos sobre o momento descrito no contexto do desmame infantil — momento primordial da separação da mãe — e a identificação especular descrita sob o conceito de “estádio do espelho”, percebe-se que não é possível prescindir de nenhuma dessas formulações para abarcar a complexidade que envolve os primeiros momentos do desenvolvimento de um sujeito.

“O estágio [do espelho] assim considerado corresponde ao declínio do desmame, ou seja, ao fim desses seis meses cuja dominante psíquica de mal-estar, correspondente ao atraso do crescimento físico, traduz essa prematuração do nascimento que é, como dissemos, o fundamento específico do desmame no homem.” (Lacan, 1938, p. 35)

Na fase do espelho, há um processo psíquico em marcha responsável pela unificação corporal, em que funciona uma proprioceptividade que, inicialmente, dá o corpo como despedaçado, difuso. Há então um deslocamento do investimento psíquico para tendências

que visam ao recolamento do corpo, ao mesmo tempo em que a realidade externa, até então também fragmentada, começa a ter seus espaços e objetos ordenados e unificados. Esses dois movimentos imprescindíveis tornam possível ao *infans* adquirir uma imagem total de si, bem como passar a ser capaz de distinguir seus objetos de amor.

Esse estágio terá importância fundamental para compreendermos a relação entre o objeto materno e a melancolia, uma vez que se fundamenta sobre a premissa de uma identificação designada como a transformação produzida por aquele que assume uma imagem. A transformação se refere à emergência do sujeito em que só havia a dispersão pulsional do *infans* e se dará a partir do modelo da *imago* materna. Assim, podemos compreender a determinância dessa etapa, na qual o eu se precipita em uma matriz²³ simbólica de forma primordial, antes mesmo da identificação com o outro ou da aquisição da linguagem. O reconhecimento da imagem diante do espelho está estreitamente ligado ao primeiro olhar da mãe, que, apoiado na relação sensorial com seu corpo, representa o modelo do rosto humano. Com Lambotte, veremos que

“é a presença ativa da mãe ou da ‘pessoa compassiva’ que permite ao *infans*, pelo jogo recíproco do olhar, do sorriso e da voz, precipitar-se nessa identificação ao reflexo especular e apropriar-se dele como uma imagem ao mesmo tempo ideal e familiar, externa e interna” (Lambotte, 1997, p. 180)

A afetividade dispensada pela mãe condiciona a consistência da implicação do *infans* na operação especular, da mesma forma que incide sobre a qualidade da edificação de sua imagem. A “*imago* do corpo próprio se revestirá, desde então, para a criança, do aspecto do rosto da mãe, ou, mais exatamente, da tonalidade afetiva que habitava o olhar materno que ele fixava.” (p. 188)

Lambotte, inicialmente, vincula a problemática especular à etiologia primária da melancolia, dada a impossibilidade, nesta etapa, da integração da imagem de si pelo bebê. A autora ressalta que não se trata do reconhecimento cognitivo de sua imagem, mas de uma assimilação cuja força reside justamente em seu caráter inconsciente. Três polos fundamentais definem a compreensão da fase do espelho: o *infans*, a presença materna e o reflexo especular. A partir dessa primeira triangulação, ela define a importância da qualidade da participação da mãe na aquisição da própria imagem e do próprio espaço pelo *infans*, condição fundamental para a aquisição de um aporte narcísico que sustente a vida.

²³ Interessante notarmos aqui a proximidade entre os termos “matriz” e suas derivações, que também se remetem à ideia de “mãe”. No editor de textos Word, os seguintes sinônimos são encontrados para a palavra “matriz”: “madre; mãe-do-corpo; útero”.

“Esboçado uma primeira vez no olhar do outro, o sujeito só pode, pois, encontrar no espelho os contornos da silhueta originária que se lhe concedeu com maior ou menor benevolência. Nisto reside, aliás, o mérito de Winnicott, o de ter perfeitamente revelado os desfalecimentos do olhar materno na ambivalência que ele encobre e que as carências nos cuidados dirigidos à criança traduzem muito bem, carências tais como os avatares da presença ou as inépcias de sustentação (*holding*).” (p. 193)

A libido, a exploração e o conhecimento do corpo são inteiramente tributários do olhar que o outro compassivo dirige para as primeiras emoções do sujeito. Sem esse olhar de amor, as contingências facilmente se direcionam a uma condição melancólica, cuja gravidade pode trazer consequências nefastas para o sujeito. É preciso, então, conjecturar a respeito de uma primeira cena, para sempre perdida, onde teria ocorrido o encontro mítico entre o *infans* e o olhar da mãe. Ao compreendermos que a criança se vê, em seus primórdios, no olhar da mãe — responsável por prover-lhe a moldura que contém e delinea os limites corporais —, entendemos que a falência da erotização do olhar materno incide diretamente tanto na possibilidade de o sujeito constituir uma imagem de si positiva, quanto de estabelecer suas relações objetais. Isto porque, no momento crucial de diferenciação entre mãe e bebê, a primeira se retirou da cena cedo demais, ocasionando a desaparecimento do objeto materno e de seu desejo.

Seguiremos as indicações de Lambotte para elucidar os aspectos que atuam diretamente no futuro melancólico, considerando uma premissa essencial estabelecida pela autora: a precocidade da falha ocorrida no desenvolvimento do sujeito no caso da melancolia. Ao abordarmos questões concernentes à vida psíquica infantil, temos necessariamente em conta que a satisfação primariamente experimentada pelo bebê será o modelo que caracteriza os modos de satisfação futuros, além de ser o lastro que garante a possibilidade tanto da busca dessa satisfação quanto do cuidado de si. Isto porque o investimento narcísico, sabemos desde Freud, ocorre nos mesmos moldes de qualquer investimento objetal. Nesse sentido, é fundamental compreender a causa da dissolução da crença na possibilidade de investir libidinalmente os objetos, tão marcante no sujeito melancólico.

Esse entendimento será possível ao esclarecermos que, para o melancólico, uma primeira experiência de prazer não se deu, pelo menos não nos moldes clássicos da neurose. Algo teria se perdido no momento em que o bebê viveria sua primeira experiência de satisfação oral, no momento da amamentação. A necessidade do alimento funciona como uma base para que a satisfação libidinal se inscreva, e é neste momento que uma falha intervém e impede uma inscrição adequada, aquela capaz de introduzir na criança o desejo e a busca pela repetição da experiência de prazer. Como efeito posterior, verifica-se um apagamento da

esperança do reencontro com o objeto primordial. Embora essa primeira experiência seja de fato irreplicável, a procura do prazer experimentado é o que impulsiona os novos investimentos da libido. Essa ilusão necessária para que se continue buscando um prazer impossível foi, contudo, negada ao melancólico.

Torna-se imprescindível compreender a natureza da falha nessa experiência primeira, e é neste ponto que a questão da imago materna se coloca, o que Lambotte descreve como um “desfalecimento primeiro” dessa imago. A retirada da figura afetuosa da mãe, ou melhor, a retirada de sua ternura diante daquele bebê, foi profundamente significativa e não pôde ser elaborada devido à precariedade egoica do *infans* na ocasião. Resta, portanto, repeti-la indefinidamente nas relações objetais futuras, desde o início marcadas por uma impossibilidade.

O sujeito melancólico foi muito precocemente marcado pela catástrofe com que a experiência de satisfação foi recoberta, de modo que não é a primeira satisfação que é reconhecida pelo significante, mas o trauma que se seguiu. Mais precisamente, portanto, diremos que a experiência de satisfação foi aniquilada pela vivência de desinvestimento da figura materna em relação ao bebê. Essa falha acarreta uma impossibilidade de o sujeito melancólico retomar sua história, da qual ele não sabe dizer, assim como a fonte de todo o seu sofrimento. A questão das origens interpela severamente o sujeito, no qual prevalece o sentimento de ser um desafortunado escolhido pelo destino. Entretanto, essa predestinação se transfigura tanto sob a forma de uma grande capacidade intelectual — que por vezes dota o melancólico de um aparente desprezo pela alteridade — quanto pelo sentimento de ser um excluído a quem foram negadas as alegrias da vida. Subjacente a esse sentimento de inadequação, paira o desconhecimento das origens.

“Igualmente, as expressões *não ter lugar, ser irremediavelmente diferente dos outros*, ou ainda *não ter os mesmos direitos que os outros* indicam, sob as cores de uma aparente culpabilidade, uma busca das origens jamais reconhecida, nem mesmo simbolicamente, cujas fontes, sob o golpe da fatalidade, caem nas mãos do destino.” (Lambotte, 1997, p. 157) [itálico no original]

No cerne dessa inadequação, há uma ruptura que só pode ser compreendida a partir da relação com o objeto materno. É na indiferença do olhar materno que a troca necessária se transforma em ruptura, e esta, por seu caráter precoce, engendra no pequeno sujeito uma turbulenta relação com a existência e com o ser. Em consequência desse olhar que não olha, o *infans* não é capaz de se reconhecer, de se apropriar de seu corpo.

“Além da criança, o olhar materno se dirigiu para o horizonte que um imaginário desiludido sem dúvida continuava habitando; e como se substituir este imaginário, tal como a criança

sondando o céu dos humores paternos, com os fantasmas que não tiveram nem a forma nem a consistência suficientes para exprimir o que teria permitido à troca mãe-criança inscrever-se em um espaço, enganador quanto fosse? Nada vem delimitar o espaço do sujeito melancólico, nada vem colorir o reflexo especular com as cores da afetividade; e este nada ao qual o sujeito diz parecer-se aparenta-se ao nada do aniquilamento, o das pulsões de morte que, desprovidas de toda ligação libidinal erótica, dão livre curso a sua expansão.” (p. 200)

Em resposta a essa desapareição súbita do desejo que caracteriza a experiência melancólica, resta ao sujeito identificar-se a esse nada, diante do qual ele foi forçado a se ver e a se reconhecer. O “nada” define não apenas a desapareição de um cuidador abandonico, também passa também a ser a marca distintiva do próprio sujeito que se apresenta a partir deste “*eu não sou nada*”. (p. 262). As primeiras sensações do bebê, aquelas advindas das respostas dadas pela mãe às suas necessidades, têm papel fundamental na medida em que, antes de se poder distinguir sujeito e objeto, o *infans* já está diante do desejo do Outro, e é a este desejo que ele se identifica. Tendo em vista o recolhimento de tal desejo, podemos compreender a identificação ao nada na melancolia.

Vale ressaltar que a afecção melancólica não se baseia na perda do objeto, já que esta ocorre para todos e é, inclusive, essencial para que o desejo rume a novos investimentos. Como nos diz Lacan, é preciso sublimar essa imago. O que está em questão é a retirada precoce dessa presença, que, no momento fundante, é responsável pela constituição de um sujeito onde prevalecia, até então, a dispersão pulsional. Sendo a identificação o processo por excelência nessa etapa do desenvolvimento, ela ocorrerá não a partir do modelo oferecido pela mãe zelosa, mas fundada no vazio deixado pela desapareição do objeto de amor.

Assim, para esta autora, a melancolia se define pela constatação do nada diante da tensão do olhar do pequeno sujeito, um nada que suprime a ilusão necessária para que possa ocorrer futuramente o investimento de objeto. O sujeito melancólico estaria identificado à indiferença de um olhar que ocasionou sua aversão a si mesmo, ratificada pelo desvanecimento do objeto. Seu esforço, que ele logo percebe como vão, seria o de captar um olhar que não mira, mas o atravessa, e que denomina o sujeito e sua corporeidade como transparentes.

O melancólico é este, que sofre de um primeiro olhar que o atravessou sem circunscrevê-lo. Por crer-se invisível, busca esse ‘ponto’ inacessível visado através dele, como se fosse possível se unir ao suposto alvo para onde se desviou o olhar materno, o qual ele sucessivamente falha em alcançar. A melancolia, assim, seria dada por essa “função desfalecente do olhar materno que, muito mais que cernir a silhueta da criança em um prazer

de troca, atravessaria o corpo da criança como se se dirigisse para um alhures, ou se perderia na direção de um distante sem limite.” (p. 198).

Pode-se dizer que o rosto da mãe condiciona a identificação do bebê a sua imagem especular. Seu olhar se dirige ao bebê e, em seguida, ao espelho, em um movimento que o convida a olhar-se também na imagem refletida. De certa maneira, podemos dizer que ver a si mesmo é ter novamente o olhar da mãe sobre si, e é a partir do olhar materno que o bebê se verá, pela primeira vez, como um ser separado de sua mãe. Além disso, a *Gestalt* materna opera de duas maneiras importantes: a primeira se refere ao caráter de transitividade que ela ocupa em relação à imagem especular do bebê, e a segunda, subsequente, atua no momento em que, já tendo diferenciado bebê, imagem e mãe, o *infans*, extasiado pela descoberta da sua imagem, se volta para quem o carrega diante do espelho. No primeiro momento, a expressão materna se afigura como um intermediário da aquisição da imagem pelo *infans*, no segundo, um passo para a descoberta da alteridade. O *infans* desloca sua atenção do olhar da mãe para a sua própria imagem diante do espelho e se olha imerso na afetividade investida em sua imagem pela mãe²⁴.

Nesse jogo de olhares e imagens, Lambotte reconhece a transitividade do *infans*, que passa da assimilação do modelo humano mais generalizado, apreendido da face materna, à apropriação de suas feições e à importância da mãe, tanto na função de captar o olhar errante do *infans* como de remetê-lo à sua própria imagem refletida. Desse modo, “o paradoxo da relação mãe-filho reside inteiramente no fato de que, autorizando o *infans* a apoderar-se dos contornos outorgados pelo olhar materno, ao mesmo tempo o aliena em uma exterioridade que o levará à busca incessante de seu duplo.” (p.187). Assim, percebemos o aspecto ao qual Lacan se refere ao apontar para o caráter de alienação presente na formação do sujeito, na medida em que é a partir do outro, de seu olhar, afeto e investimento que o sujeito se experimenta pela primeira vez. Além disso, a marca desse primeiro encontro será o modelo indefinidamente buscado nos futuros objetos.

2.6.1 — A fase pré-especular

É necessário, contudo, lembrar que, anteriormente ao estágio do espelho, algumas condições determinam o andamento dessa etapa. Lambotte chama a atenção para o fato de que

²⁴ É a partir desta ideia que Lambotte analisa o autorretrato, obra executada por tantos pintores. A imagem que se forma na tela remonta à imagem que o olhar da figura materna lançou sobre o artista pela primeira vez, e a impressão afetiva deixada como marca do momento. Nesse mesmo sentido, remetemos o leitor ao célebre texto de Freud, em que reconhece, nas obras de Leonardo da Vinci, o olhar de ternura de sua mãe repetido em vários quadros. Freud, S. (1910).

a presença compassiva da mãe já se estabelece antes da fase especular pelo reconhecimento do rosto materno, que anuncia a satisfação das necessidades. A afetividade percebida pelo bebê nessa expressão terá seu papel decisivo no momento da vivência da apropriação da imagem de si diante do espelho. É a partir dos modelos inconscientes introjetados pela criança que ela será capaz de reconhecer, posteriormente, através da experiência jubilatória com o espelho, a forma humana. “É porque a criança assimilou inicialmente o rosto-modelo da mãe em uma troca fusional que ela pôde identificar-se à forma refletida pelo espelho, no quadro, desta vez, de uma relação transitiva cuja função é indicar já uma triangulação.” (p. 186)

Lambotte aponta para a ‘nova ação psíquica’, descrita por Freud em sua elaboração sobre o narcisismo, no cerne da questão que sustenta a necessidade de lançarmos luz sobre aspectos anteriores à problemática especular propriamente dita. A autora afirma que a problemática narcísica “conduz a situar a origem da melancolia no nível de uma construção metapsicológica do campo pré-especular.” (p. 221)

As neuroses narcísicas, categoria na qual Freud situa a melancolia e que Lambotte reafirma em sua obra, remontam, em sua origem, a fases que precedem a descoberta objetal, o que confirma a hipótese de que a melancolia remete a uma fase pré-especular. Para a autora, durante esse período, as determinantes para a organização psíquica do sujeito seriam, ainda, as condições de emergência do significante que opera a distinção entre interno e externo, visto que ainda não se pode falar em objeto. Na melancolia, contudo, é a vivência traumática que se recobre pelo significante, em detrimento dessas operações organizadoras.

2.6.2 — A nova ação psíquica — a centralidade da questão narcísica

Lambotte demarca a ‘nova ação psíquica’, a que Freud se refere em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1914), como fundamental para apreender a passagem do autoerotismo para o narcisismo. A autora situa nessa virada o lugar da falha melancólica, que poderá ser desvendada a partir de uma metapsicologia centrada na segunda tópica. A aquisição do investimento objetal, para Freud, só será possível a partir dessa nova ação psíquica, e, sendo este o ponto nevrálgico da afecção melancólica, é determinante entender o que a possibilita, embora Freud não a defina tão precisamente. Nas palavras de Freud:

“uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma *nova ação psíquica* — a fim de provocar o narcisismo.” (Freud, 1914, p. 93) [itálicos meus].

Para Lambotte, o investimento no próprio eu carece do respaldo na alteridade. Freud nos diz que o eu também é um objeto e como tal será investido e mais; chega a ser considerado o objeto por excelência. Por isso,

“ainda que Freud distinga um narcisismo primário e um narcisismo secundário que reflui dos objetos, estaremos errados em conceber o primeiro sem que implicitamente se faça referência à apercepção de outrem, pois ele supõe constituída a relação de objeto, mesmo se ela concerne somente a seu próprio corpo.” (Lambotte, 1997, p. 216)

É neste ponto que a falha melancólica se apresenta. Investir o próprio eu como objeto de amor exigiria que o eu se considerasse, se olhasse, como foi olhado uma primeira vez pela por uma presença compassiva e “remeteria, conseqüentemente, ao transitivismo da experiência especular pela qual o eu-ideal precede o eu a vir no universo de ficção que o constitui.” (p. 216)

O eu ideal, esta marca de onipotência que revela o quanto um bebê pode preencher os ideais narcísicos dos pais, que idealizam e investem libidinalmente nessa imagem de perfeição, ocuparia a função de atrair o investimento do próprio eu para edificar um narcisismo consistente, apesar das discordâncias entre essa instância idealizada e o eu propriamente dito. Ao melancólico, no entanto, tal possibilidade não está dada, já que ele não lança mão de seu eu ideal para investir-se narcisicamente. Pelo contrário; ele se degrada, se maltrata e se humilha, até se assimilar ao nada que representa o zero, uma relação impossível, balizada por um ideal de toda-potência que a torna inconcebível.

Lambotte propõe que as conclusões freudianas de *Luto e melancolia* (Freud, 1917[1915]) se estendam a um aquém da perda do objeto, já que na melancolia, tratar-se-ia de uma falta de uma imagem de si investida, muito mais que da perda objetal. Em vez disso, o eu teria investido, “sob os traços da mãe, um ideal do eu cujo reinado exclusivo não pode, de nenhuma forma, ser colocado em questão.” (Lambotte, 1997, p. 217)

Para elucidar a natureza desses traços maternos investidos pelo melancólico, investigaremos a pregnância da ambivalência materna no caso da melancolia. Ainda no que concerne a suas contribuições para a metapsicologia advinda de *Luto e melancolia*, Lambotte acrescenta que o ideal do eu, investido nesta “primeira introjeção simbólica”, dará lugar a todas as introjeções posteriores, aquelas que “deixam cair no eu as sombras dos objetos perdidos que só podiam, de toda forma, refletir muito imperfeitamente as exigências do modelo original.” (p. 217)

É curioso notarmos que o não investimento no eu ideal se reflete precisamente na fala dos pacientes melancólicos. No lugar do eu ideal, um ideal do eu inatingível e apavorante.

Seus relatos denunciavam a “certeza absoluta de ter sido *falhado* no início, *ferido*, ou ainda *abandonado*. E a imagem de uma mãe aterrorizadora, dotada de um poder destrutivo que decide sobre a vida e a morte do sujeito, parece anulá-lo com todo o seu peso.” (p. 158) De maneira geral, as pacientes de Lambotte denunciavam o sentimento de não poder existir, por não haver espaço que já não estivesse ocupado pela mãe onipresente e terrível. Uma paciente, inclusive, relata evitar olhar-se no espelho por medo de ver ali os traços de sua mãe, o que sempre ocorria. O trecho da fala de outra paciente dá a medida da profundidade das marcas deixadas por esta relação conturbada com o objeto materno: “*não posso dizer nada de minha mãe; se me pedisse que a descrevesse, isso me seria certamente impossível. Nem mesmo sei como são seus olhos; é verdadeiramente a única pessoa da família de quem não posso falar.*” (p. 178)

Esse contexto explica a relação de vida e morte que algumas delas travam com a figura materna, e os relatos da impossível coexistência com a mãe, numa constante luta por espaço. Em certos casos, a imagem da mãe adquire tal importância que chega a recobrir sua própria imagem. Essa semelhança, contudo, é acompanhada de uma ambivalência ferrenha, numa relação que mistura abandono, submissão e agressividade.

“Amor e ódio dividem agora os sentimentos do sujeito melancólico, colorindo assim a afecção com uma andadura obsessiva até que o sujeito chegue a romper o impasse do tudo ou nada, a escolha entre a vida e a morte cuja aposta se dirige tanto à mãe quanto ao sujeito.” (p. 177)

O *infans* adere ao esboço da forma unificada que se oferece a seu olhar como matriz do que será o próprio eu, e será somente a partir da percepção do outro que ele tomará consciência de si mesmo. Conforme explicitamos anteriormente, neste momento o bebê se depara não com o objeto propriamente dito, mas com o significante que diferencia dentro e fora do psiquismo, e que começará a traçar as formas dos objetos que posteriormente serão apreendidos como tal. Como vimos, (p.43) esse modelo ideal equivale ao que Freud chamou em *O ego e o id* de “a mais importante identificação do indivíduo: a identificação ao pai da pré-história pessoal” (Freud, 1923, p.45), essa identificação direta e imediata que antecederia o movimento de investimento objetal. Lambotte vincula esta formulação ao reconhecimento da figura humana, o que confirmaria a mencionada retificação de Freud na nota em que sugere que se trate de uma identificação “aos pais” (p.9), uma vez que não seria possível à criança a diferenciação sexual em tão precoce etapa do desenvolvimento.

Mas por que Freud assinala que esta seria a mais importante identificação do indivíduo? Talvez, a chave para esta leitura esteja no fato de que “a imagem real da pessoa

compassiva dá à criança o enquadre de suas investigações, que não somente o insere no seio da espécie humana, mas também lhe indica os limites espaciais do familiar e do estranho antes mesmo de um interior e de um exterior.” (p. 189)²⁵. Lambotte salienta que essa formulação não se refere ao pai com o qual a criança tem que se haver no tempo do Édipo, mas a uma vivência tão precoce quanto mítica: “Não se trata, pois, como já demonstramos, da ordem que fixa a lei edípiana sob o significante que Lacan designa pelo Nome-do-Pai, mas desta mesma ordem colocada na época mítica onde no começo era o Ato.” (p. 527)

No caso do melancólico, algo teria falhado neste momento de identificação aos traços que conduzem a criança ao sentimento de pertencimento a seus pais, à família, ao humano. O abandono é vivido como uma deserção do desejo, do sentimento de ser amado, de maneira que o sujeito criará uma relação bastante peculiar com o destino, ao qual ele atribui a causa de seus males, e que, ao analisarmos mais atentamente, compreendemos como um deslocamento da figura omissa ou impotente do pai.

Como herança dessa identificação falha, o melancólico se diz escolhido pelo infortúnio. Lambotte relaciona a atitude do melancólico diante do destino à aquisição precoce de um saber funesto, que o diferenciaria dos demais tanto em sua superioridade, por ter ciência dessa “verdade”, como por sua exclusão, por ser um desafortunado a quem foram negadas as alegrias da vida. O destino toma o lugar de um pai imaginário, a partir do qual ele sustenta um discurso que gravita em torno de uma suposta falha do pai real. Por não ter sua existência reconhecida originariamente, o melancólico foi marcado por uma morte narcísica que ele se esforça por representar através da argumentação lógica de seu discurso em que se diz preterido pelo destino. Esse lugar de nada ao qual se sente fadado, contudo, “remeteria a uma primeira relação de amor decaída, relação originária cujos efeitos definitivamente marcaram a estrutura psíquica do sujeito.” (p. 521)

Por essa falha no investimento narcísico que garantiria a possibilidade de um investimento objetual satisfatório, o indivíduo melancólico sofre de um desinvestimento do corpo, que, em sua radicalidade, pode beirar a despersonalização. A falha do amor de si se cronifica quando o eu se depara com o caráter inatingível do modelo ideal investido.

“No lugar de seu reflexo, que ele deveria ter investido da mesma forma que deveria ter-se sentido objeto de um investimento, o sujeito melancólico viu levantar-se diante dele um

²⁵ Nesse sentido, podemos compreender também que o estranhamento que a imagem do duplo (tema recorrente na literatura, por exemplo) produz se refere exatamente a uma reminiscência dessa fase especular, evocada pela visão multiplicada da própria imagem, que reenvia o sujeito para este momento definido por Lambotte como um “*remetimento de imagens*” (p.189).

modelo ideal inacessível que todos os seus esforços nunca chegarão a tornar humanamente presente.” (p. 209)

Nesse contexto, vemos a impossibilidade de sustentação de um eu ideal, modelo narcísico que, em um momento mítico, teria cumprido todas as expectativas e aspirações parentais. Não é possível a esse eu ideal aderir à imagem que o melancólico vê diante do espelho, pois a imagem não teve o consentimento do ideal do eu para se instaurar como tal, e “o eu-ideal do sujeito recobrando o reflexo especular só é eu-ideal porque foi autenticado pelo ideal do eu”. (p. 215). Tanto a figura ameaçadora da mãe quanto a desafetação do próprio corpo denunciam o apagamento da imagem de si, reduzindo o eu a uma imagem especular que não lhe pertence, pela falta de um consentimento do outro que permitisse a identificação com sua imagem. O ideal identificatório está impedido para esse sujeito, que só consegue ver diante do espelho a inacessibilidade do ideal do eu. Esse cenário explica o caráter desastroso das relações objetais do melancólico. Como seria possível investir no objeto se o eu ideal, de onde deveriam advir as projeções imaginárias que balizam tais investimentos, não pode se constituir como tal diante desse sujeito?

A consagrada assertiva freudiana de que o melancólico sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu na retirada do objeto, é retomada tendo em vista a questão do ideal do eu. Para Lambotte, a falta de uma imagem de si faz com que o melancólico se atenha fortemente ao ideal do eu, instância sobre a qual se constitui — o que terá consequências para o sujeito na tarefa de investir libidinalmente um objeto. Esse ideal do eu é deslocado para o objeto externo, que certamente não será capaz de fazer jus a essa imagem colocada muito acima de qualquer capacidade de satisfação vinda do objeto externo.

O processo se daria da seguinte maneira: devido à fragilidade de sua composição narcísica, o eu tenta incorporar para si os traços desse objeto recoberto pelo ideal, tentando construir para si uma nova imagem. Sua aposta se apoia na esperança de que, desta vez, ela possa ser autenticada pelo ideal. Mais uma vez, a tentativa de edificação de sua imagem falha. No momento em que a imagem sofre alguma alteração, o sujeito se apercebe da inadequação do objeto ao modelo e cai novamente na desilusão de se deparar com um objeto que só decepciona, acusando-o de traição.

Contudo, essa recorrente traição que os melancólicos denunciam da parte de seus objetos de amor fracassados remete à impossibilidade de qualquer objeto ocupar o lugar idealizado e intocado da instância ideal diante da qual não há substituto possível. A traição que de fato ocorreu é tributária do sentimento de culpa do eu em ter se lançado à tentativa de buscar um objeto que viesse a substituir esse ideal inalcançável. O verdadeiro “traidor” é o eu,

que se pune com a própria retirada diante do objeto, ainda que o acuse de abandonico. Desde Freud sabemos que, na melancolia, autoacusação e envilecimento do objeto se misturam e se confundem, denunciando a natureza da conturbada relação com o primeiro objeto, que deixou a marca perene de uma diferenciação insuficiente entre si mesmo e o objeto de amor. Da mesma maneira, compreendemos por que o ato autoagressivo terá toda a carga pulsional de uma agressividade dirigida ao outro.

Nas investidas em relação ao objeto externo, o eu se expõe ao risco iminente de macular seu elevado ideal com um objeto imperfeito ao qual ele prontamente repele, ao se deparar com a discrepância em relação ao modelo que preserva em si. Esse ideal, por sua vez, será rígido e inalcançável na mesma proporção em que a criança se sentiu incapaz de preencher as aspirações dos pais. Como a imagem de si não teve o amparo suficiente para se estabelecer como tal, o melancólico segue buscando no outro essa imagem singular, que se esvai a cada vez que o objeto o abandona, situação frequentemente causada pelo próprio sujeito. Esse fracasso anunciado se apoia na

“necessidade em que se encontra o melancólico de lançar nos outros o peso de suas referências identificatórias totalmente confundidas com o ideal do eu ao qual ele se refere; e a impotência dos outros de responder a uma tal demanda que os ultrapassa e os ignora ao mesmo tempo remete o sujeito melancólico, sob os auspícios da perda, a sua estruturação psíquica deficiente.” (p. 225)

E se podemos afirmar que o ideal do eu melancólico se constitui com base no modelo materno, a manifestação maníaca, por sua vez, teria sua origem relacionada mais estreitamente ao modelo paterno, já que ela traz, em suas formações sintomáticas, características que a vinculam necessariamente a uma reencenação do banquete totêmico. A virada da mania traria consigo elementos de desinibição e avidez em relação aos objetos que apontariam para certa expressão de oralidade que chega às raias do canibalismo. Essa voracidade deve ainda ser compreendida como uma “compulsão a matar” que atua de maneira irrestrita e dispersa, nos moldes do comportamento maníaco.

É nessa transgressão desenfreada que vemos atuar o “impacto do assassinato do pai arcaico, antes que o crime tenha engendrado a culpabilidade na ubiquidade ulterior da falta.” (p. 545). Assim, a mania se apresenta não como uma solução, mas como uma inversão do mecanismo melancólico, na medida em que a identificação ao pai da pré-história pessoal, o supereu parental já então ressignificado pela vivência do Édipo, tenha oferecido alguma margem para que essa revolta agressiva se expresse.

Embora seja notória a influência edípica na construção do supereu, a afecção melancólica torna necessário que nos voltemos para a possibilidade de uma teoria que considere as manifestações superegoicas anteriores ao complexo de Édipo.

Assim, Lambotte sublinha a importância das contribuições de Melanie Klein nesse sentido, pois a teoria dessa autora reafirma o comportamento de evitação que se percebe na criança que se tornará um adulto melancólico. Os modelos ideais são mantidos internamente, e o investimento objetal é recusado, como uma defesa contra o risco de manchar essa imagem tão próxima da perfeição. Qualquer objeto externo estará aquém desse modelo e será visto como decepcionante.

“Assim, faltoso de amor e de solicitude da parte desta primeira ‘presença compassiva’, o melancólico se esforçaria em evitar a desintegração que o espreita, introjetando o ideal de perfeição inacessível que o autoriza negar-se a si mesmo e negar o mundo, como ‘sendo’ existenciais negados desde sempre.” (p. 210)

O eu, por conhecer, ainda que inconscientemente, o caráter ambivalente de seus sentimentos, teme que o isso possa tomar o controle e destruir o objeto de amor. Essa desconfiança se projeta no objeto amado, de quem o eu passa a duvidar defensivamente. Essa dúvida em relação ao amor do objeto corresponde à presença de um ideal inatingível que se impõe entre o eu e sua própria imagem, e que invalida qualquer investimento externo, por trazer à tona um sentimento de inferioridade, de não estar à altura do outro, numa inibição que paralisa pela impotência diante desse ideal.

A clivagem que se instaura, nesse contexto, vai além daquela entre objetos bons e maus, mas alude a uma clivagem regressiva, que impede o contato entre realidade psíquica e realidade externa, dada a intransigência do ideal interiorizado. O que está em ação é o supereu implacável do melancólico, desde Freud referido ao “*supereu arcaico materno* do ponto de vista da construção metapsicológica da história do sujeito e ao *supereu transgeracional* do ponto de vista da construção metapsicológica da história da humanidade.” (p. 211). A melancolia denunciaria, assim, tanto a fixação do supereu advindo da imago da mãe onipresente como, paradoxalmente, a falta denunciada pelo discurso de exceção do paciente. Assim, reafirmamos, não é da perda do objeto que o melancólico padece, é da identificação originária com a situação de abandono, causada pela desaparecimento da presença materna, que o lança em direção a um supereu ancestral que se encarrega de demarcar como vãos quaisquer movimentos em direção às relações interpessoais. Essa presença superegoica se define como um controle interior que pode ser identificado desde os primeiros anos de vida, e que surge

como reação à hostilidade percebida pela criança, o que caracteriza essa origem na “história primitiva” do sujeito.

O supereu se constitui, portanto, a partir dos objetos introjetados — sendo a mãe o modelo primordial — e representa a instância que possibilitaria à criança dominar sua agressividade sentida em relação a esses objetos arcaicos. Esse supereu arcaico, resposta erigida diante tanto da fraqueza da imagem paterna quanto da rigidez do ideal materno, como vimos, reaparece para o melancólico sob a forma das contingências do destino, ao qual se sente submetido e subjugado. Seus traços personalizados teriam se apagado, e o sujeito se percebe à mercê de uma instância desconhecida, que, porém, conspira contra ele.

2.7 — O risco de suicídio

A abordagem a respeito do suicídio parece ter colocado, já de início, algumas questões fundamentais ao longo desses anos de desenvolvimento da teoria psicanalítica. Desde 1910, como vimos, quando muitos questionamentos foram levantados a esse respeito pela Sociedade Psicanalítica de Viena, duas direções foram apontadas como desafio para a psicanálise, principalmente ao se levar em conta que Freud ainda não havia formulado o conceito de pulsão de morte. A questão central colocada na ocasião levantava duas hipóteses importantes a serem pesquisadas: uma força que fosse capaz de combater a pulsão de vida, e a possibilidade de um desfalecimento do eu.

“Antes de tudo queremos saber como é possível vencer a pulsão de vida extraordinariamente forte, e se isto só pode ocorrer com a ajuda de uma libido rebaixada (*nur mit hilfe der enttäuschten Libido*) ou se existe uma renúncia do eu (*verzicht des Ichs*) a sua afirmação (*Behauptung*) proveniente de motivos do próprio eu.” (Lambotte, 1997, p. 478)²⁶

Como vimos, as duas apostas se mostraram inteiramente pertinentes. A falência do eu foi mais bem compreendida a partir da teorização freudiana a respeito do narcisismo, e, nesse sentido, a contribuição de Lambotte ao vincular a melancolia a uma falha no momento de virada da “nova ação psíquica” é preciosa. Da mesma forma, a relevância da questão pulsional pôde ser desenvolvida a partir da compreensão do elemento mortífero em ação no

²⁶ Optamos pelo trecho traduzido utilizado na obra de Lambotte, por acreditarmos que se encontra mais próximo do argumento que desejamos desenvolver. A seguir está a tradução do mesmo trecho na Edição Standard, no texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”: “Estávamos ansiosos sobretudo em saber como seria possível subjugar-se ao extraordinariamente poderoso instinto da vida: isto pode apenas acontecer com o auxílio de uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar à sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas.” (Freud, 1910, p. 218)

interior do psiquismo, fazendo-se necessário explicitar a sua especificidade no caso da melancolia.

Para Lambotte, a contribuição freudiana fundamental no que se refere ao aspecto dinâmico da melancolia se dá pelo argumento segundo o qual “as pulsões de vida e as pulsões de morte se escravizam mutuamente segundo a posição dominante que adotam cada uma por sua vez; a partir disso, elas fazem concorrer as pulsões mais enfraquecidas para o alvo que as mais fortes propõem.” (p. 392). Esse ponto torna possível compreender que o prazer possa se ligar tanto à aniquilação do objeto quanto de si mesmo, já que o processo foi, desde a origem, alvo de erotização.

E a colocação à parte do melancólico quanto à possibilidade da intersubjetividade e do encontro, que se sustenta na desapropriação dos afetos destinados ao outro bastante precocemente, promove uma intrincação insuficiente das pulsões, o que acarreta o fortalecimento da pulsão de morte. Será preciso ter em conta a falta de ancoragem da libido como um desdobramento da deserotização da função do olhar, decorrente do olhar ausente que a mãe dirigiu primeiramente ao *infans*. Tanto do ponto de vista da própria imagem quanto das relações objetais, essa inoperância da libido já denuncia a defusão pulsional. Se a libido não está presente em quantidade satisfatória para operar a ligação da pulsão de morte, esta agirá a partir da corrente sádica voltada contra o próprio eu. A insuficiência da ligação da pulsão de morte faz com que esta, fortalecida, coloque a pulsão de vida também a seu serviço rumo à autodestruição, atuando a partir do prazer intrínseco à repetição. Assim, mesmo a pulsão de vida tendo seus rumos ordenados pela pulsão mortífera, investe a libido no prazer inerente à repetição que regula as atuações autodestrutivas. Essa “aspiração para baixo,” mortífera, denuncia a não conclusão da união pulsional no quadro melancólico, ou uma regressão a um estágio anterior a este enlace, também como consequência direta da retirada do desejo. Do ponto de vista pulsional,

“a aniquilação em que se viu mergulhado o sujeito melancólico pelo fato da brusca desapareição do objeto do desejo e dos afetos que o acompanham quando da instauração da relação ao Outro não permitiu que as pulsões de autoconservação se ligassem às pulsões libidinais e assim se integrassem às pulsões de vida.” (p. 398)

Resta a possibilidade de que a agressividade apareça como destino para que o sujeito não sucumba à atuação da pulsão de morte, erigida sobre a hipótese de uma externalização para a violência. Nesse contexto, podemos compreender o efeito desastroso do abandono do objeto, na medida em que acarreta o retorno para si da agressividade até então defletida. A ambivalência em relação ao objeto, que Freud já descrevia como característica da melancolia,

demonstra que, além da perda do objeto de amor, perde-se também a possibilidade de escoamento de uma agressividade que, desse modo, estará entrincheirada no eu.

Contudo, será preciso agregar outros elementos à impossível intrincação pulsional original para abarcar a natureza da compulsão que conduz à autodestruição na melancolia, tanto nas tentativas de suicídio quanto nas investidas fracassadas em todos os setores da vida.

Será necessário investigar a relação entre o suicídio e uma característica frequente nos melancólicos: o negativismo, esse funcionamento lógico que embasa a argumentação melancólica sobre a falta de sentido e que, ao mesmo tempo, se alimenta das consequências nefastas desse posicionamento no mundo. Como Lambotte nos alerta, o negativismo pode conduzir o sujeito ao fora-da-moldura, e é preciso considerar os desdobramentos possíveis de uma manifestação do nada como a imagem de um buraco, de um vazio sem bordas. Como se sabe, o suicídio muitas vezes surge como recurso do melancólico quando suas defesas falham. Por vezes, essa ideia aparece como a única possibilidade, que o sujeito está pronto para levar adiante devido à lógica de tudo ou nada diante da qual se vê. Essa fantasia drástica oferece ao sujeito uma ideia de apaziguamento, de alívio, o que a torna ainda mais perigosa:

“é a mesma evidência quase natural que o faz, tanto submeter-se ao destino numa forma de alívio anônimo quanto encarar o suicídio, ato de negação última, materialização do nada. E este, longe de dar lugar a uma visão dramática, inscreve-se, ao contrário, numa visão de apaziguamento, de alívio em relação à sensação de esgotamento que a incessante atividade do pensamento, ou melhor, de raciocínio próprio ao sujeito melancólico não deixa de causar.” (p. 259)

Como já indicamos, o levante da autoagressividade será sempre compreendido por uma agressão que originalmente se dirigiria ao outro e que se voltou sobre o próprio sujeito. O que Lambotte defende é que esse impulso corresponde à lógica mórbida vivida pelo sujeito imaginariamente, na qual a dor é a tônica constante da elaboração. O temor da crueldade do destino, que opera como um deslocamento das relações objetais fracassadas, faz com que a alternativa do suicídio seja uma opção que não produz impasse. Pelo contrário, é uma alternativa com a qual o sujeito já possui familiaridade e que esteve presente diversas vezes em seu psiquismo.

É preciso investigar qual a origem desta intimidade com a ideia de morte. A passagem ao ato suicida seria a evidência de que já ocorrera uma morte que teve sua inscrição no psiquismo, morte essa que remontaria ao narcisismo primário. Lambotte considera profícuo perseguirmos a ideia de um primeiro assassinato, uma primeira morte que teve sua origem perdida. Para a autora, a questão central é a de compreender uma lógica que se relaciona a uma imagem narcísica que só uma tragédia poderia validar.

A elaboração de Lacan acerca do “suicídio do objeto”, hipótese que reafirma justamente essa reconstrução fictícia da história do sujeito, delineia uma origem para o signo mortífero que o melancólico traz consigo. Lacan define no seminário 8, sobre a transferência, o objeto e a relação com ele estabelecida pelo sujeito melancólico:

“um remorso de um certo tipo, desencadeado por um desenlace que é da ordem do suicídio do objeto. Um remorso, portanto, a propósito de um objeto que entrou, de algum modo, no campo do desejo e que, por sua ação, ou por qualquer risco que correu na aventura, desapareceu.” (Lacan, 1961/1992, p. 380)

Esse termo representa, para Lambotte, a necessidade de fazer valer a ideia da catástrofe ocorrida nos primórdios da vida do futuro melancólico. Não apenas desaparecimento ou retirada, mas suicídio do objeto, passagem ao ato desvinculada de qualquer intervenção externa. E esta é a economia psíquica transmitida ao sujeito, diretamente ligada à sua melancolia.

A definição lacaniana permite também lançar luz sobre a problemática transgeracional que concerne à melancolia. Do mesmo modo que a perda de um objeto se refere, por deslocamento, à suspensão do processo de constituição do sujeito pela identificação ao objeto de amor, a transmissão de um luto será relacionada à identificação aos traços de um resto. Esses traços são os responsáveis por fazer o melancólico trazer consigo o fardo das gerações anteriores, sem que, para isso, seja necessário um fato empírico de origem. O suicídio do objeto seria, assim, uma elaboração mítica, mas não por isso menos verdadeira do ponto de vista subjetivo, que se presta a representar a radicalidade da experiência melancólica, e que elucida sua questão fundante: a identificação ao nada.

Essa teorização fornece o argumento necessário para considerarmos, na melancolia, uma primeira derrocada, que demandou do sujeito um sistema de defesa bastante arcaico. O acontecimento nefasto se refere a algo que deveria ter acontecido e não aconteceu, mais que a um trauma propriamente dito, e este é certamente um dos motivos da dificuldade de retomada da própria história por parte do melancólico.

A vontade de sair do vazio, para o melancólico, corresponde ao ápice de um esgotamento que, ao mesmo tempo, faz com que o sujeito se torne novamente capaz de agir, ainda que seja no ato que o retira de cena. Contudo, é preciso pensar no sentido que esse ato pode carregar, já que entrever tal possibilidade alivia, de alguma maneira, a angústia. Devemos avaliar, no que concerne à problemática suicida, “a resposta ao vazio que uma tal saída oferece, na medida em que ela se apresenta como a única solução possível para um sujeito que trata o nada como qualquer outra coisa.” (Lambotte, 1997, p. 265) E sobre o

sentido que esse ato poderia adquirir, supomos ainda que a junção entre o nada, ao qual o sujeito já se identificava, e a morte, a que ele se lança, poderiam provê-lo de uma identidade. Enfim, teria sido possível adquirir para sua imagem uma moldura onde poderia se inscrever.

A janela se ofereceria como moldura vazia, que o investimento libidinal materno não preenche com o conteúdo da imagem narcísica de si diante do espelho, mas com a identificação ao nada. O melancólico tentaria buscar neste espelho sem fundo o olhar fugidio da mãe, que ele imagina, culpado, que não foi capaz de reter para si. Neste ato, se esboça ainda a tentativa última de adquirir para sua imagem uma moldura onde ele poderia se inscrever no ato de atravessá-la, por não haver anteparo para sustentar o contorno desse corpo. É partindo da problemática especular exposta anteriormente que Lambotte compreende a tendência dos melancólicos de se suicidarem saltando pela janela. Esse sentido se expressa por sua relação com a falta de anteparo narcísico, nesta identificação com o vazio provocada pela frieza do primeiro olhar dirigido à criança.

“Passar pela janela seria, então, ver se atrás da moldura vazia o nada não tomaria tom e cores, se não tomaria um corpo e um nome. E, muito mais que o luto,... não seria esta passagem através da moldura que significaria a resolução do vazio melancólico, vazio do olhar essencialmente, ao qual a morte daria vida por um real reencontrado?” (Lambotte, 1997, p. 267)

Tendo em vista a significação do ato suicida, constatamos que o sujeito, reduzido ao nada pela retirada repentina do objeto, repete ativamente a desapareição dele mesmo, ato que pode também ser localizado, embora não com o mesmo componente drástico, na atitude defensiva de recolhimento diante do mundo. Lembramos ainda que esse ato também congrega a autoagressividade que seria dirigida ao objeto de amor, e que, uma vez incorporado, é atraída para o próprio eu, que se destrói com o objeto.

Nessa repetição ativa que faz recair sobre si a desapareição do objeto, encontramos um sentido que se aproxima do conhecido jogo do *fort/da*, quando a criança faz desaparecer os seus objetos, obtendo algum domínio da situação à qual foi submetida. Entretanto, no caso do melancólico, é ele quem se arrisca em desaparecer nas suas condutas autodestrutivas, sendo que a possibilidade de reaparecer, neste caso, não está contida na cena. O melancólico permanece na primeira parte do jogo, o “*fort*” (“ido embora”), que se aplica tanto ao objeto quanto à revivescência de sua retirada, dirigindo a si mesmo o ato de desapareição. Lançar para longe de si o objeto seria se esquivar de toda possibilidade de encontro, antecipando o fim trágico do abandono que o melancólico teme reviver, que, porém, ele mesmo se ocupa de reproduzir em suas relações. A atitude de fazer desaparecer a si mesmo, por sua vez, é

vislumbrada tanto no negativismo que o dispensa de qualquer investimento quanto no ato suicida, mais radicalmente. Para o melancólico, esse jogo teria um aspecto mais dramático, já que a “primeira sequência do jogo do carretel na qual o negativismo do sujeito faz pensar, longe de apresentar-se para ele como um jogo de pura ausência, oferece muito mais o aspecto repetitivo de uma defesa obrigatória frente ao que seria da alçada da morte.” (p. 387)

Nessa postura característica da melancolia, em que o sujeito se encontra diante do perigo da aniquilação, é possível encontrar algo que, embora mantenha o sujeito em uma situação de risco, tem também uma função de impedimento ao ato suicida.

2.8 — O negativismo como defesa

Lambotte afirma que o negativismo característico do funcionamento melancólico permite um arranjo pulsional que, por vezes, impede o sujeito de passar ao ato suicida, numa postura que visa à atividade mínima e à recusa de qualquer interesse externo — numa aproximação inequívoca do princípio de Nirvana. Essa elaboração defensiva coloca o sujeito “entre-duas-mortes”, ou seja, submetido à essa retirada brusca descrita por Lacan como “suicídio do objeto”, e sob a sombra do próprio suicídio, possibilidade ubíqua para o sujeito. O melancólico se encontraria, então, num tempo suspensivo no qual ele não se direciona aos objetos externos, e tampouco põe fim à vida. Ele confere a si mesmo o traço que designa o objeto, qual seja, sua deserção, e nesta defesa ele se identifica ao desvanecimento do objeto. Esta é a origem tanto da negação melancólica quanto da assimilação ao nada: o primeiro e último encontro com o objeto libidinal.

“Afirmar o nada ou o negativo é designar o que desapareceu ou o que só pode desaparecer; é, contrariamente ao enlutado que acreditou e se desesperou, mas que ainda é chamado a crer, antecipar a perda do objeto sob o modo de certeza quanto às ilusões das relações intersubjetivas. E o negativismo manteria então à distância o sofrimento inelutável e constitutivo da relação ao Outro a que o sujeito não pode aspirar sem arriscar sua própria vida.” (p. 382)

A desaparecimento do desejo passa a ser uma prerrogativa do objeto, do qual a deserção será a definição fundamental que o nada vem simbolizar. Sabendo que a organização pulsional do melancólico é fruto desse esvanecimento do objeto libidinal e que a entrada no campo do desejo coincide precisamente com a identificação ao primeiro objeto de amor, que “determina esta união pulsional para um sujeito a partir daí revirado no outro” (p. 384), podemos entender que a tragédia da melancolia surge na irreversibilidade da dissociação pulsional, no momento em que seria decisiva para o sujeito a união entre as duas correntes da

pulsão. O futuro melancólico se viu, então, desapossado do desejo do Outro e à mercê da dispersão pulsional.

A morte propriamente dita não seria exatamente o objetivo do suicídio, mas uma possibilidade de concretizar uma primeira morte narcísica que não pode vir à tona senão neste ato. A identificação ao nada toma aí o seu sentido pleno e se materializa nele quando não pôde ser expressa no discurso lógico do melancólico. Esse discurso, portanto, pode ser crucial na melancolia, pois dá ao sujeito a possibilidade de simbolizar o que, de outra forma, só poderia vir à baila pelos meios mais diretos de expressão pulsional. Portanto, o negativismo pode ocupar um papel de proteção para o sujeito, fazendo com que, através dessa função defensiva, ele possa adotar uma atitude de recusa tanto diante da vida quanto diante da morte. Essa encenação de uma “morte no mundo” tornaria o suicídio desnecessário para um sujeito que se ocupa em “viver a sua morte”, recusando tudo o que não estiver em coerência com essa postura de evitação na qual estabeleceu sua identidade. Dessa forma, pensamos que, quando for possível falar a partir do próprio arranjo psíquico, talvez esteja dada a chance de não partir para um ato derradeiro. O suicídio faz parte da própria organização psíquica da melancolia, como uma constante em torno da qual se organiza um sistema defensivo que “consiste paradoxalmente em uma *apologia lógica* da passagem ao ato.” (p. 478)

Lambotte acrescenta que a sombra do suicídio paira não apenas sobre o psiquismo do melancólico, mas também na interpretação do analista, já que esta remete constantemente à ideia de morte admitida como um “fato” na origem daquele sujeito e como determinante da particularidade de sua ancoragem no simbólico.

A posição de exceção a que o melancólico se agarra confunde-se com o nada que lhe oferece, sem que ele saiba, aquilo com que o Outro significou seu gozo. É neste sentido que se apresenta o risco do ato suicida, já que a identificação ao nada (como a marca do Outro no plano simbólico) leva o melancólico a completar o nada com seu equivalente na realidade, ou seja, seu próprio extermínio. O suicídio pode conter aquilo que o melancólico não havia encontrado até então: o desejo do Outro, mas este desejo equivale a um desejo vazio, mortífero.

Em uma das pacientes de Lambotte, a Senhorita E., o nada aparece como saída justamente no momento em que a tentativa de se assemelhar ao modelo ideal materno sucumbe. Suas condutas de fracasso, todavia, tendiam a ser justificadas pela paciente pela onipresença da morte em diversos eventos de sua história, de modo que esta lógica se fixou como seu argumento de origem. Contudo, a existência sofre uma desvitalização que se verifica no esmorecimento de tudo o que seria, de outra maneira, objeto de investimento.

“É como se a morte tivesse, de toda forma, surpreendido duas vezes o sujeito melancólico: uma primeira vez pelo abandono do desejo do Outro e uma segunda vez por identificação à morte deste, entendida como o estado de desvitalização que disso resulta necessariamente.” (p. 483)

Duas alternativas se colocam ao sujeito melancólico: o retorno à indiferenciação ou o aceite da marca do Outro, marca que, como vimos, equivale ao mortífero. É preciso compreender, assim, a magnitude do impacto que esse legado tem sobre um sujeito ainda nos primórdios de sua constituição. Apenas a identificação ao nada é que permitiria não voltar ao estado anterior, onde a indiferenciação prevalecia. A morte adquire, “por este fato, uma função essencial na organização psíquica do sujeito, posto que esta última se elabora exclusivamente em torno deste significante.” (p. 483)

A pulsão de morte guia o psiquismo para um prazer que será atraente na mesma medida em que a experiência inerente ao prazer de descarga não teve a ocasião de orientar o funcionamento psíquico — e assim se estabelecer como referência de prazer psíquico. Esse psiquismo tem de dominar o impulso de retornar ao indiferenciado, do qual pôde se distinguir aderindo ao negativismo. “E esta hipótese explicaria então o recurso ao suicídio como o anseio de reencontrar um prazer absoluto que, induzido pela identificação ao nada, significante do traço do Outro, designaria o gozo num frente-a-frente mortal.” (p. 484). O suicídio na melancolia, portanto, equivaleria à tentativa de alcançar algo que apenas na teoria podemos conceber: uma pulsão de morte pura, desvinculada da pulsão de vida.

A realidade se torna insustentável para o melancólico, por dois motivos. Primeiro, no nível inconsciente, no qual uma catástrofe denominou a realidade como a portadora desse acontecimento trágico já experimentado. Em segundo lugar, pela necessidade de evitar — devido à submissão ao modelo ideal — o que seja da ordem do comprometimento e do encontro com a alteridade. A atuação suicida seria esclarecida pelo fato de que permite um escape à realidade dolorosa e, ao mesmo tempo, conserva a ideia de um prazer absoluto a ser alcançado. Ela seria, nos termos de J. P. Dreyfuss,

“a recusa do insuportável (*unerträglich*), que é também o signo do incompatível (*unverträglich*), ao mesmo tempo tentativa de esquivar-se à alternativa que um tal suicídio supõe (a castração ou a morte) e a escolha forçada de um de seus termos, a morte, cujo impossível de conhecer a descobre, esta alternativa, trucada: a disjunção não-exclusiva.” (p. 486)

Tendo em vista o argumento freudiano, lembramos que é aquele que desapareceu que se busca matar, e, nessa tentativa, o sujeito termina por trazer para si a falta de um suicídio anterior. Porém, é vão o desejo de matar o que não se presentificou em momento algum, e “não se pode matar em efígie, não mais que *in absentia*.” (p. 549), e as consequências deste

desejo de morte só podem confirmar a tragédia que o melancólico já previa desde sempre, e recair sobre o próprio sujeito.

2.9 — A mãe e seu desejo de morte

Em “A mãe morta”, texto publicado em *Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte* (1988), André Green descreve a figura materna, que, embora viva, se apresenta como incapaz de recobrir de amor seu objeto, já que está paralisada, mortificada em seu próprio luto. Essa desafetação da mãe ocasiona, no psiquismo da criança, a formação de uma imago esvaziada. Green ressalta que essa figura desvitalizada terá um efeito devastador sobre a capacidade posterior de investimento tanto libidinal quanto narcisista. Esse ponto de vista traz um apontamento importante: o estado psíquico da mãe, em uma situação que se dá muitas vezes devido a uma melancolia, um luto ou acontecimento traumático que impede esta mãe de investir sua libido na criança. É curioso notar que essa elaboração teórica foi construída a partir da escuta clínica de pacientes adultos e suas elaborações sobre a infância, que o fizeram inferir sobre a maneira como se deram os primeiros encontros entre mãe e bebê, tornando possível forjar uma teoria que se referisse ao psiquismo materno na ocasião ²⁷.

Nesses casos, parece ter havido um desinvestimento abrupto, como se um fato da realidade tivesse repentinamente retirado o investimento materno de cena. Tal acontecimento deixa marcas no inconsciente sob a forma de ‘buracos psíquicos’ que serão preenchidos por expressões de destrutividade.

A característica fundamental descrita por Green nesses casos seria a presença do objeto, porém totalmente absorto num luto que o impede de investir no *infans*. A mãe “morta”, incapaz de investir libidinalmente no próprio filho, deixa a marca de um vazio que não pode ser preenchido, uma ferida que não cicatriza. Conforme o autor, essa “imago que se constitui na psique da criança, em consequência de uma depressão materna”, transforma a mãe, que seria a fonte libidinal da criança em “uma figura distante, átona, quase inanimada” (Green, 1988, p.247), o que trará consequências sobre a maneira como essa criança será capaz

²⁷Contudo, durante a pesquisa sobre André Green, descobrimos um dado bastante curioso acerca de sua biografia. No sítio da Federação Brasileira de Psicanálise, consta que Green teria escrito a sua teoria acerca do “Complexo da mãe morta” não apenas a partir de sua clínica psicanalítica, mas também baseado em sua vivência infantil:

“Também sua mãe influiu muito no que pode se tornar mais tarde. Deve sua vocação psiquiátrica a ela, que perdeu uma irmã mais nova em um acidente quando ele tinha dois anos. Com o luto dessa irmã, ela atravessou um período depressivo marcante. Um dos textos de grande importância na obra de Green, A mãe morta, teve uma de suas raízes na marca dessa lembrança.” (http://febrapsi.org.br/resenha.php?texto=resenha_Green Consultado em 12/02/2012.)

de investir libidinalmente em si mesmo e em outros objetos. Green descreve o contexto em que tal perda se configura como um cenário que tem as cores do luto: preto ou branco. Preto como a depressão grave, branco como os estados de vazio. Para o autor, quando se trata da perda do objeto, ou de perdas que configurem uma ameaça de abandono, o contexto não é violento ou sanguinário.

Assim, um “luto branco” é vivido pela criança como uma catástrofe, que subitamente provocou um desinvestimento brutal da mãe pelo filho. Este, por sua vez, lançará mão de diferentes defesas psíquicas contra essa situação, cuja causa ele ignora, mas sente intensamente os efeitos sobre si. Entre estas, Green destaca o *desinvestimento do objeto materno*, como um “assassinato psíquico do objeto, realizado sem ódio”, e uma *identificação inconsciente com a mãe morta*, que irá se constituir numa identificação em espelho. Essa identificação com a mãe morta se transformará em uma identificação negativa; uma “identificação com o buraco deixado pelo desinvestimento e não com o objeto.” (p.262)

A impossibilidade do luto repousaria sobre a incapacidade psíquica da criança de decifrar as causas do luto que acomete a figura materna. Ao mesmo tempo, sua tristeza é sustentada sob a égide de um segredo inconfessável. Este enigma colocado para a criança a deixa paralisada e a culpabiliza diante de uma questão que não consegue solucionar, na qual, porém, ela sente que está profundamente envolvida.

Assim, o desinvestimento materno vivenciado como uma catástrofe na infância faz com que os investimentos libidinais posteriores do sujeito também estejam comprometidos. Quando um evento atual remeter o sujeito novamente à cena do abandono, sua capacidade de investimento se anulará, e um mecanismo regressivo levará o sujeito de volta à situação de desamparo: “a ferida despertará uma dor psíquica e assistiremos a uma ressurreição da mãe morta que dissolverá, durante toda a crise em que retorna ao centro da cena, todas as aquisições sublimatórias do sujeito” (Green, 1988, p. 260).

Nos casos em que a separação entre a mãe e a criança acontece de maneira positiva, ocorre no eu uma transformação decisiva. O objeto materno se apaga enquanto objeto primário, para dar lugar aos investimentos próprios ao eu, fundadores de seu narcisismo pessoal. O eu se tornará capaz de investir seus próprios objetos, distintos do objeto primitivo. O objeto primário torna-se uma “estrutura enquadrante” do eu, uma moldura cujo modelo será a forma buscada nos futuros objetos de amor. A aquisição dessa estrutura enquadrante será possível, para Green, quando o amor do objeto for suficientemente seguro para desempenhar esse papel de continente de espaço representativo. Tal estrutura torna possível ao eu suportar a retirada do objeto e a espera de sua reaparição, sem que isto configure um risco de morte para

o eu. “O quadro oferece, em suma, a garantia da presença materna na sua ausência e pode ser preenchido por fantasias de todos os tipos, inclusive fantasias agressivas violentas que não colocarão em perigo este continente.” (p. 274). Mas, se a retirada do desejo irrompe antes que a criança tenha podido constituir esse quadro de maneira suficientemente sólida, não se abrirá no eu um lugar psíquico disponível, e sim um buraco de uma falta que não pode ser preenchida.

Ainda na esteira da articulação entre suicídio e psicanálise, María Cristina Ortega, psicanalista da Universidad de Querétaro, no México, traz importantes contribuições em sua tese de doutorado, intitulada “*Muerte, pulsión y suicidio*” (2009). A autora ressignifica a definição do senso comum que caracteriza um sujeito como “não desejado”, que, por vezes, se utiliza para nomear aquele que não foi concebido a partir de uma vontade parental expressa, ou de um investimento imaginário a respeito de um sujeito ainda por vir. O argumento de Ortega se sustenta ao considerarmos que, do ponto de vista psicanalítico, a presença de um sujeito já é por si mesma indicadora do desejo materno.

Contudo, ela avalia a natureza desse desejo, que não pode prover contornos narcísicos à criança. A autora assevera que o desejo da mãe do suicida está do lado da morte, do nada: “Se o sujeito deseja o que o Outro deseja, o que acontece com o sujeito que se suicida? Seu desejo aponta para a autoaniquilação? Então, o desejo de sua mãe também está do lado da aniquilação.” (Ortega, 2009, p.3)²⁸. Se há um desejo de morte, é necessário esclarecer a conexão entre esse e o desejo da mãe, já que podemos suspeitar que o ato suicida encena justamente o desejo de morte presente desde o objeto materno. Como vimos, é ao nada deixado pelo significante do Outro que o suicida se remete em seu ato.

As contribuições de André Green a respeito do luto da “mãe morta” são reiteradas por essa perspectiva. Ao mesmo tempo, se considerarmos o ponto de vista freudiano acerca do amor parental como uma reedição do narcisismo dos pais, percebemos uma indicação no sentido de que há um aspecto do desejo que se encontra impedido nesta relação; ou porque a mãe não pode ver naquela criança o substituto de suas aspirações narcísicas, ou por ela mesma trazer em si este vazio que é endereçado à criança.

Para compreender o sentido dessa atuação extrema, Ortega assinala semelhanças sociais e inconscientes entre os temas da morte e da sexualidade. Para a autora, o luto muitas vezes parece adquirir um caráter quase proibido, que deve ser vivido discreta e

²⁸ “Si el sujeto desea lo que desea el Otro, ¿qué pasa con el sujeto que se suicida? ¿es que su deseo apunta hacia la autoaniquilación? Entonces, el deseo de su madre está también del lado de la aniquilación.” (Ortega, 2009, p. 3). Todos os trechos de tal obra são de minha tradução.

recolhidamente. O sujeito se isola e sofre recluso, e, mesmo socialmente, podemos perceber que há um esforço sintomático em negar a realidade da morte. Nem mesmo a linguagem parece apta a abarcar o sentido da morte, assim como não há possibilidade de sua inscrição no inconsciente. O suicídio, por sua vez, tem a reafirmação de seu aspecto de pecado e proibição pelo fato de ser uma desvinculação da alteridade, um corte abrupto de um laço que, para o sujeito, só pode ser feito muito precariamente. É um tema sobre o qual não se quer saber. Da mesma maneira, vemos a constante denegação da sexualidade balizada tanto pelo recalçamento como pelas normas morais que dele se originam.

Ademais, seguindo as indicações apontadas desde as Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena, vemos que o suicídio se apresenta ainda como um cumprimento da fantasia incestuosa. E é a partir dessa articulação que poderemos compreender a angústia que precede alguns casos de suicídio: a angústia sinaliza a proximidade do perigo de morte que representa a violação da proibição do incesto. O aspecto transgressor da lei do incesto contido no suicídio, que se reafirma pelo aumento da angústia, denuncia o risco de se passar do não-todo ao todo.²⁹

“Ainda que Freud o maneje quase todo o tempo como algo de índole familiar, o incesto representa o desejo. A proibição revela o desejo, o desejo que está do lado materno. De que se trata esse desejo? De reintegrar o produto e tê-lo para sempre consigo, como essa promessa cumprida de que a mãe portará o falo, aquilo de que carece. Assim, o suicídio seria essa tentativa de se completar, de ter o falo, de reintegrar-se. Assim, não soa estranho que, em alguns casos — senão em todos — o suicídio esteja precedido de angústia” (p. 91)³⁰

Ortega considera, ainda, a hipótese de que o sujeito não consiga fazer essa separação do desejo materno e que ofereça como resposta à pergunta sobre o desejo do Outro a desapareição, como sacrifício. O suicídio poderia ser considerado um encontro com o corpo, que, no decorrer da vida, é o que se possui de mais próprio, mas ao mesmo tempo nomeado pelo Outro.

²⁹ Porém, Ortega considera que, se esta fantasia subjaz ao autoextermínio, o mesmo certamente despertaria a necessidade de castigo do supereu. Contudo, paradoxalmente, a morte faz com que o supereu se encontre sem objeto. Neste sentido, a autora considera que as tentativas de suicídio falidas seriam aquelas comandadas pelo supereu, que, em seu funcionamento sádico, preservaria o seu objeto vivo para seguir castigando-o, inclusive, por sua incapacidade de levar o ato a cabo.

³⁰ Aunque Freud lo maneja casi todo el tiempo con algo de índole familiar, el incesto representa el deseo. La prohibición muestra el deseo. El deseo, que está del lado materno. ¿De qué se trata ese deseo? De reintegrar el producto o de quedárselo para siempre consigo, como esa promesa cumplida de que la madre portará el falo, aquello de lo que carece. Así, el suicidio sería ese intento de completarse, de tener el falo, de reintegrarse. De ahí que no suena extraño que, en algunos casos, _ si es que no en todos _ el suicidio esté precedido de angustia” (p.91)

Inicialmente, o corpo é experimentado a partir da relação com a mãe, e o significante vem justamente para executar essa separação. O pai seria uma espécie de “esquecimento” do corpo, desta conexão materna fundamental. E se o pai, como função, separa o sujeito da mãe, a força da presença materna representaria, por sua vez, uma arriscada renúncia do nome, do simbólico, “uma espécie de retorno forçosamente insatisfeito para que discorra o desejo e não se franqueie a lei de proibição do incesto.” (p. 98)³¹

Por este motivo é que o suicídio incidiria sobre o corpo, por se deixar vencer pela mãe e negligenciar a função paterna, “por esquecer a Lei e não esquecer o desejo. O suicídio é contra o corpo, porque não se pode esquecê-lo nem buscar o outro mediante um encontro sexual.” (p. 98)³² Desse modo, o que se constitui seria uma resistência à palavra, que culmina em um retorno diretamente no corpo, sem palavra e sem possibilidade de mediação. A autora defende que o suicídio é um ato de não querer falar, de não querer seguir na ordem do discurso, numa desvinculação radical com o outro. Assim, a ameaça de castração funciona como proteção para o sujeito, pois a proximidade do objeto buscado, se alcançado, seria tão intensa quanto arriscada, e a satisfação total só poderia resultar na morte. A ameaça de castração evita a morte — a reintegração da criança, como falo, pela mãe — e permite que o sujeito siga desejando.

As contribuições dos autores pós-freudianos que apresentamos, embora em alguns momentos possam apontar para direções diversas, permitem que se encontrem aspectos comuns nessas abordagens. O elo entre tais pontos de vista se assevera na afirmação de que há algo do desejo que se instaura a partir do contato com o outro, e que as marcas deixadas pela natureza desse encontro não são sem consequências para a vida posterior. Ao mesmo tempo, percebemos que a função a que chamamos *materna* é frequentemente associada a uma figura que a princípio é tida como um objeto de amor, mas que insinua ao mesmo tempo seu aspecto perigoso.

³¹ “una especie de retorno forzosamente insatisfecho para que discurra el deseo y no se franquee la ley de prohibición del incesto” (p.98)

³² “por olvidar la Ley y no olvidar el deseo. El suicidio es contra el cuerpo, porque no se puede le olvidar ni buscar el otro mediante un encuentro sexual.” (p.98)

Capítulo III: O afogamento na angústia no filme *As horas*

Neste capítulo, discutiremos questões pertinentes à análise de uma produção cultural: o filme *As horas*,³³ em que Michael Cunningham constrói uma história cujas personagens, reais e fictícias, dialogam através da trama, tecida em torno do romance *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf (1925).

3.1 — Entre a análise da obra e o desejo do crítico

Com a proposta de analisar uma obra cultural por meio da psicanálise, Freud pontua a capacidade dos escritores criativos que, ao buscarem conhecimento sobre a mente, têm acesso privilegiado a fontes não “acessíveis à ciência”. Além disso, ele localiza na expressão artística a função da brincadeira e do fantasiar infantil transpostos à vida adulta. Em vários momentos de sua obra, o autor se debruçou sobre produções artísticas no intuito de compreender a sublimação, o processo criativo, até mesmo para elucidar o funcionamento do inconsciente. São vários os exemplos, mas uma obra em especial evoca nossa atenção pelo fato de que Freud analisa não apenas a criação autoral, mas também a dinâmica inconsciente das personagens. Em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*³⁴, publicado em 1907, Freud constrói um raciocínio sobre a interpretação das personagens e a pertinência da teoria psicanalítica nesses casos, através do qual ele propõe o desvendamento de sentidos das ações da personagem central da obra: “como nosso herói, Norbert Hanold, é uma pessoa fictícia, talvez possamos perguntar timidamente a seu autor se acaso sua imaginação não terá sido determinada por forças outras que não as da sua escolha arbitrária.” (p. 24). Freud encontra o

³³ O filme *As horas* foi dirigido por Stephen Daldry e baseado no livro homônimo de Michael Cunningham. Foi lançado em 2002, quatro anos após a publicação do romance.

³⁴ Curiosamente, para nosso propósito, a escultura que inspirou Jensen a escrever *Gradiva* gerou uma obra maior; unida a outros fragmentos, deu origem a relevos que representam três figuras, identificadas como as Horas, figuras mitológicas das quais nos valeremos na interpretação exposta posteriormente neste capítulo. “O relevo da jovem que caminha desse modo, a qual Jensen diz ser romana e à qual dá o nome de ‘Gradiva’, na verdade pertence ao período áureo da arte grega. Está no Museo Chiaramonti do Vaticano (nº 644) e foi restaurado e interpretado por Hauser [1903]. Da união de ‘Gradiva’ com outros fragmentos, existentes em Florença e Munique, foram obtidos dois relevos, cada qual representando três figuras, identificadas como as Horas, as deusas da vegetação, e as divindades do orvalho fertilizador que são aliadas a elas.” (Freud, 1907[1906], p. 98)

argumento para embasar as interpretações que propõe sobre a personagem Zoe, amiga de Norbert, na presença de uma “ideia conciliatória ou intermediária”, que reúne sob uma mesma impressão duas figuras distintas: o pai e o homem amado, no caso, em um processo similar ao da interpretação onírica. Esse processo localiza, no conteúdo do texto, as pistas que permitem a interpretação de certa intenção da personagem, de modo que a interpretação se confirma pela presença de elementos coincidentes. Freud argumenta que a possível discordância do autor quanto às suas interpretações da obra não as invalidaria, pois os processos psíquicos dos quais o psicanalista e o escritor se servem estão submetidos ao mesmo funcionamento. Ademais, afirma que nada se descobre em uma obra que já não esteja ali.

Apesar da justificativa de Freud, são necessárias algumas considerações sobre a análise psicanalítica de uma obra, uma vez que o pressuposto da neutralidade não exime o analista de ter que se haver com os aspectos inconscientes que influenciam sua interpretação, seja na escuta clínica ou na análise de um produto da cultura. No artigo “O ouvido com que convém ouvir”, Serge Leclaire (1986) escreve que seria ilusória uma posição do analista que se pretendesse não crítica, livre de pressupostos ou imune à ação do próprio inconsciente, pois a neutralidade do analista “tem por meta apenas descrever certa posição afetiva ou libidinal” (Leclaire, 1986, p. 20), que o leva a não aceitar o discurso em sua superfície, e a buscar um sentido a ser desvendado. Essa “posição libidinal” do analista faz com que ele saiba que sua interpretação está submetida não apenas à teoria, mas também ao viés de sua escuta, sem que por isso sua análise seja invalidada, pois é justamente tal posição que permite saber os limites de sua percepção sobre um caso clínico ou sobre uma obra. A teoria, no entanto, deve pautar a atuação do psicanalista, a quem se impõe uma dupla exigência:

“De um lado, é necessário que disponha de um sistema de referência, de uma teoria que lhe garanta a organização do volume do material recolhido sem prévia discriminação. De outro, deve recusar precisamente todo sistema de referência na medida em que a adesão a um conjunto teórico o leva necessariamente, quer queira quer não, a tratar de modo privilegiado certos elementos.” (p. 22)

Nossa aposta é que a arte possa permitir a compreensão da abordagem do suicídio e seu vínculo ao objeto materno, abrindo possibilidades interpretativas e elucidando aspectos nebulosos da questão, sem pretender, por isso, estabelecer uma interpretação definitiva. À alegação de Freud, de que “nada descobrimos em uma obra que ali não exista”, acrescentamos: nada se descobre numa obra que não se deseje encontrar.³⁵ Freud não se

³⁵ É necessário mencionar, neste ponto, a preciosa contribuição da Profa. Lucia Castello Branco, durante a arguição desta dissertação pela banca de Mestrado, a respeito dos escritos “para não se ler”. Conforme Castello Branco, se o escrito é um *pas a livre*, como indica Lacan, a leitura é capaz de encontrar justamente o que não se

absteve de considerar, em suas análises culturais, o papel desempenhado pelo impacto que determinada obra produz em seu fruidor. A esse respeito, a psicanalista e escritora Ana Cecília Carvalho (1999) lembra que essa percepção deu origem a construções teóricas importantes, incluindo o Complexo de Édipo, como podemos ver na carta de Freud a Fliess, em que relata a forte impressão causada pela leitura de *Édipo Rei*. Nessa correspondência, Freud escreve: “a lenda grega apreende uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma.” (Freud, 1950 [1987], pp. 358-359). A autora ressalta que Freud introduz uma inovação “ao incluir os aspectos ligados aos efeitos da obra sobre o leitor no que se refere à possibilidade de recuperar, via interpretação, o sentido da produção literária.” (Carvalho, 1999, p. 61)

Como conciliar, então, as impressões subjetivas evocadas pela obra e uma interpretação fundamentada no rigor da teoria? Na discussão a respeito da crítica literária psicanalítica, Carvalho afirma que, se a emergência de elementos inconscientes é inerente ao contato com a obra, o que distingue a posição do analista é “sua capacidade para trabalhar a partir dos inúmeros deslocamentos provocados pelo texto em seu próprio desejo” (p. 64). Assim, não caberia ao psicanalista se pretender neutro diante de seu objeto de pesquisa, mas se responsabilizar pela escolha e demarcar o aspecto subjetivo a partir do qual o apreende.

Consideramos que essa posição do analista pode também ser válida no caso da análise de uma produção cinematográfica, embora essa discussão se refira, em geral, ao campo literário, que certamente apresenta suas peculiaridades. A tônica que buscamos para tornar possível tal análise é dada por uma “postura reflexiva pronta a se desconstruir e a se refazer continuamente diante da delimitação impossível entre a interpretação e a construção” (p.68), que se verificam tanto na clínica psicanalítica quanto no processo criativo. O entrecruzamento desses dois campos revela, ainda, o elo que os une; a importância da construção ficcional, que exerce, em ambos os casos, a função de verdade.

Nesse sentido, lembramos que, para além da associação imediata entre arte e ficção, também na psicanálise esta última assume seu papel. Podemos considerar sua importância na construção da narrativa de um paciente, nunca idêntica a uma descrição objetiva dos fatos, que, todavia, sempre anuncia sua posição singular. Da mesma maneira, salientamos a relevância de construções fictícias, que se sustentam não por sua constatação empírica, mas pelo efeito de verdade que permitem.

Essa análise considera, portanto, seu caráter parcial e o pressuposto que congrega psicanálise e arte pela relação que ambas estabelecem com o ficcional, na medida em que falam de uma verdade que só pode ser alcançada através da mediação da linguagem. Assumimos, aqui, o risco da empreitada de buscar um sentido a partir de uma interpretação da obra, mas sem pretendemos uma conclusão totalizante ou definitiva sobre ela. Nosso objetivo é tentar reconhecer, em um caso específico do filme, uma ponte entre o suicídio e a relação com o objeto materno.

3.2 — Apontamentos biográficos sobre Virginia Woolf

Para iniciar esta análise, apresentaremos alguns aspectos da biografia da escritora Virginia Woolf³⁶, uma das mulheres retratadas no filme *As horas*, já que alguns elementos importantes da trama se reportam a aspectos de sua vida. A história que deu origem ao livro *As horas* foi baseada no romance *Mrs. Dalloway*, escrito por Virginia Woolf. Além disso, a escritora é retratada no filme exatamente no período em que se dedicou à escrita desse livro. A fim de não estendermos nossa análise para além dos propósitos dessa pesquisa, vamos nos restringir aos dados que se relacionam mais diretamente com o recorte que faremos do filme.

Adeline Virginia Stephen nasceu em 1882, em Londres, e foi a terceira de quatro irmãos. Virginia sofreu de crises descritas como “colapsos mentais” durante sua vida, e a primeira delas se seguiu à morte de sua mãe, em 1895; segundo a escritora, este foi “o maior desastre que poderia ter acontecido”. Virginia obteve sua formação intelectual em casa, na biblioteca do pai, editor do *Dictionary of National Biography*, uma vez que não pôde ter acesso à mesma educação formal recebida pelos irmãos homens. Ela nutria grande admiração por mulheres fortes, como a escritora Madge Vaughan, mais tarde retratada como Sally Seton em *Mrs. Dalloway*.

Seu irmão George Duckworth, quatorze anos mais velho, foi o primeiro editor de seus livros. No último ano de vida, Virginia relata, em carta, que foi molestada por esse irmão aos seis anos de idade, abuso que continuou ocorrendo até por volta de seus vinte anos. Esse irmão não aparece no filme, mas a relação com a irmã Vanessa talvez retrate, sutilmente, uma erotização entre irmãos. Na ocasião de seu suicídio, Virginia escreve uma carta a Leonard e outra a Vanessa, por quem nutria grande afeição. No filme, essa relação alude ainda a um componente bissexual de Virginia, que manteve, ao longo da vida, algumas amizades femininas que foram fundamentais e pelas quais cultivava grande estima. É sabido, também,

³⁶ As informações sobre a vida da escritora Virginia Woolf foram retiradas da breve biografia que acompanha o livro *Mrs Dalloway* (Woolf, 2012) e do material extra do DVD do filme *As horas*.

que Virginia era uma crítica das restrições impostas à mulher na sociedade da época e que admirava aquelas mulheres que não se sujeitavam e conquistavam avanços nesse sentido.

Em 1904, o pai morre logo após terminar a edição do renomado *Dictionary of National Biography* e receber o prêmio de cavaleiro. Sua morte suscitou mais uma das crises de Virginia.

A escritora buscava a companhia de intelectuais que conviviam com seu irmão Thoby, e esse grupo, que se reunia para discutir política e arte, veio a formar posteriormente o *Bloomsbury Group*. Em 1912, casa-se com um de seus membros, Leonard Woolf, descrito como a presença estável necessária para controlar o humor de Virginia e estabilizar seu talento, pois ela confiava em seu julgamento literário. O casamento foi uma parceria importante em sua vida, embora haja indícios de que não havia um vínculo sexual entre eles.

Virgínia esteve doente com frequência na vida adulta, tendo passado por casas de repouso e sendo cuidada pelo marido. Em 1917, Leonard fundou a Hogarth Press para publicar seus próprios livros e para ajudar Virginia. A editora funcionava dentro da casa do casal, que não teve filhos, pois Virginia tinha sido aconselhada pelos médicos a não engravidar depois de seu terceiro colapso sério, em 1913. No entanto, ela gostava de crianças e passava muito tempo com os sobrinhos. Através do trabalho da editora, Virginia teve acesso a *Ulisses*, de James Joyce, e ajudou muitos autores, como Forster, Freud, Isherwood, Mansfield, Tolstoi e Chekov. Ela vendeu sua parte na empresa em 1938. Em 1939, os Woolf visitam Freud (cuja obra foi publicada na Inglaterra pela Hogarth Press), que na época vivia exilado em Londres.

Antes de sua morte, Virgínia publicou uma grande quantidade de material inovador. Membro do já renomado Grupo de Bloomsbury, ficou conhecida pelo uso de inovadoras técnicas literárias, sendo considerada a maior expressão do movimento modernista. Em contraste com a maior parte da literatura escrita antes de 1900, que priorizava o enredo e a descrição detalhada de personagens e cenários, a escrita de Woolf explorava os conceitos de tempo, consciência e memória, e o enredo enfatizava o mundo interior das personagens. Em março de 1941, Woolf deixa bilhetes suicidas para seu marido e sua irmã e se afoga em um rio próximo de casa. Ela temia a repetição de suas crises de loucura e sabia que não seria capaz de continuar a escrever.

O filme *As horas* traz muitas referências que se entrecruzam: deparamos com elementos biográficos que foram introduzidos ao transformar Virginia Woolf em personagem e aspectos do enredo de *Mrs. Dalloway* que são aludidos, mas nem sempre ficam claros ao

espectador. Julgamos que seria profícuo trazer à tona algumas dessas conexões, que talvez possibilitem uma compreensão mais aprofundada da história.

A personagem de Clarissa Dalloway, que dá nome ao livro, foi inspirada em Violet Dickinson, dama da sociedade que se suicidou e que era bastante próxima de Virginia. Segundo consta em seus diários, a ideia inicial da escritora era criar uma história que se passasse em apenas um dia, sobre uma mulher que terminaria por se matar, e o título provisório de tal obra seria *As horas*. Contudo, Woolf muda de ideia e decide matar, em seu romance, a personagem Septimus Warren Smith, um ex-combatente atormentado pelas lembranças da Segunda Guerra.

A maneira como Virginia construiu as personagens certamente foi fonte de inspiração tanto para Cunningham, autor do livro *As horas*, quanto para Daldry, diretor do filme. Esse estilo de construção das personagens é descrito em seu diário e comentado por Petterle da seguinte maneira:

“Virginia, numa anotação em seu diário em 30 de agosto de 1923, deixa clara a sua intenção com Mrs. Dalloway, chamado por ela de *As Horas*: “(...) escavo lindas cavernas por trás das personagens; acho que isso me dá exatamente o que quero. (...) A ideia é que as cavernas se comuniquem e venham à tona”. É este diálogo entre pensamentos recônditos, memórias e reminiscências que costura a trama e envolve os personagens nos romances de Virginia e Michael Cunningham”. (Petterle, 2005, p. 5)

3.3 — A trama das Horas

A narrativa do filme *As horas* perpassa pela história de três mulheres que têm em comum sua relação com a personagem de um livro: *Mrs. Dalloway*. Em diferentes épocas, elas se veem diante de aspectos mortíferos de suas próprias histórias. A primeira mulher é a escritora Virginia Woolf, interpretada por Nicole Kidman. Nos anos 20, ela se encontra envolvida com a escrita desse romance e com momentos de loucura, que a impelem ao autoextermínio. A segunda é a dona de casa Laura Brown (Julianne Moore), uma mulher da década de 50 que parece não se adequar aos padrões de perfeição ditados a ela como mãe, esposa e mulher, e que encontra no romance *Mrs. Dalloway* alguma semelhança com a angústia que experimenta em sua vida. A terceira é a editora Clarissa Vaughan (Meryl Streep), uma mulher contemporânea que, à semelhança de Mrs. Dalloway, dá festas “para encobrir o silêncio” e é chamada de Mrs. Dalloway por seu amigo e ex-amante Richard. Assim, o que se constrói é uma

“metanarrativa de histórias paralelas de mulheres diante do perigo de viver por um só dia que seja: Mrs. Dalloway sendo escrito por Virginia Woolf, em 1923; Mrs. Dalloway sendo lido por Laura Brown, em 1949; e Mrs. Dalloway sendo reatualizado no cotidiano pela editora de livros Clarissa Vaughan.” (p. 6)

Abordaremos aspectos do enredo relacionando-os à teoria que discutimos. Para tanto, privilegiaremos uma das histórias que se enlaçam na trama: a relação entre Laura Brown e seu filho, Richard, devido à riqueza de elementos que essa relação oferece no que tange às conexões com nosso tema de interesse. Tendo-a em vista, investigaremos elementos que se direcionam à hipótese de que, no suicídio de uma das personagens, encontraríamos o indício de uma falha na relação com a mãe, procurando pistas que iluminem as circunstâncias dessa falha e seus efeitos posteriores.

A dona de casa Laura, casada com o veterano de guerra Dan Brown e mãe do pequeno Ritchie, parece ocultar uma angústia que, já nas primeiras cenas, inquieta o espectador. O que se esconde por trás da aflição de Laura? Ela está grávida de mais um filho e não consegue preparar um bolo para o marido no dia de seu aniversário. Laura passa o dia na companhia de seu filho, que a observa atentamente. Enquanto Ritchie esboça um olhar que demanda amor, Laura expressa um afeto forçado e um olhar evasivo. Ao assistir às cenas entre os dois, o espectador percebe a angústia que os atravessa. Laura recebe a visita de sua vizinha Kitty, que se espanta com sua dificuldade de executar as tarefas de dona de casa. A dor dessa vizinha, que tenta ocultar seu pavor diante de um câncer, aparece como um escape para a dor de Laura.

Seu marido falante e afetuoso parece tentar sobrepor o mal-estar que paira na casa, falando efusivamente sobre como aquela é uma família afortunada e feliz. Seu comportamento contrasta com a expressão angustiada de Laura. Ritchie observa atentamente os gestos desajeitados de sua mãe e parece compreender algo da dor que a mobiliza. Em diversas cenas, ele olha e suplica pelo olhar fugidio e consternado de Laura, ao que ela responde com um sorriso mortificado.

Laura planeja se matar e leva o filho para a casa da babá para que cuide dele enquanto ela se dirige para um hotel, onde executaria seu plano. Nesse momento, testemunhamos mais uma vez a dor vivida por ambos, no instante da despedida. Laura poria fim à vida naquela tarde. O filho parece pressentir a tragédia que os olhos da mãe denunciavam e se desespera com sua partida.

A cena em que Laura se encontra numa cama de hotel e parece sonhar que a água inunda o quarto dá a sensação de seu afogamento na angústia. Naquela tarde, Laura não se mata, mas planeja seu destino. É preciso fugir para se salvar. Após o nascimento de sua filha, Laura Brown abandona a família, deixando aqueles que contavam com seu amor para tentar salvar sua própria vontade de viver.

Seu filho Richard, à época um menino, tornar-se-á, anos depois, um escritor importante, que, quando adulto, receberá um prêmio pelo conjunto de sua obra. Portador de HIV, ele se encontra bastante debilitado, física e emocionalmente. O escritor possui uma relação bastante íntima com Clarissa, sua ex-amante. É ela quem se dedica incansavelmente aos cuidados do amigo, durante vários anos. Contudo, no dia da premiação, Richard diz que não pode seguir adiante. Ele relembra a dolorida relação com a mãe, que deixa a família. Tendo que lidar com a doença e com a sombra dessa mãe abandonica, ele se mata tragicamente no dia em que receberia a homenagem. Clarissa, por sua vez, vive a dor de ver seu grande amor de juventude, Richard, desistir de viver. A cena do suicídio de Richard nos leva a ressignificar a história de sua infância e o seu anseio e angústia na tentativa de ocupar o lugar de objeto de amor de sua mãe, Laura. Qual teria sido o efeito desse abandono para Richard?

Há um ponto importante a ser investigado na relação entre Richard e a mãe. Ao assistir às cenas entre o pequeno Ritchie e sua mãe Laura, percebe-se que o garoto, em várias cenas, busca avidamente o olhar da mãe e que Laura tem uma relação amorosa com ele, embora se encontre bastante angustiada. Assim, podemos pensar que, nesse caso, não se trata de uma mãe que não investiu libidinalmente no filho, mas de uma relação que se viu prejudicada algum tempo depois desse momento mais fundamental. As consequências para a criança, se seguirmos essa hipótese, não foram menos nefastas, já que o abandono da mãe foi realmente vivido como trauma para Richard. Tal contexto nos parece semelhante à descrição que André Green tece do complexo da mãe morta, assinalando que a relação entre mãe e filho se deu sem maiores percalços, até que algum acontecimento externo a recolheu em um luto impossível de ser simbolizado pela criança. Nessa teorização, que já apresentamos anteriormente (p.39), Green ressalta justamente o fato de que a relação entre mãe e filho já tinha se estabelecido afetivamente e que a criança percebe essa retirada da figura materna.

“O que aconteceu naquele momento foi uma mudança brutal, verdadeiramente mutativa da imago materna. Até então, como testemunha a presença no sujeito uma autêntica vitalidade que sofreu uma brusca interrupção, um emperramento onde permanece bloqueada, uma relação rica e feliz se dava com a mãe.” (Green, 1980, p. 256)

Os cuidados maternos, assim como percebemos no filme, continuariam sendo dispensados pela mãe, contudo “o coração não está presente.” (p. 257)

Desse modo, concluiríamos que não se trata, no filme, de uma relação que desde sempre foi de rejeição e frieza por parte do objeto materno, mas de que algo se quebrara nesse ínterim, e que Richard tenta de toda maneira compreender, buscando recuperar o olhar

materno para si. Apesar de o filme sugerir que o pai, com sua atitude afetuosa e investida, possa ter ocupado uma função importante na maternagem desse filho, tal atitude parece não ter sido suficiente para que a personagem perdoasse a mãe.

É interessante notarmos que, no filme, Richard escreve um livro autobiográfico, “*The goodness of time*” (“A bondade do tempo”)³⁷, e neste enredo ele “mata” a personagem da mãe. No diálogo entre Clarissa e Louis Waters, amigo comum e também ex-amante de Richard, ele dá a entender que ambas se suicidam no livro: Clarissa e a mãe de Richard, o que não fica totalmente esclarecido. Tal dúvida reafirma a hipótese de que Richard revive, com a amiga, afetos primeiramente destinados à mãe. Do ponto de vista psicanalítico, as duas figuras femininas de certo modo se sobrepõem, e Richard revive com Clarissa seu modo de investir engendrado pela relação conturbada com o objeto materno. Como o “escritor criativo” de Freud, Richard tenta recriar a própria história em outros termos, reescrevendo esse passado de rejeição materna. É o prêmio por este livro que Richard não aceita, bem como a comemoração organizada por Clarissa. Seu suicídio, no dia da entrega do prêmio, transforma a festa em cerimônia fúnebre. Após a morte de Richard, Laura chega a dizer que compreende o fato de o escritor tê-la destinado à morte em seu livro, demonstrando conhecer os efeitos de sua decisão na vida do filho. Podemos pensar que talvez haja um aspecto a ser elucidado sobre a premiação pelo livro, que todos consideravam “difícil, pesado”. Para Richard, que em sua escrita mata a personagem da mãe, a impossibilidade do luto se dá justamente porque não é sem consequências a percepção de que a mãe está viva, mas se recusa a olhá-lo. Caso a morte da mãe tivesse ocorrido de fato, o lugar até então ocupado pelo objeto poderia ser, após o período de luto, preenchido novamente. Segundo Green, “a realidade da perda, seu caráter definitivo e irreversível terão modificado de maneira mutativa a relação objetal anterior.” (Green, 1980, p. 247)

O enredo levanta ainda uma questão interessante a respeito da personagem de Richard. Na análise que até então propusemos, o principal aspecto investigado é um entrave vivido na relação com a mãe nos primeiros momentos da vida e uma possível conexão com o ato suicida. Contudo, encontramos no próprio filme outro ponto fundamental. A escrita do livro “*The goodness of time*” nos remete a outra vertente investigativa a respeito do autoextermínio, à qual já aludimos inicialmente: a sublimação inerente ao processo criativo e seus desdobramentos nefastos. Com o advento da pulsão de morte, como vimos, também a

³⁷ Vemos aqui mais uma referência ao tempo, que é frequentemente um determinante na história. São constantes as alusões a atrasos, antecipações e adiantamentos das personagens. Contudo, este título não deixa de se apresentar com ironia: qual seria a “bondade” do tempo, em uma história em que o mesmo sempre termina por revelar seu aspecto fúnebre?

sublimação passa a ser compreendida em sua relação com esse polo pulsional destrutivo. O que está em questão é a emergência da pulsão de morte pelo movimento inerente à própria sublimação, que, no movimento de des fusão pulsional, libera as pulsões mortíferas sobre o eu, que pode então vir a sucumbir.³⁸

A análise de “*As horas*”, pela qual se verifica a questão da relação com a mãe, revela também um fator fundamental na investigação clínica: a sobredeterminação psíquica e sua relação com a repetição. O que se expõe, então, é a maneira como o inconsciente atua, reunindo as contingências que conduzem ao destino que parece estar selado desde o início: o fim trágico da personagem de Richard. Podemos considerar que este expressa a destrutividade que emerge do processo criativo, de modo que a escrita de seu livro demonstra o risco da experiência sublimatória e a precipitação de conteúdos destrutivos.

O tema da sobredeterminação foi bastante explorado por Freud, que buscou compreender os determinantes psíquicos que faziam com que um mesmo acontecimento se repetisse de modo totalmente alheio à vontade consciente do sujeito, como podemos observar no texto “O estranho” (1919), na compulsão à repetição, e mesmo na recorrência de um tema em obras literárias, como veremos adiante.

Ao analisarmos a construção de tal personagem, vemos que Cunningham, embora talvez não o saiba, se vale de uma construção que privilegia a sobredeterminação psíquica, e faz coincidir os elementos que convergem para a tragicidade do fim com o qual Richard se depara. A trama mostra como a pulsão mortífera exerce sua destrutividade por haver encontrado um território onde já circulava ostensivamente, de modo que a sua conturbada relação com a mãe abandonada se uniu aos aspectos destrutivos que emergiram na escrita do livro.

A identificação com o vazio apreendido da mãe, que traz em si a marca da morte, como vimos, instaura um buraco no lugar onde deveria haver a moldura que sustentaria e formataria os futuros investimentos objetivos — função enquadrante, como propõe André Green.

O suicídio de Richard, na presença de Clarissa, pode ser entendido como um ato endereçado àquela que cuidava dele, à sua mãe. É este o papel que Clarissa tenta insistentemente ocupar para Richard, ao que ele responde com o próprio aniquilamento. Este

³⁸ Trata-se, inequivocamente, de uma alusão às ideias apresentadas pela Profa. Ana Cecília Carvalho em seu livro “A poética do suicídio em Sylvia Plath” (2003), no qual a autora apresenta a relação entre o processo sublimatório e a pulsão de morte e seus efeitos no caso de uma escritora suicida. Como dissemos anteriormente, foi a introdução a estas ideias durante minha participação em Projeto de Iniciação Científica, ainda na graduação, que suscita a elaboração das ideias aqui apresentadas.

momento, como nos relembra Maria Rita Kehl (2007), pode ser compreendido à maneira descrita por Freud a respeito da melancolia: Richard encarna o melancólico, que se vinga do objeto abandonado, ao qual está ao mesmo tempo identificado, incidindo sobre si os maus tratos que, por vingança, ele desejaria remeter a esse objeto. Clarissa, por sua vez, ocuparia ao mesmo tempo o lugar da mãe, que nunca poderá suprir a rejeição vivida por Richard, e que está, por espelhamento, sendo levada por Richard a viver esse abandono, à semelhança do que ele viveu na infância. “Ao se atirar pela janela diante da incrédula Clarissa, reproduz em espelho, de forma invertida, o abandono da mãe que ele próprio não foi capaz de evitar.” (Kehl, 2007, p.41) A agressividade direcionada ao eu possui o caráter de vingança contra o objeto abandonado, ao qual está fatalmente identificado. Assim, para matar o objeto, é necessário desferir o golpe contra si mesmo.

Mas há ainda outra hipótese a ser considerada: Clarissa, que não parece ter superado a separação de Richard desde a juventude, se presta a suprir esse hiato deixado por Laura com seus incansáveis cuidados. Para Richard, contudo, a situação poderia ser da ordem do intolerável, já que uma espécie de reparação do objeto materno, agora encarnado por Clarissa, vem invadi-lo na figura da mulher que ele mesmo rejeitou anteriormente. Para Clarissa, Richard ter sido cuidado por aquela a quem ele não escolheu como objeto pode ser um triunfo, já que, dessa maneira, ele a aceitou em sua vida. Assim, o suicídio de Richard poderia ser também uma recusa a esse engolfamento, que Clarissa promove com seus cuidados e sua demanda de amor. O peso das projeções maternas que Richard destina a seus objetos de amor pode ter levado o ex-namorado Louis Waters a falar do fim da relação com Richard como um alívio e um reencontro com a liberdade.

Diante dessas hipóteses levantadas, apresentam-se duas saídas. A primeira seria escolher aquela que mais se aproximasse de uma percepção própria do filme, a partir das construções de cada espectador sobre a obra. Outra possibilidade seria compreender a multiplicidade de sentidos que podem influenciar em uma escolha, a já referida sobredeterminação psíquica, e supor que tais vias de compreensão não são excludentes, mas podem, ao contrário, ser complementares.

3.4 — O espelho vazio da janela

Como vimos no capítulo II, a queda diante da moldura da janela pode representar uma tentativa de encontrar o objeto que não demonstrou a consistência de sua presença. Além disso, encontramos aí também o eco da formulação lacaniana que compreende, no suicídio, a busca da imago materna. Ademais, a defenestração do melancólico se assevera no impulso do

sujeito de se unir ao nada, que ele, desde sempre, presume subsistir atrás das coisas. Identificado a esse nada, o sujeito atravessa o vão da moldura, para apoderar-se da verdade deste vazio que ele tomou para si. Esse vazio da imagem não encontrada no espelho se soma ao nada que o melancólico pressente atrás de cada objeto que se lhe apresenta e do qual ele desiste. Tal renúncia se explica em uma dupla vertente do seu discurso em relação aos objetos que se lhe apresentam e diante dos quais ele se rende ao fracasso: mais superficialmente, ele acredita que perdeu antes mesmo de entrar para o jogo (como se observa na fala do melancólico sobre sua incapacidade de se fazer amado), mas, no nível latente, o que ele não pode é trair o modelo ideal intocado que traz consigo, diante do qual objetos substitutos estariam sempre aquém.

Vemos que a personagem de Richard desdenha todo o empenho de Clarissa em valorizá-lo e animá-lo para a premiação que receberia pelo conjunto de sua obra. Não estaria essa rejeição vinculada a uma impossibilidade de acolher um novo objeto no lugar daquele primeiro que o abandonou? Ao considerarmos tal hipótese, deparamos com a incapacidade de investimento objetual por aquele que não se acredita digno de amor e, ao mesmo tempo, com a onipotência da figura materna, que não possibilitou a criação de um espaço psíquico de acolhimento de objetos substitutos futuros.

Lembremos a indicação de Lambotte de que o melancólico abandona o novo objeto ao primeiro sinal de inadequação com a figura ideal que traz consigo, para, em seguida, acusá-lo de traição. Porém, em seu discurso, resta a certeza de não estar à altura do encontro de um objeto que corresponda a sua demanda de amor — impossibilidade que se traduz em pessimismo, tristeza e fim da vontade de viver. Tendo em vista a conturbada relação do melancólico com o objeto, compreendemos a função da representação do espelho vazio, em sua frieza. A descrença na consistência do objeto e de sua presença remete Lambotte ainda ao *fort/da* freudiano, no qual o melancólico parece ter se cristalizado apenas na retirada do objeto, desistindo de sua reaparição jubilatória.

“E o objeto, no aspecto liso e desafetivizado que apresenta, parece-se mais ainda a um espelho quando ele não restitui nada de outro a não ser uma moldura vazia atrás da qual não há nada. O sujeito melancólico guarda-se bem de restituir aí o que quer que seja; e a segunda sequência do jogo do carretel não existe para ele, a não ser numa luta de morte com o objeto que o faz necessariamente ceder-lhe o lugar.” (p. 389)

Na cena que precede o suicídio de Richard, vemos a fotografia de Laura Brown vestida de noiva, com os olhos cerrados e com uma expressão semelhante à de uma pessoa morta. Através do jogo de luz e profundidade, essa imagem parece ser de uma mulher deitada

em seu caixão, sem cor e sem vida, embora extremamente bela. Não seria esta a figura que sustenta a identificação mortífera de Richard? O enquadre da cena se abre e percebemos que é Richard, já adulto, quem segura o porta-retratos com a foto da mãe, ao lado dos remédios dos quais depende para viver. Ao som de ambulâncias, acrescentam-se os gritos do pequeno Ritchie chamando por sua mãe, ambos diante da janela: Richard quando criança, agoniado pelo abandono que pressente na mãe, e o adulto que se tornou, invadido pela sombria identificação ao vazio que a falta de investimento narcísico da mãe causou. Na sequência, como se respondesse ao chamado de Richard, Clarissa se encaminha ao apartamento onde ele vive. O que o espectador vê enquanto Clarissa chega ao apartamento de Richard é a aproximação do vão escuro e emoldurado do elevador, buraco que nos remete à dor de Richard.

Ao entrar no apartamento, Clarissa encontra Richard alterado pela combinação de medicamentos que ingeriu, rasgando os papéis e tecidos que cobriam as janelas, para “deixar a luz entrar”. Ele então pede que ela conte uma história, rememorando os momentos que tiveram no passado. A maneira como se aninha na janela para ouvir Clarissa contando a história também nos remete a uma representação da função materna de oferecer contorno e contenção para o sujeito, vivida tão precariamente por ele. Richard se lembra ainda da figura da jovem Clarissa saindo pela porta da varanda³⁹, na época em que viveram um romance. Mais uma vez, o objeto e sua representação emoldurada: a relação que o melancólico estabelece com o objeto, recusando esse amor para não precisar colocar à prova o modelo ideal materno introjetado. Esse romance é descrito como um período de felicidade na vida de ambos, mas Richard faz Clarissa abandoná-lo. Essa sequência nos remete à concepção de Lambotte acerca da relação do sujeito melancólico com seus modelos ideais, na qual ele os abandona para, em seguida, acusá-los de traição. Como vimos, nenhum dos dois se recuperou dessa perda. Ele rompeu por não tolerar que ela ocupasse o lugar do objeto primário — lugar que, por ironia do destino, ela voltou a ocupar —, recebendo então o endereçamento do ato suicida de Richard. Repetindo a frase final da carta suicida que Virginia Woolf deixou ao marido Leonard Woolf: “Não creio que duas pessoas possam ser mais felizes do que fomos”, Richard deixa-se cair pela janela.

3.5 — Virginia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan: três faces do mortífero

³⁹No filme, a personagem usa o termo *Glassdoor*, “porta de vidro”.

Além das semelhanças que ligam essas três mulheres à Mrs. Dalloway, percebemos que o enlace entre as personagens se dá, ainda, através de um elemento mortífero, que convida a nos determos sobre alguns momentos em que Freud se deteve às articulações entre o tema da mulher e da morte.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1972), Freud interpreta um sonho que teve após uma viagem, quando se encontrava fatigado e faminto:

“Entrei numa cozinha à procura de pudim. Três mulheres encontravam-se de pé ali; uma delas, era a anfitriã e amassava algo na mão, como se estivesse fazendo *knödel* [bolinhos de massa]. Ela respondeu que eu devia esperar até que estivesse pronto. (Essas não foram as palavras precisas que ela pronunciou.) Fiquei impaciente e saí com um sentimento de melindre.” (p. 216)

No sonho de Freud, uma das Parcas esfregava as mãos como se estivesse fazendo *knödel*, fato curioso que logo demandou uma interpretação, a partir de outra lembrança. Aos seis anos, Freud ouviu uma explicação de sua mãe, que lhe queria ensinar que todos nós éramos feitos de terra. Diante da desconfiança do filho a esse respeito, Amália Freud esfregou a palma das mãos, no mesmo movimento de quando fazia bolinhos, e provou ao pequeno Sigmund, pelas pequenas camadas de epiderme que se soltavam pelo atrito, que sua teoria era verdadeira.

“Meu assombro a essa demonstração visual não conhecia limites e aceitei a crença que posteriormente iria ouvir expressa nas palavras: ‘*Du bist der Natur einem Tod schuldig*’ (‘deves à natureza uma morte’). Assim, foram realmente as Parcas que encontrei na cozinha quando nela entrei — como fizera tantas vezes na infância quando sentia fome, enquanto minha mãe, de pé ao lado do fogo, me advertia que devia esperar até que o jantar ficasse pronto.” (p. 218)

Nessa interpretação freudiana, a mãe surge como a detentora da vida e da morte, aquela de onde se vem e para onde se retorna. Assim, o que vemos é a duplicidade da figura materna, que se apresenta, por um lado, nutriz e cuidadora, e, por outro, assume um poder de vida e morte que põe em relevo uma faceta assustadora. Lembramos também a vinculação proposta por Lacan (conforme exposto no capítulo II) acerca da figura materna e de suas ressonâncias em rituais fúnebres, cerimônias de sepultamento e em fantasias que denotam uma conexão entre a morte e uma espécie de retorno ao ventre materno.

Freud nos conta que, ao analisar esse sonho, pensou inesperadamente no primeiro romance que havia lido, aos 13 anos, no qual um personagem, enlouquecido, ficava a chamar pelo nome das mulheres que lhe haviam dado maior felicidade e dor em sua vida.

“Em relação às mulheres, pensei nas Parcas que fiam o destino do homem, e eu sabia que uma das três mulheres — a estalajadeira no sonho — era a mãe que dá a vida, e além

disso (como no meu próprio caso), dá à criatura viva a primeira nutrição. O amor e a fome, refleti, encontram-se no seio de uma mulher”. (p. 271)

Desse modo, podemos nos perguntar se seria possível estabelecer um atrelamento entre o aspecto terrificante que a ocorrência de um suicídio frequentemente desperta e este caráter terrível da figura materna. Embora se trate de uma especulação teórica, é curioso percebermos que ambos — a onipotência materna e o autoextermínio — possam produzir esse sentimento de pavor, de modo que talvez seja proveitoso avaliar a influência inconsciente que subjaz a ambas as impressões, principalmente ao considerarmos que o suicídio, como vimos, remete a um reencontro com a figura materna primária.

Ademais, Freud enumera, em *O tema dos três escrínios*, os papéis exercidos pela mulher ao longo da vida:

“a mulher que o dá à luz, a mulher que é sua companheira e a mulher que o destrói... são as três formas assumidas pela figura da mãe no decorrer da vida de um homem — a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e, por fim, a Terra Mãe, que mais uma vez o recebe. Mas é em vão que um velho anseia pelo amor de uma mulher, como o teve primeiro de sua mãe; só a terceira das Parcas, a silenciosa Deusa da Morte, tomá-lo-á nos braços. (Freud, 1913, p.379)

Nesse texto, Freud discute a recorrência desta temática no universo artístico: a escolha entre três mulheres e a inevitabilidade que determina que tal escolha revele sempre, ao final, sua nuance mortífera. A morte, no entanto, pode ser representada como a morte de fato, como uma morte simbólica (representada através da mudez, por exemplo) ou, ainda, como uma mulher que apresenta, além da beleza e da sedução, características sinistras “de maneira que, a partir delas, podemos adivinhar o que jaz por baixo”. (Freud, 1913, p.377). Segundo Freud, essa escolha, por vezes ocultada sob a forma de uma bela mulher, a mais jovem, a mais pura, é a escolha da “própria Morte, a Deusa da Morte” (p.373).

Na análise de Freud, o elemento comum às histórias literárias é que há uma inversão que se origina de uma espécie de denegação: o que primeiramente é tratado como escolha se transforma em destino, o que traz um caráter necessário e divino ao que de fato ocorre como consequência das escolhas humanas e que irá se repetir incessantemente. Embora na ocasião desse texto Freud ainda não tivesse formulado a pulsão de morte, já percebemos a presença do caráter de repetição que induz à morte, ainda que esteja camuflada pela beleza, pelos encantos femininos. Podemos notar, também, que a própria repetição de que se trata já traz em si um elemento que tende ao conservadorismo da pulsão de morte.

Podemos pensar que o título *As horas*, ao ser abordado pela psicanálise, ganha mais uma nuance, talvez insuspeitada num primeiro momento. Nesse mesmo texto, vemos que, na mitologia grega, Moira era a deusa que personificava o “destino inevitável”. Posteriormente, essa deusa desdobra-se em três, a partir de outras deusas: as Graças e as Horas (as estações). As Horas passam a serem as detentoras das mudanças das estações do ano e, posteriormente, designam também o tempo, passando a marcar as horas do dia. A partir de uma significação mais profunda, tornam-se guardiãs da Ordem, que fazem com que o mesmo evento se repita sistematicamente na Natureza, e as deusas do tempo passam a serem consideradas as deusas do Destino. “As Horas, assim, tornaram-se as guardiãs da lei natural e da Ordem divina que fazem a mesma coisa reaparecer na Natureza numa sequência inalterável.” (p.375)

A ambiguidade presente no significante “as horas”, que a princípio se referiria ao tempo, parece designar algo da repetição que se estabelece na vida dessas mulheres. As horas seriam, talvez, a representação de um destino que já está, desde o início, selado para essas personagens: o encontro com o mortífero, que desde sempre as espreita. Embora vivam em tempos diferentes, elas parecem regidas pelo mesmo destino: deparar com o aspecto trágico de suas escolhas.

Virginia Woolf não consegue lidar com a loucura e termina por cometer suicídio. Laura, também atormentada pela ideia de autoextermínio, decide viver, mas tem que lidar com a amargura de ser a única “sobrevivente” entre os seus — todos morreram precocemente —, além da dor de se saber responsável pelo infortúnio familiar. Clarissa tenta a todo custo ajudar Richard a viver, mas ele se recusa, e é ela quem presencia seu suicídio. Assim, o tempo aparece como elemento que conduz inevitavelmente as personagens a seus destinos trágicos. Richard, em uma fala emblemática, expõe o duplo inimigo, tempo/destino, que o espreita: “Ainda tenho que enfrentar as horas”.

Talvez pudéssemos pensar na maneira como a morte é apresentada a cada uma dessas mulheres. Virginia vivia sob a constante ameaça da loucura, que perturbava sua escrita, além de impedir que pudesse viver em Londres, cidade que amava exatamente pela agitação que os médicos determinavam que ela evitasse. No filme, ela diz que, se tivesse que escolher entre a “anestesia sufocante” de Richmond, onde viviam, e a morte, ela escolheria a morte. Alguns anos depois, ela se suicida por afogamento no rio que passava próximo à sua casa. A imersão nessas águas dá a ideia do sufocamento que experimentava, assim como da invasão que a loucura operava em seu psiquismo. Essa cena, contudo, não é uma cena violenta, assemelhando-se mais a um deixar-se submergir.

No caso de Laura, parece haver um movimento contrário; de alguma forma, ela já se encontrava “morta” no convívio familiar e sabia que suportar aquela rotina lhe custaria a vida. A cena do sonho da inundação no quarto do hotel, para onde ela foi a fim de se matar, lhe indica que ainda há tempo de voltar a viver. Quando acorda, diz: “de novo...”, se referindo, possivelmente, à recorrência de tal imagem em seus sonhos. Laura foge e diz que seria bom dizer que se arrependeu de tal decisão, mas pergunta: “o que quer dizer que se arrepende quando não se teve escolha?”.

Clarissa Vaughan terá que viver com a dor de ter perdido o amor de sua vida; poderíamos supor que a morte, para ela, seria ter que “enfrentar as horas” sem Richard. Nesse sentido, lembramos a fala de Clarissa a respeito de Richard, que provoca a mágoa em sua filha Julia: “Quando estou com ele me sinto vivendo, quando não estou tudo é sem sentido.” Assim, Clarissa vai ter que enfrentar esse “sem sentido”, anunciado já por Richard: “Quando eu morrer, você vai ter que pensar em sua própria vida”.

É preciso demarcar ainda que a morte expressa no filme se aproxima da ideia de Lacan a respeito de um “suicídio não-violento” (p.16) e também das ideias de André Green acerca das perdas referentes ao objeto, nas quais “o contexto nunca é sanguinário”. (Green, 1980, p. 251). Se, por um lado, no caso de Virginia houve uma lenta submersão nas águas, no caso de Richard ele não se atirou pela janela; deixou-se desabar. Nesses movimentos, mais que um salto em direção ao abismo, vemos um deixar-se cair no nada.

Considerações finais

Em nosso percurso teórico, apresentamos ideias que convergem para a relação entre uma falha precoce no encontro com o objeto materno e o ato suicida. Não se trata, como vimos, da proposição de uma causalidade direta ou necessária, mas do esforço de investigação de elementos que sugerem articulações possíveis entre os dois termos. A pesquisa sobre o suicídio não é privilégio do campo psicanalítico; pelo contrário, a complexidade desse fenômeno provoca o anseio investigativo de diferentes áreas. Lembramos, nesse sentido, que Émile Durkheim inaugura o pensamento sociológico ao abordar tal tema sob o enfoque social, estabelecendo influências da sociedade nesse ato primordialmente individual.

Contudo, o que focamos nesse estudo é a possibilidade de o ato suicida ser compreendido à luz da teoria psicanalítica das relações de objeto, interpelando-nos a respeito da significação subjetiva, sempre compreendida no “caso a caso”, que se pode alcançar a partir do mesmo. Isto não significa, insistimos, estabelecer aí umnexo causal, o que estaria apartado de uma compreensão psicanalítica sobre o ato suicida.

Nesta pesquisa, percorremos dois eixos investigativos. No primeiro, apresentado no capítulo I, traçamos as elaborações de Freud concernentes ao autoextermínio e à atuação do impulso mortífero, buscando a causalidade inconsciente dos atos agressivos que se voltam contra o próprio eu. As discussões das sessões de quarta-feira e o contexto que culmina na elaboração do conceito de pulsão de morte foram determinantes para que tal formulação pudesse ser contemplada na discussão. Tendo seguido esse caminho, lançamos mão dos elementos que permitiriam uma melhor compreensão de outras questões, já no âmbito das relações de objeto.

No capítulo II, apresentamos as teorizações freudianas acerca da melancolia e de seus aspectos relacionados às instâncias psíquicas formuladas na segunda tópica. A partir desse ponto, elencamos formulações de outros autores que contemplam a primeira relação de objeto e os possíveis efeitos do estabelecimento de uma relação adversa entre mãe e bebê. O que se verifica é que essa vivência ocorre muito precocemente, e talvez por isso deixe marcas tão definitivas no funcionamento psíquico. Para compreender como se dá essa falha, seguimos as teorizações que abarcam a metapsicologia da melancolia, observando a precocidade característica da falha na relação objetal em sujeitos melancólicos. Considerando que a metapsicologia da melancolia não prescinde da compreensão acerca da pulsão mortífera, pareceu-nos pertinente abordar a melancolia após havermos considerado as formulações que subsidiam a pulsão de morte, apesar da cronologia dos textos freudianos. Desse modo, é

possível compreender e fundamentar teoricamente o aspecto mortífero que pode tomar a manifestação melancólica, obtendo uma visão mais completa de sua metapsicologia.

Tendo em mãos algumas teorizações que caracterizam o encontro com a alteridade, vimos que a situação de desamparo diante do outro é potencializada pela ocasião em que ocorre, qual seja, a dos primeiros momentos da inserção do bebê na vida relacional, a convite e por estímulo materno. Essa falha deixa marcas que ressoarão indefinidamente na vida psíquica daquele sujeito, e é pela baliza dessa vivência que a criança se encaminha para a fase do estágio do espelho.

A problemática especular será definitiva na construção dos moldes segundo os quais aquela criança passará a se ver e se relacionar com o mundo. É pelo primeiro olhar oferecido pelo outro que um sujeito pode formar uma imagem de si; ele se vê da forma como foi olhado. Sobre esse aspecto, salientamos que é preciso estar atento a um processo que já estaria em andamento e que a descoberta da imagem de si e da mãe vem acirrar. A introdução da fase pré-especular, em especial no que concerne à *nova ação psíquica* proposta por Freud no momento de constituição do narcisismo, localiza neste momento a definição da maneira como vão se constituir futuras relações de objeto. Tal ação se fundamenta como momento necessário para que o bebê passe da dispersão autoerótica para a unidade narcísica. Assim, mostrou-se necessário abordar a problemática especular tendo em vista a compreensão de seus liames em um momento ainda mais arcaico, pois uma compreensão mais abrangente da fase do espelho se apresenta ao levarmos em conta também momentos anteriores que se somam a essa vivência. Além disso, seguindo a diretriz indicada por Freud, concentramo-nos na metapsicologia da melancolia, que, já em 1910, é apontada como conceito-chave para a compreensão psicanalítica do suicídio.

Na esteira da caracterização desse momento, foi preciso ainda compreender a apreensão que a criança fará do objeto materno e que colorações de sentimentos estarão presentes nessa relação. Como veremos, o estado psíquico da mãe será crucial nesse tempo, que oferece (ou não) a chance de a criança se sentir amada e acolhida por um olhar de ternura. Para que isso seja possível, a mãe deve ter uma reserva libidinal suficiente para que seja capaz de investir nessa criança, que partirá para a construção de seus ideais, munida dos moldes fornecidos por essa primeira relação.

No que concerne à influência dos modelos ideais no psiquismo, interessa destacar a importância da instância superegoica como proveniente da relação com a figura paterna, tanto no que se refere ao que Freud descreve como a “identificação ao pai da pré-história pessoal”, quanto na relação edípica, que Freud assinala como fundadora do supereu, herdeiro dessa

vivência. Aqui, constatamos ser insuficiente entender o supereu apenas a partir do Complexo de Édipo, já que podemos, partindo de referências pós-freudianas, verificar a presença de um supereu arcaico atuante desde muito cedo. A atuação do supereu será ainda reconhecida na postura do melancólico diante do destino, compreendido então como externalização dessa instância que critica e submete o eu a seus ditames.

Além da relação do melancólico com o destino, pelo qual se sente escolhido em seu infortúnio, observa-se ainda outra postura característica desse estado: o negativismo.

Todavia, esse negativismo pode ter uma dupla função para o sujeito. Por um lado, o negativismo toma completamente o discurso do paciente; porém, esse estado “entre-duas-mortes”, do qual nos fala Lambotte, demarca a função psíquica que o negativismo dos melancólicos pode exercer: uma paradoxal proteção contra o suicídio.

Lambotte aponta para a possibilidade de que o sujeito melancólico, que conhece essa primeira morte — pois sabe que não pôde ocupar esse lugar idealizado onde permaneceria na relação fusional com a mãe — encontre em seu discurso uma maneira de se proteger de uma “segunda morte”, a morte de fato, que atualizaria esta primeira, em seu modo próprio de construir um discurso sobre sua posição. Seu discurso, ancorado no negativismo que lhe é característico, funcionaria como uma defesa para impedir que ele mesmo desapareça juntamente com o objeto que se esvai. Se não foi possível ao melancólico ser reconhecido, ele pode fazer de sua condição sua marca identitária. “Ele foi atingido, pois, por uma morte narcísica, morte que lhe escapa e que ele se empenha manifestamente em significar através da argumentação lógica de seu discurso.” (Lambotte, 1997, p.469)

Essa constatação coloca um desafio para a clínica, pois será essencial reconhecer, no “caso a caso”, a função exercida pelo negativismo, compreendendo que este pode ser muitas vezes necessário ao sujeito. Ao mesmo tempo, sabemos que, em muitos casos, o discurso negativista envolve cada vez mais o sujeito em conteúdos que lhe são “tóxicos” e que pioram seu quadro, podendo levá-lo ao suicídio.

Talvez possamos ainda refletir sobre uma conexão entre a função do negativismo e a reação terapêutica negativa, que traz em sua problemática a questão do traço remanescente do objeto perdido, como vimos (p. 12). Seria possível reconhecer no negativismo a tentativa de manutenção do objeto internalizado? No momento, deixamos essa questão como uma possibilidade a ser investigada posteriormente, tendo em vista o impacto que tais formulações teriam sobre a clínica. Tal movimento é aludido por Júlia Kristeva, em uma descrição sobre o afeto depressivo, que certamente inspira o negativismo posteriormente proposto por Lambotte, inclusive em sua função de defesa egoica.

“De fato, a tristeza reconstitui uma coesão afetiva do ego, que reintegra a sua unidade no invólucro do afeto.... Em consequência disto, o afeto depressivo substitui a invalidação e a interrupção simbólica (o ‘isso não tem sentido’ do depressivo), ao mesmo tempo em que protege contra a atuação suicida. Entretanto, esta proteção é frágil. A recusa depressiva que aniquila o sentido do simbólico também aniquila o sentido do ato e conduz o sujeito a cometer o suicídio sem angústia de desintegração, como uma reunião com a não-integração arcaica tão letal quanto jubilatória, ‘oceânica’.” (Kristeva, 1989, p. 25-26)

Ao analisarmos o ato suicida, encontramos uma correlação entre esse ato e uma busca pelo reencontro com o objeto perdido, uma espécie de inscrição de uma relação que há muito já se perdeu, mas à qual o ato remete. Nos termos de Lacan, suicídios “não-violentos”, que trazem em sua significação a colocação em cena de um retorno ao ventre da mãe.

Sobre essas atuações que remetem ao objeto materno, vimos, ainda, a relação entre a masturbação e a fantasia incestuosa, dada sua origem na relação amorosa com a mãe. Assim, é cabível pensar que o suicídio atuaria também como cumprimento da fantasia incestuosa, algo que transgride a proibição contra o incesto, que, tanto na masturbação quanto no suicídio, se transformam em ato. Ademais, a fantasia de união ao corpo materno que subjaz em ambos os casos reitera o caráter inconsciente que justifica o tabu prevalente em ambos os temas: o incesto e o suicídio.

Pesquisando as bases teóricas do conceito de pulsão de morte, verificamos ainda um ponto a ser explorado em momentos posteriores. Como se sabe, o conceito de pulsão de morte nunca foi consenso entre os psicanalistas; mesmo aqueles que aderiram a essa conceituação divergem quanto a seus fundamentos, origens e utilização na teoria. Percebemos, assim, algo da ordem de uma resistência provocada pelo conceito. Caberia, portanto, a hipótese de interpretação da resistência que se erige pela concepção de um impulso destrutivo naqueles que se lançam à tarefa de compreender e teorizar sobre o psiquismo humano. Podemos pensar que esses conteúdos se aproximam daqueles provocados pelo tema do suicídio? Mesmo em Freud encontramos momentos de questionamento sobre a índole humana nos quais o psicanalista parece incrédulo sobre a atuação de forças capazes de subjugar a “poderosa pulsão de vida”, tanto no que se refere a comportamentos agressivos e mortíferos, quanto em relação à destrutividade levantada contra si mesmo. Baseando-nos nessas constatações, parece profícuo traçar um paralelo entre as resistências mobilizadas pelo conceito de pulsão de morte e pelo ato suicida. Parece haver certo incômodo que perpassa por ambas as temáticas, e cabe ao psicanalista se perguntar sobre as origens dos afetos mobilizados pelo assunto. Podemos supor, ademais, que esse caráter aterrador que a notícia de um suicídio nos provoca talvez possa encontrar suas origens no sentido que buscamos revelar nesta pesquisa: a familiaridade

entre o ato suicida e a figura materna, reconhecendo nesse terror algo de um passado recôndito, uma relação fusional da qual é preciso se livrar, ao mesmo tempo em que se reconhece, ali, a origem do desejo.

Referências Bibliográficas ⁴⁰

Camus, A. (1989). *O mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo*. (M. Gama, trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Carvalho, A. C. (1999). É possível uma crítica literária psicanalítica? *Percursos*: número 22. (pp. 59-68).

Carvalho, A. C. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Ferenczi, S. (1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras Completas*. Trad. (Á. Cabral, trad., Vol.1, pp. 47-51). São Paulo: Martins Fontes. (1ª ed.) (Trabalho original publicado em 1929).

Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.1, pp. 381-533). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895).

Freud, S. (1977). Carta 71. In *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.1, pp. 356-359). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897/ 1950[1892-1899]).

Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In Capítulo V- O Material e as fontes dos sonhos. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp. 13-332). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1969). A psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6, pp. 13-332). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 123-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1969). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 13-98). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

⁴⁰ De acordo com a APA- American Psychological Association.

Freud, S. (1976). *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. In *Breves Escritos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp.217-218).Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1910).

Freud, S.(1976). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 53-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1910).

Freud, S.(1969). *O tema dos três escrínios*. In Artigos sobre técnica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 365-382). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1913).

Freud, S.(1969). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 114, pp. 85-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1914).

Freud, S.(1974). *Luto e melancolia*. In Artigos sobre metapsicologia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 271-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1917).

Freud, S.(1976). *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 223-256). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S.(1974). *O estranho*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 273-320). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S.(1976). *Além do princípio do prazer*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 13-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1920).

Freud, S.(1976). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 183-214). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1920).

Freud, S.(1976). *Psicologia de grupo e análise do ego*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 89-181). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1921).

Freud, S.(1976). *O ego e o id*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 13-86). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1923).

Freud, S.(1976). *O problema econômico do masoquismo*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 197-214). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1924).

Green, A. A mãe morta. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

Kehl, M.R. *O tempo e o cão_ a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

Kehl, M.R. *Ressentimento_ Clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do psicólogo, 3ª edição, 2004.

Kristeva, J. *Sol negro_ depressão e melancolia*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares na formação do indivíduo _ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1938).

Lacan, J (1992). *O Seminário livro 8: a transferência*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp.96-103). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Campo freudiano no Brasil).

Lambotte, M.-C. (1997). *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. (S. R. Filgueiras, trad). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Leclair, S. (1968). O ouvido com que convém ouvir. In: *Psicanalisar*. 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 1986, pp. 7-24.

Les premiers psychanalystes. (1978) *Minutes de la Société psychanalytique de Vienne.* Tomo II. Séance du 20 avril 1910. Paris: Gallimard.

Massa, E.S.C., Moreira, L.S., Oliveira, M.C. & Drummond, P.R. (2009). Psicanálise e literatura: os caminhos da sublimação no espaço literário. In *I Congresso Nacional de psicanálise, Direito e Literatura.* (pp.485-501). Belo Horizonte: Faculdade Milton Campos. Recuperado em 20 de novembro de 2010, de http://conpdl.com.br/conpdl_anais.pdf.

Ortega M., M.C. Tese: *Muerte, pulsión y suicidio.* Para Universidad Autónoma de Querétaro. México, 2009.

Petterle, A. (2005). O tempo das horas - um ensaio sobre o tempo nas narrativas de *Mrs. Dalloway* e de *As horas*. São Paulo: USP. Recuperado em 06 de abril de 2012, de www.eca.usp.br/caligrama/n_3/AndiaraPetterle.pdf

Rudin, S. & Fox, R. (Produtores) & Daldry, S. (Diretor). (2002). *As horas*. [DVD]. Lumière: Miramax internacional.

Segal, H. (1988). Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In: *A pulsão de morte.* Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta. (pp. 31-43)

Villaurutia, X. (2008). Nocturno mar. Recuperado em 12 de abril de 2012, de <http://www.poesiaspoemas.com/xavier-villaurutia/nocturno-mar>.

Woolf, V. *Mrs Dalloway.* (2012) Tadeu, T. trad. e notas. Belo Horizonte: Autêntica.